

Vagner Paulo Cazarotto Guarezi

VISÃO DE UM JORNALISTA NORTE-AMERICANO NA  
IMPrensa BRASILEIRA: DREW PEARSON NA  
REVISTA *O CRUZEIRO* (1959-1961)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Setti Reckziegel.

Passo Fundo

2014

Em primeiro lugar, agradeço à minha esposa, Maríndia, pelo apoio, pelo afeto, e por passar momentos ao meu lado, ajudando na construção e na lapidação do trabalho, tornando-se parte fundamental na pesquisa.

Agradeço à professora Ana Luiza, minha orientadora, que desenvolveu, acompanhou e ladrilhou nosso caminho ao resultado.

Ao PPGH e a todos os professores, que, nas conversas de corredor e em sala de aula, deram sua parcela na estruturação do projeto; e a Jenifer, pelo auxílio e apoio.

À UPF, pela bolsa que permitiu dar continuidades aos meus estudos.

Agradeço também às meninas Jude, Brenda e Sofia, que alegraram os momentos de dificuldade.

À minha família, pais, irmãos e avós, que sempre me deram suporte e ajudaram na pesquisa de campo.

Aos colegas do PPGH.

Muito obrigado a todos que fizeram parte deste trabalho.

O resultado só foi possível graças a vocês.

Obrigado.

Dedico este trabalho à minha esposa Marindia e a nossa pequena Jude.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a coluna *Carrossel do Mundo*, escrita pelo jornalista norte-americano Drew Pearson, na revista *O Cruzeiro* no período 1959-1961. Nesta análise, destacaremos os principais temas abordados por Pearson. O século XX foi marcado por constantes e grandes evoluções. Muitas delas criaram e alimentaram os maiores conflitos da história. Ideologias, conceitos e novas opções sociológicas surgiram, deram opções e viraram referências. As tecnologias desenvolvidas facilitaram a vida, derrubaram fronteiras e criaram disputas. O Brasil desse século foi desenhado por traços norte-americanos. A influência dos Estados Unidos criou conceitos e disseminou a cultura, a economia e a ideologia no país. Jornalisticamente falando, foi o jornalismo norte-americano que serviu como base para diagramar e estruturar os acontecimentos no país. Partindo desse pressuposto, a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928, anexou ao seu esquadrão de ouro o jornalista norte-americano Drew Pearson, referência nas pautas de política internacional. Utilizando a revista como fonte para a pesquisa, buscamos em Drew Pearson o objeto a ser estudado no período de 1959-1961. Drew Pearson foi referência no jornalismo mundial. No Brasil, *O Cruzeiro* apresentava e trazia novidades aos leitores. Sua circulação alcançava os mais diversos cantos do país, fazendo com que sua abrangência e seu acesso se tornassem um marco dentro do período estudado. Pearson completava a americanização na revista. Dividia as páginas do semanário com anúncios, propagandas e notícias sobre o imaginário norte-americano. Tendo como objeto de estudo a coluna *Carrossel do Mundo*, nosso alvo é mostrar e analisar os temas debatidos na coluna, inserindo-nos no contexto internacional. A revista foi um veículo formador de opinião, seu conteúdo era de grande variedade e focava-se em um público de maior poder aquisitivo. O periódico trazia notícias a partir da visão de um jornalista norte-americano, vinculado em um meio de comunicação com origens capitalistas e com ideologias norte-americanas.

**Palavras-chave:** *O Cruzeiro*. Drew Pearson. Imprensa. Estados Unidos.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the *Carrossel do Mundo* column, written by American journalist Drew Pearson, in the magazine *O Cruzeiro* in the period 1959-1961. In this analysis, we will highlight the main topics discussed by Pearson. The twentieth century was marked by constant and big evolutions. Many of them have created and fueled the biggest conflicts in history. Ideologies, concepts and new sociological options have emerged, gave options and became references. The technologies developed made life easier, brought borders down and created disputes. The Brazil of this century was designed by American traits. The influence of the United States created concepts and spread the culture, the economy and the ideology in the country. Journalistically speaking, was the American journalism that served as the basis for diagramming and structuring developments in the country. Based on this assumption, the magazine *O Cruzeiro*, created in 1928, annexed to its gold squadron the American journalist Drew Pearson, reference on the platforms of international politics. In Brazil, *O Cruzeiro* presented and brought new to the readers. Its circulation allowed to reach the most diverse corners of the country, making their coverage and access become a mark within the study period. Pearson completed the Americanization in the magazine. Divided the pages with of the weekly magazine advertisements, and news about the American imagination. Divided the weekly magazine's pages with advertisements and news about the American imagination. Having as object of study the *Carrossel do Mundo* column, our aim is to show and analyze the topics discussed in the column, immersing ourselves in the international context. The magazine was a vehicle for forming opinion, its contents had a great variety and was focused on a readership of higher purchasing power. The periodic brought news from the perspective of an American journalist, linked to a communication medium with capitalist origins and American ideologies.

**Keywords:** *O Cruzeiro*. Drew Pearson. Media. United States.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Revista <i>O Cruzeiro</i> de 29 de outubro de 1960.....	20
Figura 2 - <i>O Cruzeiro</i> 10 de janeiro de 1959.....	21
Figura 3 - <i>O Cruzeiro</i> 10 de janeiro de 1959.....	21
Figura 4 - <i>O Cruzeiro</i> 10 de janeiro de 1959.....	22
Figura 5 - Recorte da edição de 26 de julho de 1947 apresentando Drew Pearson.....	39
Figura 6 - Editorial da revista <i>O Cruzeiro</i> .....	41
Figura 7 - Revista <i>O Cruzeiro</i> 9 de agosto de 1947. ....	42
Figura 8 - Revista <i>O Cruzeiro</i> 28 de novembro de 1959.....	42
Figura 9 - Revista <i>O Cruzeiro</i> 11 de agosto de 1962 .....	43
Figura 10 - Revista <i>O Cruzeiro</i> de 27 de maio de 1959.....	49
Figura 11 - Revista mostra a ascensão de Jânio em sua capa de 22 de outubro de 1960 .....	97

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 O CRUZEIRO: UM MODO AMERICANIZADO DE FAZER IMPRENSA .....</b>	<b>13</b>
1.1 <i>O Cruzeiro</i> : da origem à incorporação de Drew Pearson .....	13
1.2 A americanização cultural nos anos 1940 .....	29
1.3 O poder e a informação: o Brasil que recepcionou Drew Pearson.....	33
<b>2 DREW PEARSON: A FEIÇÃO NORTE-AMERICANA EM O CRUZEIRO .....</b>	<b>37</b>
2.1 A “COLUNA” <i>Carrossel do Mundo</i> : os discursos de Pearson .....	40
2.2 Jornalismo norte-americano e imprensa brasileira .....	45
2.3 <i>O Cruzeiro</i> : a ascensão e o capital norte-americano .....	46
<b>3 O CRUZEIRO ENTRE USA E URSS (1959) .....</b>	<b>56</b>
3.1 A Revolução Cubana .....	65
3.2 A importância do Brasil no contexto da Guerra Fria.....	71
<b>4 VELHOS PROBLEMAS E NOVAS SOLUÇÕES: 1960 SEGUNDO PEARSON .</b>	<b>78</b>
4.1 Novos governos, velhos problemas .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

Em um país com aproximadamente 40 milhões de habitantes, surgiu, em 1928, a que se tornou a maior revista da América Latina, *O Cruzeiro*. Criada a partir da expectativa de expansão dos *Diários Associados*, grupo do empresário, jornalista, professor e advogado Assis Chateaubriand, a revista foi um veículo à frente de seus concorrentes e de seu tempo, criando conceitos e contando a história nacional dentro de sua óptica.

Colorido, recheado de novidades, dicas e imagens. Assim foi editado o primeiro exemplar da revista que acompanharia e descreveria a história do país e do mundo. A revista acompanhou mostrou e divulgou empresas, sociedade e levou ao leitor imagens de um Brasil ainda inexplorado. Essas páginas, impressas em seus 46 anos de circulação, são documentos do que era o Brasil e o mundo no período.

Foi a partir dessas páginas, dentre as diversas reportagens, entrevistas e artigos publicados por colunistas, que levantamos a temática desenvolvida nesta dissertação. Em 1947, a revista incorporou em seu “esquadrão de ouro”, como definiu Accioly Neto, um jornalista norte-americano, respeitado, admirado e acompanhado no mundo todo, Andrew Russel Pearson. Drew Pearson, codinome com o qual assinava os textos, escrevia livros, colunas, dirigia programas de rádio e, como jornalista, fez carreira ao acompanhar e se dedicar aos escândalos e às notícias da Casa Branca.

Drew Pearson foi um dos mais conceituados e respeitados jornalistas de seu período. Suas projeções eram respeitadas e pautadas no governo norte-americano. Sua influência internacional justificou a reprodução de seus artigos em *O Cruzeiro*.

Pearson tornou-se, no decorrer da carreira, uma influência e referência entre os jornalistas do período. *O Cruzeiro* publicou, mostrou fatos, curiosidades e, sobretudo, diagnosticou problemas e evidenciou ideologias, apresentando como resultado a postura pró norte-americanos.

Sua coluna na revista era intitulada *Carrossel do Mundo*, na qual eram abordados os mais diversos temas, especialmente voltados ao governo norte-americano e suas relações internacionais no período em evidência, com destaque para as mantidas com a União Soviética e com Cuba.

Para descrevermos o discurso informativo de Pearson, precisamos saber a origem do meio ao qual a revista e o colunista pertenciam. De acordo com Charaudeau:<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17.

As mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública ainda que sejam para o bem estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos passionais provocados.

As palavras de Charaudeau remetem-nos a uma imprensa com posição demarcada. No mundo bipolarizado desse momento, o discurso de Pearson disse muito sobre a linha adotada pela revista, seus interesses políticos e empresariais.

Em nossa pesquisa, iremos acompanhar os artigos publicados por Pearson em sua coluna semanal na revista. Pearson foi colunista da revista por 17 anos. A permanência tão longa de um articulista norte-americano em uma revista brasileira despertou nosso desejo de investigar mais a fundo seus artigos e o sentido desses naquele contexto. Por questão de possibilidade de análise, recortamos cronologicamente os anos de 1959 a 1961, período em que a Guerra Fria – com a corrida espacial e armamentista entre Estados Unidos e União Soviética – reacendeu.

Como referência sobre a revista, podemos citar o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, escritor do livro *Cobras Criadas*. Em conversa via e-mail, Carvalho relatou-nos a falta de informação sobre o período e documentação referente à Drew Pearson em *O Cruzeiro*. Desse modo, tentar desvendar um pouco da história da relação de Pearson com *O Cruzeiro* e analisar a fala de Pearson sobre a política norte-americana do período constitui o objetivo deste trabalho.

Nosso objetivo consiste em verificar o que Drew Pearson publicou durante os anos de 1959 até 1961 e assim, mostrar como o período foi visto por um jornalista com trânsito livre no Senado norte-americano, seja por meio de suas fontes, pesquisas ou valendo-se de seu *status* para publicar e analisar os fatos. Nosso foco é ver o conteúdo desse discurso e situá-lo no contexto da época.

A informação propriamente dita é composta de dois extremos, receptor e transmissor. Em nosso caso, trabalharemos com a transmissão da informação através do discurso de Drew Pearson, construindo e dando sentido aos seus textos.

A revista *O Cruzeiro*, por meio de Pearson, buscou agregar sentido e valor ao seu veículo. O sentido transmitido pelos textos criava a informação defendida e, principalmente, em prol do capitalismo, haja vista a ascensão comunista no período. Com isso, inferimos a coluna *Carrossel do Mundo* como fornecedora de sentido e pretendemos discutir o discurso de Drew Pearson.

Segundo Charaudeau, “a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo”,<sup>2</sup> ou seja, veremos o discurso de Drew Pearson, seus objetivos e seus ideais como transmissor da informação. Dentro das publicações, iremos abordar o contexto Cuba, Estados Unidos e União Soviética, costurando o discurso da Guerra Fria.

Os textos escritos por Pearson tinham cunho informativo e, ao mesmo tempo, representavam seus ideais como transmissor e conhecedor dos assuntos. Com isso, podemos citar que:

As provas da verdade, ou, melhor dizendo, da veracidade de uma informação, são igualmente da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito.<sup>3</sup>

A veracidade da informação anda junto com o interesse do veículo que a publica. Drew Pearson escreveu seus textos sob os olhares norte-americanos, com a pressão e o crescimento soviético e, ainda, vinculando as informações para o leitor capitalista e anticomunista.

A informação transmitida por Pearson e veiculada pela revista representou também a posição do veículo enquanto imprensa comunicadora. As representações da realidade que o esse mostrava em suas páginas, produziram valores de acordo com o seu ideal social. Para Charaudeau:

As representações ao constituírem uma organização do real através das imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real.<sup>4</sup>

A informação estampada na revista era a realidade, segundo o semanário, vivida no período. No entanto, é necessário atentar para o fato de que as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem no espaço público como uma visão e um sentido particular do mundo.<sup>5</sup> Será nesse sentido que a coluna *Carrossel do Mundo* terá significado.

---

<sup>2</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 33.

<sup>3</sup> Idem, p. 55.

<sup>4</sup> Idem, p. 47.

<sup>5</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 19.

A opção pelo período analisado dá-se em função de que, nesse momento, a Guerra Fria recrudescera, sendo o discurso da mídia muito focado no binômio capitalismo-comunismo. O ano de 1959 foi particularmente importante em razão da revolução em Cuba, que, logo depois, se declararia socialista. A pequena ilha afrontou o equilíbrio de poder regional e plantou na América Latina um sistema antagônico aos dos Estados Unidos. A análise estendeu-se até o ano de 1961, cujo marco nesse contexto de Guerra Fria foi o lançamento da Aliança para o Progresso, programa de assistência ao desenvolvimento da América Latina, excluindo Cuba.

A base documental para a pesquisa foi selecionada a partir dos acervos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, da Unisinos de São Leopoldo, da hemeroteca da PUCRS, Museu Olívio Otto, em Carazinho e acervo pessoal do autor. Foi, inclusive, através desse acervo, que contém cerca de 400 edições, de 1952 a 1970, que surgiu o interesse em pesquisar o periódico.

Durante a pesquisa, lemos e fichamos em torno de trezentos exemplares da revista, entre a coluna *Carrossel do Mundo* e sumários da revista sobre Drew Pearson. Referente ao período evidenciado, 1959-1961, selecionamos para a análise 120 exemplares, sendo inserida na dissertação uma amostragem de 45%.

A coluna *Carrossel do Mundo* era focada na conjuntura política internacional. Para tanto, a Guerra Fria foi o assunto principal destacado na pesquisa. Nossa análise irá consistir nos assuntos norteados, ligados e condicionados pela guerra de nervos, da guerra ideológica daquele momento.

Para Karnal e Tatsch, “um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época”.<sup>6</sup> De acordo com essa definição, podemos agrupar a revista *O Cruzeiro* como documento histórico devido à sua visão e abordagem de um determinado período.

A fim de melhor situarmos o trabalho de Drew Pearson e a revista *O Cruzeiro*, daremos atenção à origem do jornalismo nacional, suas escolas e, principalmente, a relação com a escola norte-americana de jornalismo. Outro ponto de destaque é a americanização no período presente na publicidade, com páginas de anúncios de empresas norte-americanas. Para tanto, discutiremos simultaneamente a relação entre a história e a imprensa. Usaremos a coluna *Carrossel do Mundo* para caracterizar a revista no período e as articulações dessa com a política.

---

<sup>6</sup> KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Gali. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 21.

A documentação explorada pode ter vários significados. Há uma lógica ideológica, portanto, simbólica, uma visão de mundo de dado grupo interessado em construir a opinião pública e, também, há aquilo que Charaudeau chama de lógica econômica e que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo. Isto é, o que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto.<sup>7</sup> A partir desse raciocínio, podemos especular se haveria causalidade em *O Cruzeiro* publicar as opiniões de Drew Pearson e veicular várias páginas de anúncios de empresas norte-americanas.

Heinsfeld afirma que na “imprensa – são os artigos de jornais e revistas, que registram a impressão do dia a dia”<sup>8</sup>. São documentos baseados, muitas vezes, por quem foi testemunha dos fatos. A linguagem usada por Drew Pearson significou, mais do que um sistema de signos internos a uma língua, um sistema de valores. Trata-se, para Charaudeau, da linguagem enquanto ato do discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social. Dito isso, pode-se concluir que a informação é enunciação e que o produtor da informação é um selecionador: evidencia certos fatos e coloca outros à sombra.<sup>9</sup>

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *O Cruzeiro: um modo americanizado de fazer imprensa*, abordamos o surgimento da revista *O Cruzeiro*, em 1928, até os anos 1947 e a influência norte-americana sobre a informação.

No segundo capítulo, *Drew Pearson: a feição norte-americana em O Cruzeiro*, dissertamos sobre a chegada do jornalista no país, seu perfil e importância no cenário mundial. Vamos abordar a coluna *Carrossel do Mundo*, explicar sua forma, além de debatermos sobre a relação entre imprensa norte-americana e a imprensa nacional, juntamente com a ascensão da revista nos fim dos anos 1940.

No terceiro capítulo, *O Cruzeiro entre USA e URSS (1959)*, abordamos as relações que nortearam os envolvidos na Guerra Fria. O foco é a questão das relações internacionais do Brasil com os EUA e a interferência das articulações com a União Soviética e a questão de Cuba.

No quarto capítulo, intitulado *Velhos problemas e novas soluções: 1960 segundo Pearson*, abordamos as análises do jornalista no último ano de governo do presidente Eisenhower nos Estados Unidos e de JK no Brasil. Finalizamos a consulta documental com o ano de 1961 e a visão de Drew Pearson sobre a conjuntura internacional.

<sup>7</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 21.

<sup>8</sup> HEINSFELD, Adelar. *Som a inspiração de Clio: uma introdução ao estudo da história*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2012, p. 214.

<sup>9</sup> Ver CHARAUDEAU, Patrick, op. cit. p. 37-38

## 1 O CRUZEIRO: UM MODO AMERICANIZADO DE FAZER IMPRENSA

### 1.1 O *Cruzeiro*: da origem à incorporação de Drew Pearson

No Brasil, mais especificamente no nordeste do país, começou a saga daquela que iria se tornar a maior revista das Américas, *O Cruzeiro*. A criação da revista entrelaça-se com a saga de seu fundador, o qual nasceu no nordeste do país, uma região onde a perspectiva de vida causava pânico entre os moradores. Criava calos e, assim como o restante do país, era de uma vida difícil, longe de tudo e com ares de deserto, pouca comida, muita pobreza e um enorme vazio.

Em 4 de outubro de 1892, dia de São Francisco de Assis, nasceu Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que seria futuramente conhecido como Chatô. “A devoção da mãe ao padroeiro do dia facilitou a escolha do nome do bebê, um nome comum como as centenas de nomes de santos dados a meninos do Nordeste”.<sup>10</sup>

Como a maioria das crianças da época, era pequenino, feio, amarelo e opilado.<sup>11</sup> Seus pais eram muito jovens e Chatô era o segundo filho do casal. Sua mãe, Maria Carmen, era uma cristã devota, frequentadora assídua da igreja e seguidora dos costumes dessa. Seu pai, Francisco José, bacharel em direito, era filho de um fazendeiro local, plantador de algodão nos arredores de São João do Cariri, cidade próxima à vila de Umbuzeiro, local de nascimento de Chatô, “apelido que lhe foi conferido em 1925 pelo gráfico Felipe Amaral”.<sup>12</sup>

Terra de outros grandes nomes da cultura brasileira, Epiácio Pessoa e João Pessoa, Umbuzeiro foi mais uma vez colocada no “hall” das cidades natais de personalidades, quando mais um filho ilustre nasceu e levou o nome da cidade aos quatro cantos do Brasil.

Região do coronelismo e do cangaço, de clima árido e seco, o que os coronéis não tomavam, a seca encarregava-se de tomar. Foi nesse ambiente hostil que a família Bandeira de Melo desenvolveu-se. De acordo com Carneiro, “a família Bandeira de Melo figura no cenário político há mais de um século”.<sup>13</sup> A influência da família no cenário nordestino vai mover as atitudes do empresário Assis Chateaubriand.

Era uma família influente na região, descendentes de holandeses, pertencia a várias gerações de usineiros do norte do país. A filosofia e a imponência levaram seu pai, fanático

<sup>10</sup> MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994, p. 30.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>12</sup> WAIMBERG, Jacques A. *Império de palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 12.

<sup>13</sup> CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos diários associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999, p. 59.

pelos pensamentos do escritor francês François René Chateaubriand, a acrescentar aos Bandeira de Melo o famoso sobrenome. De acordo com Moraes:

O sobrenome – Chateaubriand Bandeira de Melo –, no entanto, além de lhe emprestar uma opulência familiar que a seca e as vicissitudes haviam devastado décadas antes, ocultava a raiz do tronco materno, Guedes Gondim, e exibia a extravagância europeia pouco comum naqueles confins do final do século XIX.<sup>14</sup>

A logística e a origem pobre, as doenças que o atingiram na infância acompanhada pela gagueira, davam a entender que Chatô seria mais um simples filho do Nordeste. A expectativa de vida na época era baixa. As dificuldades levaram sua família a mudar-se para Recife, onde, apesar da vida difícil e do pouco prestígio, pelo lado do pai Chatô e seus irmãos, cresciam com boas maneiras e ótimos costumes.

Contudo, os bons costumes e os recitais de poesias<sup>15</sup> não foram suficientes para que o segundo filho do casal apresentasse um desenvolvimento normal como as outras crianças. Foi nesse período que umas das maiores dificuldades do menino Chatô foram descobertas pela família.

A gagueira desenvolvida pela criança foi o problema que mais conturbou sua infância.<sup>16</sup> Era vítima de constantes gozações dos meninos da rua e de seu próprio irmão, Jorge. Seu pai, usando como desculpa a doença do filho para se mudar para a cidade grande, desistiu da profissão de juiz e virou entregador de leite em Recife.

Entretanto, a mudança só piorou os modos de Chatô. As gozações aumentaram e o menino acabou indo morar no interior com o avô materno. De acordo com Moraes, “essa era uma antiga prescrição do médico da família, segundo o qual, ‘a vida selvagem’ talvez fosse o melhor remédio tanto para a gagueira quanto para o raquitismo do garoto”.<sup>17</sup>

O período em que morou com o avô, aproximadamente seis anos, serviu para curar a gagueira, desinibir o menino e fazer de Francisquinho, como o avô o chamava, uma nova criança, cheia de vida e sem gagueira, e com um novo ar de menino cheio de saúde.

Foi nesse ambiente, início do século XX, que Chatô, ainda analfabeto, curou a gagueira e começou a corrida para ser alfabetizado. Isso ocorreu no ano de 1904, quando

<sup>14</sup> MORAIS, op. cit., p. 30.

<sup>15</sup> Idem, p. 33. *Os recitais eram uma maneira que o pai tinha de criar boas maneiras e mostrar bons costumes aos filhos.*

<sup>16</sup> A família do pequeno Chatô tentou de todas as maneiras buscar solução para a gagueira, desistiram, após médicos falarem que a gagueira do menino não tinha cura.

<sup>17</sup> MORAIS, op. cit., p. 36.

conseguiu média suficiente para ser admitido na seleção da Escola Naval em Recife. Assim, começava a vida acadêmica que talharia uma das suas principais características, a escrita.

Sua estreia no jornalismo deu-se aos 15 anos, no jornal *Gazeta do Norte*. Em 1915, formou-se em Direito. Era um momento em que coincidia com um período de absoluta descrença e enorme falta de interesse pelo jornalismo.

A advocacia trouxe-lhe méritos, contatos, e o reaproximou do jornalismo. Foi em 1924, mais especificamente em 2 de outubro, que os primeiros passos do empreendedor Chateaubriand foram dados. Nesse momento, os *Diários Associados* começavam a ganhar forma, ainda tímidos, mas com a cara de seu criador.

Em ambiente discreto, as negociações e a nova maneira de fazer jornalismo davam os primeiros passos, visto que Chateaubriand estava em negociações com seu primeiro veículo de imprensa. Sem inaugurações ou mega festas, *O Jornal*, com sede no Rio de Janeiro, foi o veículo que deu início aos *Diários Associados*.

Foi nesse contexto que os *Diários Associados*<sup>18</sup> anunciaram que estariam iniciando, por meio da compra do *O Jornal*, sua trajetória da imprensa nacional. Dava-se início, então, a um dos maiores conglomerados de comunicação do país.

De acordo com Waimberg, o ano de 1924 foi “paradigmático, pois revelaria o caráter do pioneiro Chatô e suas inovadoras formas de financiar seus projetos. O que se tem na época, em 1924, é uma operação de crédito que fugia totalmente dos padrões financeiros de bancários até então em prática no país”.<sup>19</sup>

Era um período de altos índices de analfabetismo, insatisfação social e de manifestações políticas. Foi nesse meio que os *Diários Associados* começaram a fazer jornalismo. De acordo com Aggio:

Num 5 de julho nebuloso, teve início a Revolução de 1924, comandada pelos “tenentes” com o intuito de derrubar o governo do presidente Arthur Bernardes, que personificava o poder das oligarquias. Dos desdobramentos desse movimento, que chegou a controlar a cidade de São Paulo por mais de duas semanas, sendo posteriormente vencidos pelas forças do governo, teve origem a coluna prestes, agrupamento militar liderado pelo “tenente” gaúcho Luís Carlos Prestes que percorreu o Brasil de abril de 1925 a fevereiro de 1927 denunciando toda a pobreza e as mazelas sociais existentes no interior do país.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> A expressão *Diários Associados* surgiu de um artigo de Assis Chateaubriand, em 1930, utilizou para definir suas empresas e debater o governo. Foi nesse momento que os jornais da rede começariam a ser conhecidos como *Diários Associados*. Ibidem, p. 261.

<sup>19</sup> WAIMBERG, op. cit., p. 125.

<sup>20</sup> AGGIO, Alberto et al. *Política e sociedade no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 17.

Foi nesse ambiente oligárquico, da República do Café-com-Leite, que o novo grupo jornalístico encontrou o país. Por outro lado, a política partidária ganhava cores novas com a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e com as dissensões na própria política oligárquica.

Foram sendo criados grupos para combater a maneira de fazer política, ou seja, a maneira de favorecimento aos grandes cafeicultores mineiros e paulistas. Foi com esse princípio que a década de 1930 começou a ganhar ares de revolução, uma revolução contra a burguesia dominante. Com a revolta, ficou traçado uma nova característica para o país. Fausto enfatiza que:

A revolução de 1930 não foi feita por representantes de uma suposta nova classe social: a classe média ou a burguesia industrial. A classe média deu lastro à Aliança Liberal, mas era por demais heterogênea e dependente das forças agrárias para que, no plano político, se formulasse um programa em seu nome.<sup>21</sup>

Reconhecer e criar um novo conceito de trabalhador nacional leva-nos a crer em um novo público para os *Diários Associados* explorarem. Mas essa não era a ideia. Não poderia ser através de *O Cruzeiro* que o grupo faria isso, haja vista o grande investimento que fora feito para a revista.

Era um país de altos índices de pobreza, baixa educação e analfabetismo dominando a população. Esse era o país que Chatô encontrou ao assumir as edições de *O Jornal*. Para Waimberg: “O Brasil que recebe Chatô é jovem. De cada 1.000 pessoas em 1920, 831 tinham até 40 anos. Embora fosse jovem, o brasileiro não era saudável”.<sup>22</sup> O país era acometido pela falta de estrutura financeira que acabaria por estourar em falta de moradias e várias doenças.

Desde seu surgimento, os *Diários Associados* criaram uma marca que os caracterizaria, independente do veículo de comunicação do grupo: a troca por anúncios publicitários. Assim, em 1928, quatro anos após o surgimento dos *Diários Associados*, nasceu o que seria um dos maiores veículos do grupo e uma das maiores revistas da América: *O Cruzeiro*.

Era um período em que a imprensa passava por grandes modificações, um momento de diversificação cultural, a modernidade começava a criar leitores mais críticos, revistas mais ilustradas e temas moldando novas maneiras de fazer políticas. Esse início dos anos 1930 é definido, segundo Eleutério, como

<sup>21</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: USP, 2002, p. 325.

<sup>22</sup> WAIMBERG, op. cit., p. 76.

[...] período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia –, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa.<sup>23</sup>

As transformações aconteciam rapidamente, acompanhando as necessidades do consumidor e movimentando toda uma nova indústria. Para compor essa nova maneira de fazer jornalismo, precisava-se de papel de melhor qualidade e incentivo da produção nacional desse produto. As publicidades focavam em melhorias, assim, a imprensa tornava-se influente em segmentos como lavoura, comércio, indústria e finanças.<sup>24</sup>

*O Cruzeiro* foi resultado de uma das mais conhecidas ações de Chatô. Em 1928, uma época na qual as revistas estavam em ascensão, Chatô formou um grupo com o intuito de expandir os negócios no ramo da comunicação. Para isso, precisava preencher um novo nicho de mercado e partindo desse ideal, nasceu a revista *O Cruzeiro*. Netto afirma que:

No dia 4 de maio de 1928, na sede do matutino O Jornal, então funcionando num prédio estreito, de três andares, na Rua Rodrigo Silva, 14, reuniu-se um grupo de jornalistas convidados por Assis Chateaubriand. O objetivo da reunião era a fundação da Sociedade Anônima Empresa Gráfica *O Cruzeiro*, uma revista semanal ilustrada.<sup>25</sup>

Visando à corrida presidencial de 1930, Chatô encontrou com a revista uma maneira de ganhar dinheiro e fazer política. Conseguiu um empréstimo no Banco do Brasil no período em que Getúlio Vargas<sup>26</sup> era ministro da Fazenda<sup>27</sup>. Chatô viu a possibilidade de apoiar um futuro candidato à presidência. Para Romanello, “a fundação da revista era também parte de um projeto político e criava um espaço que serviria para ajudar a construir a figura de Vargas como candidato à sucessão presidencial das eleições de 1930”.<sup>28</sup>

Da criação da revista, em maio de 1928, quando comprada de Edmundo Miranda Jordão, até seu lançamento, muitas coisas precisavam ser regularizadas. Jornalistas tinham de ser contratados e impressoras importadas. A sede física da revista seria no próprio Rio de Janeiro, mais exatamente na Rua Buenos Aires, 152.

<sup>23</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS; DE LUCA, op. cit., p. 83.

<sup>24</sup> Idem, p. 84.

<sup>25</sup> NETTO, Accioly. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998, p. 35.

<sup>26</sup> Vargas usou de seus atributos para conseguir de Antonio Mostardeiro uma ajuda de 250 contos para o lançamento da revista. Mostardeiro era presidente do Banco do Brasil nomeado por Getúlio Vargas. WAIMBERG, op. cit., p. 24.

<sup>27</sup> Vargas foi ministro por menos de dois anos, entre 1926 e 1928. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>28</sup> ROMANELLO, Jorge Luis. Uma história da revista *O Cruzeiro* 1930-1960. In: GAWRYSEWSKI, Alberto. *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 62.

Após a locação do prédio, deu-se início à montagem da gráfica. Dois grampeadores, seis linotipos, quatro impressoras rotoplanas e uma rotogravura rotoplana – a primeira instalada no país – tudo comprado com empréstimo concedido pelo Banco do Brasil. Com o parque gráfico montado, aos poucos foram surgindo as mesas dos redatores, laboratório fotográfico e a sala da gerência.

Conforme passavam os meses, a revista ia ganhando forma e consistência. Páginas iam se enchendo com matérias, entrevistas e, principalmente, muitas imagens, fotografias e gravuras que prendiam o olhar do leitor. Assim, a revista ia nascendo, as letras e as imagens iam montando um mosaico de cores. Para o lançamento, conta Neto:

O lançamento do primeiro número de *O Cruzeiro* foi minuciosamente planejado, coisa inédita no país aquela época. Na tarde quente do dia 5 de dezembro de 1928, à hora em que as repartições públicas encerravam o expediente e pouco antes de o comércio fechar as portas, a Avenida Rio Branco foi inundada por uma chuva de papel picado. Parecia que de repente, por um espantoso milagre meteorológico, estava nevando na mais importante via pública da cidade maravilhosa, com 40 graus à sombra.<sup>29</sup>

Foi neste ritmo de festa que *O Cruzeiro* fez sua estreia: parando o Rio de Janeiro, capital federal da época, congestionando o trânsito e, por meio de alto falantes, anunciando a revista que chegava com o *slogan* “a revista contemporânea dos arranha-céus”.

Em sua primeira edição, com data e circulação de 10 de novembro de 1928, a revista era apresentada à sociedade, pelas palavras de seu editor chefe, Carlos Malheiros Dias:

[...] depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira. Nossas irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio Colonial, através de cujos escombros a civilização traçou a recta [sic] da Avenida Rio Branco: uma recta [sic] entre o passado e o futuro. *Cruzeiro* encontra já, ao nascer, o aranha-céu [sic], a radiotelephonia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo. Seu nome é o da constelação que, há milhões incontáveis de anos, scintila [sic], aparentemente imóvel, no céu austral, e o da nova moeda em que rescucitará [sic] a circulação do ouro. Nome de luz e de opulência, idealista e realístico, synonymo [sic] de Brasil na linguagem da poesy [sic] e dos symbolos [sic].<sup>30</sup>

Quando começou a circular, em 1928, a revista não levava o nome que a consagrou, e tornando-se um dos maiores magazines em circulação nas Américas, nasceu simplesmente como *Cruzeiro*, passando a utilizar o pronome *O* em seu título a partir do trigésimo exemplar, datado de junho de 1929, quando começou a circular como *O Cruzeiro*.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> NETTO, op. cit., p. 36.

<sup>30</sup> O CRUZEIRO, 10 nov. 1928.

<sup>31</sup> SERPA, Leoni Teresinha Vieira. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2003, p. 43.

Assim se apresentava *O Cruzeiro*, uma revista que abriu um novo conceito. Seja na forma de lidar com as notícias, seja no tipo de papel em que seria impressa, desde o início inovou e se destacou entre as revistas nacionais. A nova aposta de Chateaubriand não ficava somente na qualidade do papel ou de seus colaboradores.

Foi um grande projeto logístico que demandou tempo e, principalmente, muita gente, pois a revista tinha uma abrangência maior do que qualquer outro veículo de comunicação do país e chegava aonde nenhum outro conseguira chegar até então, como a própria revista anunciava “agências em todas as cidades do Brasil – correspondentes em Lisboa, Paris, Roma, Madri, Londres, Berlim e Nova York” (*O Cruzeiro*, 16/02/1929).<sup>32</sup> Desde sua inauguração, mantinha no expediente a opção de assinatura para o leitor receber seu exemplar no exterior, assim, esse podia acompanhar o que acontecia no país, por meio da visão da revista.

Era uma revista moderna, com conteúdo e com pessoas especializadas. Sejam nas propagandas, nas matérias assinadas por grandes personalidades da época, ou na cobertura de eventos, *O Cruzeiro* começou a mostrar e projetar o Brasil com uma óptica única e empolgante.

Assim, Serpa destacou:

Foi um veículo que teve a colaboração de ilustradores, pintores escritores e caricaturistas, entre os quais, Portinari, Di Cavalcanti, Santa Rosa, Djanira, Ismael Nery, Enrico Bianco, Gilberto Trompowski, Anita Malfatti, Millor Fernandes, Ziraldo, Carlos Estevão, Alceu Pena, Zélio (irmão de Ziraldo).<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> O CRUZEIRO, 26 fev. 1929.

<sup>33</sup> SERPA, op. cit., p. 40.

Figura 1 - Revista *O Cruzeiro* de 29 de outubro de 1960.



*O Cruzeiro* não era formado só por cartunistas ou artistas. Os textos das revistas tinham colaboração de escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Manoel Bandeira. Cada um dentro de sua época marcou a revista, tanto pela maneira de escrever quanto pelo espaço ocupado para divulgar suas obras e pinturas, *O Cruzeiro* agregou valores jamais vistos no mercado nacional.

A revista nasceu criando e transmitindo sinais de um imaginário social coletivo. Logo a revista tornou-se um meio de comunicação de massa, abrangendo todo o território e levando a mensagem de seu fundador e proprietário. Baczko define que

“O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais”.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> <http://www.librarything.com/series/Enciclop%C3%A9dia+Einaudi>

Não somente em nosso recorte temporal, mas a característica de um editorial e a transmissão simbólica era vista desde os primórdios. Desde o início, víamos nos exemplares notícias, estilos de vida, regras e dicas de comportamento norte-americano, que acabavam por influenciar o imaginário dos leitores da revista.

Como já apontamos, a publicidade divulgada na revista foi um dos grandes diferenciais da época. Com anúncios semanais, mensais e até anuais, a revista mantinha um padrão e uma carteira de clientes diferenciados, grandes corporações tais como Nestlé, Copacabana Palace, Ford, Chevrolet e Texaco.

Figura 2 - *O Cruzeiro* 10 de janeiro de 1959

MAIS CARGA  
POR VIAGEM!  
MAIS VIAGENS POR DIA!

# CHEVROLET

EXPRESSO  
DE AÇO

MENOR PREÇO DE CUSTO - GRANDE ESPAÇO  
PARA CARGA - MAIS FACILIDADE DE MANOBRA

**Novo Motor "TheIronmaster" de 136 H.P.**  
Este do extraordinariamente inteligente dos motores Chevrolet de parafuso! Este  
tem 136 H.P. e possui válvulas em cabeça, o que lhe assegura excepcional economia e  
eficiência. E dentro ainda de um mecanismo bastante avançado e que mantém a fama  
de confiabilidade dos motores Chevrolet, além de um sistema de distribuição de  
válvulas que lhe proporciona o que sempre você espera de um motor Chevrolet!  
Este motor proporciona, dentro de um tamanho de que sempre você espera de um motor  
Chevrolet, o que sempre você espera de um motor Chevrolet!

- Caixa de velocidades de aço, com transmissão extremamente avançada de última  
geração, ligada ao motor, sendo capaz para passageiros e cargas de  
até 10 toneladas e para longas viagens.
- Transmissão sincronizada de 1 velocidade
- Freios hidráulicos nos 4 eixos
- Capacidade de carga até 10 toneladas de peso e 10 toneladas
- Pintura em diversas cores para maior beleza e durabilidade

Um produto de **GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.**

Figura 3 - *O Cruzeiro* 10 de janeiro de 1959

**RODE MACIO COM**

Seu carro roda macio e silencioso com o óleo protegido com Texaco Marfak. Os pneus, jantares, articulações e molas das rodas duram mais quando lubrificadas com Texaco Marfak, o super lubrificante que resiste ao calor, choque e pressão.

**Texaco Marfak forma com Havoline Motor Oil, Texaco Motor Oil e Texaco Ursa Oil Heavy Duty o famoso quarteto Texaco!**

	<b>HAVOLINE MOTOR OIL</b> Óleo de alta viscosidade, alta resistência que prolonga a vida útil do motor!		<b>TEXACO MOTOR OIL</b> Óleo excepcional por sua alta resistência a altas temperaturas, protege o motor e prolonga a vida útil e a economia das peças.		<b>TEXACO URSA OIL HEAVY DUTY</b> Óleo de alta viscosidade, alta resistência a altas temperaturas, protege o motor e prolonga a vida útil e a economia das peças.
--	--	--	---	--	--

e siga a **Bon Estrada** com o quarteto

**TEXACO**

Figura 4 - *O Cruzeiro* 10 de janeiro de 1959

**BRAÇO DIREITO DO HOMEM DO CAMPO**

**Jeep**  
WILLYS TRACÃO NAS 4 RODAS  
o veículo mais útil do mundo

Disponibilizado em um modelo de 2000 cmc, o Jeep Willys oferece ao motorista o maior grau de liberdade. Possui a sua característica inimitável: o sistema de tração nas 4 rodas, que permite a ele superar qualquer terreno e com qualquer carga. Além de suas grandes linhas, o motor oferece potência, economia e baixo consumo. Possui o sistema de freios, com o diferencial, e o sistema de direção, com o volante e o pedal de freio. Para o motorista, o Jeep Willys oferece a maior segurança e o maior conforto. É o veículo mais útil do mundo, e o melhor de todos os veículos de transporte de campo, em qualquer situação.

**WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.**

Atendimento: Rua Marquês de São Carlos, 100 - Fone: 251 - 1111 - 1112 - 1113 - 1114 - 1115 - 1116 - 1117 - 1118 - 1119 - 1120 - 1121 - 1122 - 1123 - 1124 - 1125 - 1126 - 1127 - 1128 - 1129 - 1130 - 1131 - 1132 - 1133 - 1134 - 1135 - 1136 - 1137 - 1138 - 1139 - 1140 - 1141 - 1142 - 1143 - 1144 - 1145 - 1146 - 1147 - 1148 - 1149 - 1150 - 1151 - 1152 - 1153 - 1154 - 1155 - 1156 - 1157 - 1158 - 1159 - 1160 - 1161 - 1162 - 1163 - 1164 - 1165 - 1166 - 1167 - 1168 - 1169 - 1170 - 1171 - 1172 - 1173 - 1174 - 1175 - 1176 - 1177 - 1178 - 1179 - 1180 - 1181 - 1182 - 1183 - 1184 - 1185 - 1186 - 1187 - 1188 - 1189 - 1190 - 1191 - 1192 - 1193 - 1194 - 1195 - 1196 - 1197 - 1198 - 1199 - 1200

Outros destaques de *O Cruzeiro* era o foco nas imagens. Com o tempo, a revista foi acrescentando um grande número de fotógrafos que mostravam um Brasil de diferenças e apresentavam novos fatos e curiosidades aos leitores da revista<sup>35</sup>. De acordo com Costa, “o

<sup>35</sup> Em 1929, *O Cruzeiro* inaugurou uma cobertura fotográfica de evento, cujo impacto a tornaria a revista mais popular do Brasil. WAIMBERG, op. cit., p. 144.

fotógrafo podia trabalhar tanto com a pose, como incorporar o caso. O que importava era o domínio do código fotográfico, usado para a materialização de uma visão de mundo particular”<sup>36</sup>.

O crescimento das imagens em *O Cruzeiro* e a beleza estética, juntamente com o colorido<sup>37</sup> de sua impressão, levou o semanário a investir nas fotografias. Era um período em que *O Cruzeiro* começava a reinar absolutamente no país. A qualidade impressa na revista levou a concorrência a sucumbir, devido ao diferencial proposto pelo semanário tanto na parte gráfica, com nas rotogravuras, ou na maneira de cobrir os eventos sociais do final dos anos 1920 e início dos anos 1930. Esse diferencial proposto pela revista seria o mesmo utilizado pelos Irmãos Bloch na fundação da revista *Manchete*, posteriormente<sup>38</sup>.

As ideias transmitidas por meio dos *Diários Associados* faziam parte do contexto social do período. Criavam estereótipos, atingiam grandes grupos sociais, faziam parte de uma elite, em que, a dominação dos meios de comunicação começava a aparecer já naquele período de 1930. Com isso, davam a entender a realidade do momento e, sobretudo, induzia a agir de acordo com o que transmitia e criava os símbolos do período.

As revistas literárias e culturais da época eram, na maioria dos casos, economicamente frágeis e de pequeno porte. “Durante vinte anos, porém, a revista não trouxe lucro aos Diários Associados”<sup>39</sup>. Já estava em outro contexto, fazia outro público, e os pequenos periódicos tinham seus grupos de interesse. De acordo com De Luca:

As revistas fundadas no início dos anos de 1930 não tiveram sobrevida significativa após a queda do regime e, exceção feita à *Revista do Brasil*, tampouco podiam evocar existência prévia, o que significa que se construíram em empreendimentos específicos do período e em torno dos quais a intelectualidade se agregava.<sup>40</sup>

Chateaubriand havia pensado até em fechar a revista, mas quem o conhecia sabia que isso seria contra seus princípios, uma vez que seria dar abertura para a concorrência falar mal de seus empreendimentos, e isso era totalmente contra seus princípios, haja vista seu ego

<sup>36</sup> COSTA, Helouise. Um olhar que aprisiona o outro: o retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista *O Cruzeiro*. *Imagens*, Campinas, v. 1, p. 82-91, 1994.

<sup>37</sup> A cor da revista impressa pelas rotogravuras se limitava à capa. Ao analisarmos um exemplar de 16 de fevereiro de 1929, constatamos que somente a capa e a contracapa eram coloridas. O interior da revista era dividido em dois cadernos. Um caderno impresso em preto e branco e outro em tons de sépia.

<sup>38</sup> Quando fundaram a revista *Manchete*, em 1952, os irmãos Bloch, sob o nome de Bloch Editores, se inspiraram na revista francesa *Paris Match* e na americana *Life*. BLOCH, Arnaldo. *Os Irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008, p. 166.

<sup>39</sup> CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: História dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999, p.334

<sup>40</sup> DE LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (RE) VISTA(S) do Brasil: (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 126.

e suas ideologias. O que a revista ostentava não condizia com o que os funcionários passavam, mas deviam passar outra imagem. Barata<sup>41</sup> comenta que “para Chateaubriand, seus empregados deviam honrar-se para a grandeza dos ‘Diários’, isto é, para a sua grandeza, dele, a sua influência e o seu poder”.

Alavancados pelo crescimento e objetivados por grandes conquistas, os *Diários Associados* viram nessa oportunidade a chance de eliminar a concorrência, comprando os direitos dessas. Foi o que aconteceu em 1933,<sup>42</sup> quando o grupo adquiriu os direitos do semanário *A Cigarra*, a qual passou a ser produzida juntamente com *O Cruzeiro*, no mesmo prédio, somente focada para o público paulista.

As características de cada veículo de comunicação são peculiares e definem suas metas, objetivos e público-alvo. Chateaubriand, nessa altura, acreditava no segmento de revistas. Baseada e compostas por notícias frias, na qual poderia criar e formar opinião através de seus interesses e ilustração com o intuito de mostrar o novo à sociedade, dar uma ideia de Brasil e mundo por meio de suas reportagens, fotografias e seus correspondentes.

De Luca define que:

Além de cumprir a função de combater o passado e dar publicidade aos novos valores, as revistas também desempenharam (e ainda desempenham) papel estratégico no processo que consagra e transforma a novidade em cânone, uma vez que colaboram para difundir procedimentos típicos de correntes literárias e para habituar leitores a eles.<sup>43</sup>

Assim poderia ser definido o novo empreendimento de Assis Chateaubriand: uma revista ilustrada, colorida, diferente do que o mercado oferecia na época, com diversas maneiras de informar, seja pelos textos de seus jornalistas, seja pelas colunas de seus articulistas. E, conforme referimos acima, as imagens eram o grande diferencial da revista, tanto na quantidade quanto na qualidade, seja dos fotógrafos ou dos estúdios de Hollywood, a revista criou um conceito e assim foi se firmando e caindo no gosto do público.

Nos primeiros anos da publicação da revista, foram encontradas algumas dificuldades. “Durante 20 anos, porém, a revista não trouxe lucros aos *Diários Associados*, que a mantiveram pela tradição de pioneirismo de Assis Chateaubriand”<sup>44</sup>. O pioneirismo de Chatô ficaria conhecido e seria uma de suas marcas, as quais o acompanhariam e caracterizariam seus veículos de comunicação.

<sup>41</sup> BARATA, Mario. Presença de Assis Chateaubriand na vida Brasileira. São Paulo. Martins. 1970. p. 17.

<sup>42</sup> Idem, p. 144.

<sup>43</sup> DE LÚCA, op. cit., p. 06.

<sup>44</sup> CARNEIRO, op. cit, p. 334.

A década de 1930 começou a ser discutida muito antes, em virtude da eleição que movimentaria aquele ano. Cada veículo de comunicação tinha sua linha editorial e um candidato de sua preferência. Com os *Diários Associados* e a revista *O Cruzeiro*, não foi diferente. Chatô já havia tido contato com Vargas quando da aquisição da revista, conforme já mencionamos.

A vitória de Vargas parecia dar um ar de segurança para a revista. Era uma maneira diferente, descontraída e colorida de apresentar o governo ao país. *O Cruzeiro* fez matérias, publicando fotos de Getúlio em suas edições, mostrando qual seria o seu lado político.<sup>45</sup>

Apesar de mostrar o lado político, mas visando sempre uma maior lucratividade, Chatô aproveitava para disseminar e vender espaços também para políticos opositores a Vargas. Esse apoio a Vargas não era formalizado, não existia nada no papel que garantisse exclusividade. “Podia publicar propagandas de campanha de outros candidatos, da mesma forma que publicavam geralmente pagas a respeito das realizações do governo”.<sup>46</sup>

O período histórico no qual a revista surgiu foi turbulento. Era um momento em que as oligarquias estavam sendo ameaçadas e novas forças políticas no cenário nacional estavam surgindo, novos ideais estavam aparecendo e amadurecendo, pondo em risco uma política ultrapassada e obsoleta. Já nesse período, a política brasileira insistia em acompanhar as orientações norte-americanas.<sup>47</sup>

A Revolução de 1930 foi um cenário marcado pela luta inter-oligárquica para mudar o cenário político da época, cujo domínio de um mesmo lado político acontecia desde 1890. Skidmore afirma que:

A Revolução de 1930 pôs fim à estrutura republicana criada na década de 1890. Os revolucionários arrombaram uma porta, evidenciou-se mais tarde, de vez que a República Velha desabou de repente sob o peso de suas dissensões internas e da pressão de uma crise econômica em escala mundial. Em segundo lugar, havia uma concordância disseminada, antes de 1930, quanto a necessidade urgente de uma revisão básica no sistema político.<sup>48</sup>

Boatos e fatos movimentavam a imprensa no período. Chateaubriand aproveitara o momento para lucrar com seus veículos. O apoio de Vargas na criação da revista veio retribuído nas matérias e nos destaques que Getúlio ganhou nos *Diários Associados*. Tanto no

<sup>45</sup> Na edição de *O Cruzeiro* de 08 de novembro de 1930, cinco dias após a passagem do poder para Vargas, uma foto de Getúlio Vargas estampava a capa de *O Cruzeiro* pela primeira vez. Esse exemplar pode ser encontrado em: MEMÓRIA VIVA. *Dezenas de edições de O Cruzeiro*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

<sup>46</sup> ROMANELLO, op. cit., p. 64.

<sup>47</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 315.

<sup>48</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 26.

diário *O Jornal* quanto no semanário *O Cruzeiro*, a repercussão de 1930 e o apoio do grupo eram evidentes. Era uma maneira de posicionar-se no período.

Em 1930, o estado contava com o forte apoio dos *Diários Associados*, usando as empresas de Assis Chateaubriand para fazer política e atacar a oposição. A tomada do poder pela Aliança Liberal em 1930 deixou marcas e tirou o poder que vigorava no Brasil desde 1890. O estado de São Paulo foi um dos mais atingidos, pois seu candidato à presidência, não assumiu em função da revolução liderada por Vargas. O resultado foi desastroso para o estado, devido à grande economia cafeeira que possuía na época.

Em 1931, São Paulo começou a criar embates com o governo central. Sabendo que o governo de Vargas era provisório e visando à proteção de sua forte economia, formou “uma coalizão de oposição ao governo central – Frente Única Paulista, união entre o PRP e o PD – que inspirou a formação de agrupamentos semelhantes em outros estados”.<sup>49</sup>

A essa altura, a relação entre os *Diários Associados* e o governo de Vargas começou a sofrer desgastes. Desde o apoio em 1930, Chatô já comercializava propagandas de candidatos opositores ao governo provisório.

A revista começou o ano de 1931 esperando a mudança para a nova sede dos *Diários Associados*, na rua 13 de Maio, onde funcionariam também outros veículos do meio associado<sup>50</sup>. Era um prédio com oito andares e dois pavimentos subterrâneos. Novas rotativas foram importadas para agregar qualidade à revista e, assim como o prédio, foram financiadas pela Caixa Econômica Federal.

Para dar credibilidade e agregar novos valores no segmento da revista, Accioly Netto<sup>51</sup> assumiu o posto da redação da revista. Era um veículo no qual todos gostariam de trabalhar em razão da grande estrutura física e mecânica, o que, para o novo redator, não seria diferente. De acordo com o próprio Accioly:

Quando entrei para a redação de *O Cruzeiro*, naquele ano de 1931, cheio de entusiasmo e grandes planos, fiquei pasmo com a falta de recursos financeiros da famosa revista. Uma enorme e paradoxal disparidade existia entre o setor gráfico e a redação, sem falar na área administrativa, que era amadorística e ineficiente.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> AGGIO et al., op. cit., p. 27.

<sup>50</sup> Foram transferidos para a nova sede o matutino *O Jornal* e o vespertino *Diário da Noite*.

<sup>51</sup> Antonio Accioly Netto começou em *O Cruzeiro* como secretário de redação, em 1931. Desde 1924 trabalhava como jornalista. Accioly Netto é considerado um dos grandes responsáveis pelo sucesso que foi a revista. Suas mudanças ao assumir a redação alavancaram e deram notoriedade para a revista crescer.

<sup>52</sup> NETTO, op. cit., p. 39.

Tal disparidade financeira e tecnológica<sup>53</sup> era o oposto do que a revista aparentava. A falta de verbas era vista apenas por quem trabalhava diariamente nas edições da revista. O grande motivo para a falta de dinheiro era que “não havia publicidade, financiamentos que sustentassem a revista, que pouco a pouco entrava em decadência”.<sup>54</sup>

Com São Paulo se opondo ao governo central, um possível embate militar era questão de tempo. Já em 1932, Vargas, com o intuito de encontrar uma maneira mais justa de separar o poder e dar credibilidade às promessas de 1930 promulgou, em fevereiro de 1932, o Código Eleitoral, o qual fazia o voto ser secreto. Essa era uma maneira de “continuar garantindo a centralização progressiva do poder, diminuindo, com isso, a força dos estados”.<sup>55</sup>

Em 09 de julho de 1932, São Paulo se lançou numa revolta armada. Nesse momento, os *Diários Associados* partiram em prol dos paulistas contra o governo federal, o qual ajudou a colocar no poder em 1930. Com a ideia de realizar um ataque devastador contra a capital nacional, o estado de São Paulo foi mobilizado e jovens ofereciam-se voluntariamente para lutar pela causa paulista. Ouro e joias eram doados a fim de levantar fundos para financiar a compra de armamentos e pequenas fábricas de munição foram criadas na cidade. Assim como “os constituintes liberais liderados pelo Partido Democrático cometeram um erro fatal ao lançar a revolta”,<sup>56</sup> Chateaubriand também o fizera, ao apoiá-la.

Sua posição pró-Vargas em 1930 trouxera muitos benefícios, pois estava do lado do poder e usava seus veículos para defender e promover a Revolução de 1930. Em 1932, porém, foi a favor da Revolução Constitucionalista dos paulistas, contra Vargas.<sup>57</sup> Os primeiros anos da década de 1930 mostraram a verdadeira face de Chatô.

De acordo com Carvalho:

Chatô esteve com Vargas em 1930. Rompeu em 32, ao lado dos constitucionistas, quando foi preso e quase deportado do país. Vargas interveio com violência em seus veículos: tomou-lhe *O Jornal*, censurou os Diários e proibiu a circulação de *O Cruzeiro* por alguns meses.<sup>58</sup>

Assim era Chatô: um homem político, jornalista e empresário, mas acima de tudo um personagem que jogava de acordo com seus interesses. O levante de 1932 mostrou a cara dos

<sup>53</sup> Essa disparidade se dava em torno dos equipamentos de trabalho. As impressoras eram de primeiro mundo, enquanto as câmeras fotográficas eram obsoletas, o que acabava por prejudicar a própria impressão da revista.

<sup>54</sup> NETTO, op. cit., p. 39.

<sup>55</sup> AGGIO et al., op. cit., p. 27.

<sup>56</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 37.

<sup>57</sup> Chateaubriand foi contra Vargas em 1932 porque não concordava com as ideias de Getúlio. Ele via que o ditador queria “humilhar” São Paulo. Em entrevista ao próprio Chatô em 1930, Vargas fala em programas radicais, o que, na visão do jornalista, não estaria acontecendo.

<sup>58</sup> CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas*: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Ed. Senac, 2001, p. 61.

*Diários Associados*, mas também evidenciou o poder do governo de censurar meios de comunicação, seja boicotando-os, seja tirando-os de circulação.

A Revolução de 1932 mostrou o poder do governo central contra os meios de comunicação e no campo de batalha. O que se viu foi que São Paulo não poderia ir contra o governo central, restando-o derrotado militar e politicamente. De acordo com Fausto: “Embora vitorioso, o governo percebeu mais claramente a impossibilidade de ignorar a elite paulista. Os derrotados, por sua vez, compreenderam que teriam de estabelecer algum tipo de compromisso como poder central”.<sup>59</sup>

O Brasil iniciava sua caminhada rumo à industrialização, novas tecnologias e novos parceiros econômicos eram absorvidos pelo país. A revista *O Cruzeiro* era, também, a expressão desse contexto. Iniciada sua nova fase em 1932, com a mudança para sua sede, que seria definitiva até os últimos exemplares sob o comando dos *Diários Associados*, a revista passou a contar e a usufruir dos contatos para fortalecer e vender suas páginas para anúncios publicitários, em um processo contrário àquele que marcou a sua criação, quando a falta de dinheiro dificultava o trabalho profissional.

A crise de 1932 entre Vargas e Chateaubriand fez com que a revista interrompesse sua circulação, assim como ocorrera com outros veículos associados. Somente em 1934 os veículos voltaram ao funcionamento normal. Chatô fez negociações e voltou a apoiar Vargas, inclusive, em 1937, quando da criação do Estado Novo, sempre focando e servindo os mais fortes e usando seus meios de comunicação para isso.

O Estado Novo foi decretado em 10 de novembro de 1937, e dava direitos absolutos ao presidente da república, que, segundo Fausto “recebia poderes para confirmar ou não o mandato dos governadores eleitos, nomeando interventores no caso de não confirmação”.<sup>60</sup>

O período era turbulento, greves e embates entre oposições<sup>61</sup> eram constantes, passando por uma tentativa de tomada do poder em 1935, pela coalizão esquerdista, e pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). A tentativa de golpe teve consequências, “pois abriu caminho para amplas medidas repressivas e para a escalada autoritária. O fantasma do comunismo internacional ganhou enormes proporções”.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> FAUSTO, op. cit., p. 350.

<sup>60</sup> Idem, p. 365.

<sup>61</sup> A oposição agora eram os tenentes que foram aliados em 1930, os quais estavam criando a ANL, que pregava uma política focada na suspensão do pagamento da dívida externa, reforma agrária, nacionalização das empresas estrangeiras. Para isso, contava com o apoio do PCB, seguindo as ideologias da Internacional Comunista (organização que ditava as regras do movimento comunista).

<sup>62</sup> FAUSTO, op. cit, p. 361.

Para *O Cruzeiro* e Chatô, que nesse momento apoiavam a criação do Estado Novo, o comunismo era uma ameaça à participação dos patrocinadores, que começavam a apoiar a revista, animados pelo crescimento econômico e pela industrialização do país.

De acordo com Fausto,

o regime de 1937 não se dirigiu apenas aos trabalhadores na construção da imagem. Tratou de formar uma ampla opinião pública a seu favor, pela censura aos meios de comunicação e pela elaboração de sua própria versão da fase histórica que o país vivia.<sup>63</sup>

Já para Iglésias, “o Estado Novo é marcado por profunda ambiguidade. Altamente repressivo, com aparato policial nunca visto antes, ao mesmo tempo é modernizador”.<sup>64</sup> Outra característica do Estado Novo foi o trabalho realizado e voltado para a questão social. A sociedade era o argumento de uma nova política que se inseria no país.

Nesse momento da década de 1930, a revista já passava por mudanças desde a sua criação. Accioly Netto programava uma nova maneira de dirigir a revista. Chatô agregava valores comerciais, seja por suas empresas,<sup>65</sup> como o licor de Cacau Xavier,<sup>66</sup> seja por troca de anúncios por favores. Um dos grandes contratos publicitários da época foi com a empresa norte-americana *General Electric*, que sagradamente saía nas edições de *O Cruzeiro*. Contudo, o grande momento da revista estaria por vir na década seguinte, 1940.

## 1.2 A americanização cultural nos anos 1940

A década de 1930 acabou com o início de um grande embate mundial. Embalados pelo nazismo alemão e pelo fascismo italiano, que tinham como ideal mostrar a força e a superioridade da raça alemã, a guerra no colonialismo espalhava-se e a ascensão pelo domínio de pequenas colônias era grande por parte de países europeus como Itália e Holanda, além dos asiáticos como o Japão.

Essa grande guerra que devastou o continente europeu teve um lado positivo para o mundo ocidental. De acordo com Hobsbawm:

<sup>63</sup> Idem, p. 375.

<sup>64</sup> IGLÉSIAS, Francisco. Momentos democráticos na trajetória brasileira. In: JAGUARIBE, Helio et al. *Brasil, sociedade democrática*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985, p. 182.

<sup>65</sup> O Licor de Cacau Xavier, empresa do grupo associado, estampava a contracapa da edição de 23 de janeiro de 1937. Era uma maneira de agregar valores a revista e ao mesmo tempo divulgar as empresas do grupo.

<sup>66</sup> Na época, em janeiro de 1937, Chatô comprou o Laboratório Licor de Cacau Xavier por 2200 contos de réis. MORAIS, op. cit, p. 367.

A Segunda Guerra Mundial na verdade trouxe soluções, pelo menos por décadas. Os impressionantes problemas sociais e econômicos do capitalismo na Era da Catástrofe aparentemente sumiram. A economia do mundo ocidental entrou em apoiada por uma extraordinária melhora na vida material, ficou estável; banuiu-se a guerra para o terceiro mundo.<sup>67</sup>

O *Cruzeiro*, na década de 1940, buscou agregar mudanças para além das imagens e na maneira de fazer publicidade que foram, até então, seu diferencial. A reformulação tinha como foco instigar a sociedade a ler e, com isso, aumentar as vendas de anúncio e de exemplares.

Assim como disse Glauco Carneiro, os primeiros 20 anos da revista não deram lucro, andava mal aos trancos e barrancos. Chatô pensou várias vezes em fechar a revista.<sup>68</sup> Entretanto, os novos incrementos proporcionados por Accyoli Netto levaram a revista a respirar e a almejar novos horizontes. De acordo com Carvalho, “no começo da década de 40 começou a respirar. Tirava 45 mil exemplares em outubro de 1940 e 58 mil dois anos mais tarde”.<sup>69</sup>

As atitudes que fizeram a revista mudar seu quadro financeiro foi o faturamento publicitário, inexistente na criação da revista e a venda de exemplares avulsos. Era uma revista ilustrada, mas de maneira desordenada.<sup>70</sup> Essa desordem pode ser atribuída à forma de impressão da revista, haja vista que as páginas coloridas eram impressas dias antes das em preto e branco.

As imagens, fotografias ou ilustrações eram o grande atrativo da revista. A sociedade carioca da época via-se em *O Cruzeiro*. A cobertura fotográfica em eventos na cidade estampava e vendia exemplares aos leitores. Na edição de 16 de fevereiro de 1929, a revista trouxe inúmeras fotos do carnaval em clubes nobres da cidade, como Botafogo, Clube Naval, Internacional de regatas, Vila Isabel.

Foi nesse contexto de imagens que a década de 1940 foi marcante para a revista. Investindo no segmento de reportagens, a revista encontra seu maior diferencial e por consequência tem sua melhor fase. “De 1944 a 1950 faria surgir entre nós as duplas de repórter e fotógrafo que deram novas abrangências às matérias ilustradas”.<sup>71</sup>

<sup>67</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 59.

<sup>68</sup> Segundo Fredy Chateaubriand, seu tio pensou várias vezes em fechar a revista, motivado pela falta de lucro desta.

<sup>69</sup> CARVALHO, op. cit., p. 62.

<sup>70</sup> Essa desordem se dava em várias matérias da revista. Matérias começavam em uma página da revista, eram interrompidas por outro assunto e voltavam páginas adiante, totalmente fora do contexto. Como exemplo, podemos citar o exemplar de 2 de setembro de 1961, no qual, no meio de uma matéria há um anúncio que somente é concluído páginas depois.

<sup>71</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 334.

As reportagens consistiam em mostrar fatos que se abordados de maneira simples passariam despercebidos. Era uma maneira de chamar a atenção. Ilustrar texto com várias imagens mostrava o trabalho complexo e envolvente da equipe. Segundo Carneiro, “a transformação se iniciou em 1943 com a publicação de maiores e melhores fotografias e, principalmente, reportagens fotográficas”.<sup>72</sup>

A reportagem propriamente dita era um novo conceito de informação, pois o leitor lia o texto e interpretava as imagens. Na década de 1940, o televisor não existia no país, o que levou as reportagens a ganharem ascensão no meio comunicacional. Era uma nova maneira de informar e conforme afirma Charaudeau, “a informação é essencialmente uma questão de linguagem”.<sup>73</sup>

Nesse momento, a revista estava passando uma informação mais completa ao seu leitor. A reportagem informava com o texto e complementava com a imagem. Outra novidade da década de 1940 era o conteúdo disponível no país. A Política da Boa Vizinhança, criação de Franklin Delano Roosevelt, atraindo conteúdo e publicidade, apresentava ao país o que os Estados Unidos tinham de melhor.

Foi na década de 1940 que a globalização midiática começou a ganhar forma. Nas páginas da revista, eram apresentados os ícones do consumo capitalista: produtos, costumes, discursos.

Ao aproximar os países pelas páginas da revista, criava-se uma maneira de evoluir no coletivo, ou seja, de transmitir informações e dividir conhecimentos nas páginas do semanário. Com isso, a revista objetivava criar símbolos e fortalecer o americanismo no país.

Além de apresentar os Estados Unidos e de moldar uma ideologia pró-norte-americano, a mídia servia para criar conceitos e afastar o nazismo. Tota descreve que:

O serviço de informação de Rockefeller revelou, num relatório de 1941, que vários negócios americanos eram apresentados na América-Latina por Alemães e/ou por simpatizantes do nazismo. Ironicamente, esses representantes usavam os anúncios e a propaganda das empresas para a difusão, ainda que velada, de mensagens antiamericanas.<sup>74</sup>

A visão e informação passada pela revista criaram dois ícones do jornalismo brasileiro. Aliando texto e imagens, surgiu uma das primeiras grandes duplas de repórteres

<sup>72</sup> Idem, p. 335.

<sup>73</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19.

<sup>74</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.p54

fotográficos do Brasil. A reportagem introduzida em 1944 marcou a revista e consagrou David Nasser e Jean Manzon.

Manzon era resultado da guerra na Europa. Convocado pelo exército francês para fotografar a guerra, acabou parando no Brasil. Com a Europa devastada pelo embate e a França ocupada pelos soldados de Hitler, Manzon não tinha muitas opções.

Isolado na Inglaterra e conhecido do cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, foi lhe sugerido viajar para o Brasil. Chegou ao país em 9 de agosto de 1940, para trabalhar no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e, conseqüentemente, na revista *O Cruzeiro*. Segundo Manzon, “a reportagem fotográfica no Brasil era inexistente. Havia um atraso muito grande, a paginação era confusa e (havia) sobretudo muito receio de mudar. Comecei minhas matérias sem ninguém que escrevesse os textos, nem mesmo as legendas”.<sup>75</sup>

Era um momento em que a revista estava investindo e agregando novidades para seu público. O governo de Getúlio Vargas estava com os dias contatos e seus apoiadores estavam aparecendo. Com as eleições marcadas para o final de 1945 e o comunista Luis Carlos Prestes dando a entender que apoiaria Vargas, houve um alerta entre as forças conservadoras.

Depois do fracasso de 1935, os comunistas viam em Vargas uma possibilidade de aliança. De acordo com Skidmore, “a política do Partido Comunista era apoiar o pedido de uma Assembleia Constituinte, enquanto ao mesmo tempo dava preferência ao adiamento das eleições presidenciais”.<sup>76</sup>

O momento desenhava um crescimento no Brasil. Comunismo naquele momento era sinônimo de URSS; e URSS, por sua vez, sinônimo de aversão aos Estados Unidos. O Brasil, desde Rio Branco, era alinhado à política norte-americana, diante de uma aproximação com a Rússia poderia vir a colocar em risco sua aliança com os Estado Unidos. Para a revista e Chatô, esse não era um cenário interessante do ponto de vista da lucratividade, visto que os grandes anunciantes eram empresas americanas.

Tota ressaltou que:

Na primeira metade de 1942, os anúncios de empresas americanos nos veículos de comunicação brasileiros (rádios e jornais) começaram a escassear. Isso por que os produtos mais anunciados – pneus, geladeiras, automóveis – praticamente não existiam mais no mercado.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> Depoimento de Manzon em: MEDEIROS, José. *50 anos de fotografia*. Rio de Janeiro: Funarte/Infoto, 1986.

<sup>76</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 88.

<sup>77</sup> TOTA, Antonio Pedro, op. cit., p. 55-56.

As dificuldades ocasionadas pela guerra e a retomada da economia mundial, juntamente com o fim da Segunda Guerra, inauguram outro tipo de disputa, a Guerra Fria, que consistia “da disputa entre as duas superpotências que procuravam ampliar seu raio de influência geopolítica e ideológica, ficando a ameaça de uma guerra nuclear”,<sup>78</sup>

Com o intuito de ampliar a cobertura da revista, Chatô agregou nas páginas do semanário uma coluna de política internacional, com correspondente direto dos Estados Unidos. Eram os governos de Dutra e Truman na visão de um “morador da casa Branca”.<sup>79</sup>

A afinidade de Chateaubriand e os interesses políticos criaram uma coluna de política internacional na revista. Assinada pelo jornalista estadunidense Drew Pearson, sobre o qual falaremos no próximo capítulo, a coluna seria o olho da revista nos Estados Unidos.

### 1.3 O poder e a informação: o Brasil que recepcionou Drew Pearson

Segunda Guerra Mundial, bomba atômica, expansão do comunismo. Esses são fatos que marcaram a década de 1940. Os meios de comunicação no Brasil já despontavam com um possível magnata das comunicações.

Companheiro fiel e, ao mesmo tempo, infiel do governo nacional, Chatô criou uma cadeia de comunicação que, sem dúvida, influenciava no poder político. As mudanças ocasionadas no país, nesse período, o fizeram mudar de lado por várias vezes, mas sempre ficando ao lado do poder. Uma nova fase começava no jornalismo nacional.

A imprensa desempenhava um papel de formador, disciplinador. Com o poder de transmitir e definir a verdade. De acordo com Charaudeau:

O poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância a qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força. Essa instância deve ter a capacidade de gerir e influenciar os comportamentos dos indivíduos que vivem em sociedade e, para isso, deve dotar-se de meios restritivos: regras de comportamento, normas, sanções.<sup>80</sup>

O poder do jornalista estava na palavra que poderia expor. Acompanhar fatos, explorar arquivos trazer a notícia à tona era o papel do jornalista. Contudo, como vimos, por trás do poder do jornalista, há o interesse da empresa de jornalismo. Para Barbosa: “A capacidade de tornar explícito, público, visível e oficial aquilo que poderia permanecer como experiência

<sup>78</sup> MARTINS, Ana Luiza, DE LUCA, Tania Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 73.

<sup>79</sup> A expressão pode ser definida por que as temas, as fontes e os conteúdos saíam de dentro da Casa Branca em Washington.

<sup>80</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 18.

individual, representa considerável poder, constituindo dessa forma, o consenso explícito do próprio grupo”.<sup>81</sup>

Esses atributos definidos por Barbosa mostram a relação do jornalismo com o poder. Assim, Charaudeau afirma que “a questão da informação tomou feições particulares desde o momento em que foi levantada, não somente como objeto de diferentes teorias, mas no âmbito de uma atividade socioprofissional”.<sup>82</sup> A questão da mídia passou do simples informar para quem e o que informar, sendo um simples produto, que tem clientes definidos e ideias a serem defendidas.

O jornalista detém o poder da palavra, do texto denso e com sentido. Em suma, podemos dizer que aos jornalistas cabe não só divulgar e informar, mas, sobretudo, tornar público e revelado. As suas relações com o poder vão, portanto, além dos limites das relações explícitas com o estado.

Assim, podemos afirmar que o poder do jornalista e de seu produto, a palavra, é considerado uma simbologia para a construção do mundo. É através da palavra que se criam princípios, mostra-se o real e evidencia-se o social, além de dar significado e conteúdo ao público.

A essa altura, os *Diários Associados* já faziam parte do imaginário e do cotidiano nacional. A eleição presidencial de 1945 colocou um militar no poder, o general Eurico Gaspar Dutra. Para Skidmore:

[...] período presidencial foi caracterizado por frequentes apelos por um retorno à tranquilidade. Dutra gozou de uma lua-de-mel política durante o seu primeiro ano, quando a UDN cooperou com o seu governo nas tarefas imediatas de reconstrução do após guerra<sup>83</sup>.

A eleição de 1945 mostrou mais uma vez os interesses de Chateaubriand. O pleito era acirrado, não tinha um candidato que expressava o favoritismo das urnas, Chatô, sempre tão interessado e combatente nas campanhas ficará de fora dessa vez. Um dos motivos: “como o resultado das eleições era imprevisível, ele fazia, no entanto, um jogo ambíguo: tomou cautela de não deixar sair em sua rede uma única palavra contra a candidatura de Dutra”.<sup>84</sup>

Com a campanha em aberto e o resultado totalmente indefinido, não apoiar nenhum candidato era uma maneira de Chatô preservar a posição associada, ou seja ele poderia apoiar

<sup>81</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p. 152-153.

<sup>82</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 34.

<sup>83</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 91.

<sup>84</sup> MORAIS, op. cit., p. 455.

quem vencesse o pleito, caracterizando sua posição sempre ao lado do poder . O momento pós-guerra estava sendo favorável para as exportações no país. Tínhamos, nos Estados Unidos de Truman, um forte parceiro comercial. A guerra em solo europeu não prejudicou o território americano. Fazendo parte das Forças Aliadas, os Estados Unidos combateram o nazismo alemão.

Enquanto, no Brasil, Vargas era deposto em 1945, Truman assumiu a Casa Branca após a morte do então presidente Franklin Delano Roosevelt. Os momentos econômicos de Brasil e Estados Unidos eram totalmente diferentes. Os Estados Unidos acabaram o combate como a maior potência da terra. Karnal ressalta que “economicamente, os Estados Unidos detinham a maioria do capital de investimento, produção industrial e exportações do mundo, controlando até dois terços do comércio mundial”<sup>85</sup>

No Brasil, o pós-guerra coincidiu com a queda da ditadura. As exportações aumentaram, encontrando um maior nível de consumo e qualidade.

De acordo com Prado Jr.:

A indústria brasileira não será, aliás, solicitada unicamente pelo mercado interno; alguns de seus setores mais desenvolvidos e habilitados (como em particular a de tecidos de algodão) encontrarão também alguns mercados externos, como nos países da América Latina e na África do Sul, às voltas com as mesmas dificuldades de abastecimento que nós. Os próprios Estados Unidos se tornam grandes importadores de tecidos brasileiros.<sup>86</sup>

No cenário nacional, grandes empresas norte-americanas importavam nossos produtos e exportavam os seus. Faziam movimentar a balança econômica nacional. Chatô falava que “foram a moeda e a experiência estrangeira que nos proporcionaram o gás, a eletricidade, a ferrovia, o navio a vapor e portos de mar”<sup>87</sup>.

*O Cruzeiro* estava financeiramente bem e os anúncios internacionais movimentavam o final da década de 1940. Para comemorar seus 17 anos, a revista estampou em fotografias grandes astros do cinema americano: “Clark Gable, Veronica Lake, Rita Hayworth, Mureen O’Hara, Rosalind Russel, Cary Grant”<sup>88</sup>.

O “americanismo” da revista a levou a ter uma identidade com o jornalismo norte-americano, haja vista que estava seguindo um *layout* da revista *TIME*, que surgira em 1936.

---

<sup>85</sup> KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 226.

<sup>86</sup> PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 303.

<sup>87</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 94.

<sup>88</sup> CARVALHO, op. cit., p. 247.

Com o intuito de manter sempre a inovação, a revista lançou, em 1947, uma coluna de política internacional sobre responsabilidade do jornalista estadunidense Drew Pearson.

## 2 DREW PEARSON: A FEIÇÃO NORTE-AMERICANA EM O CRUZEIRO

Andrew Russel Pearson, ou simplesmente Drew Pearson, foi um jornalista norte-americano que, pelos seus comentários e publicações, ganhou os olhos do mundo. Nascido no dia 13 de dezembro de 1897, em Evanston, Illinois, em um momento em que, conforme Karnal et al., “já era possível ver, nesse meio urbano, a formação de uma crescente classe média, admiradora de esportes, leitora de revistas e romances de grande circulação”.<sup>89</sup>

Filho de um professor universitário, morou em Illinois até os 6 anos de idade, quando seu pai foi chamado para dar aulas no *Swarthmore College* e acabaram por se mudar para a Pensilvânia.

Em 1915, Pearson entrou para a universidade e deu os primeiros passos no jornalismo ao editar o *Jornal Universitário Phoenix*. Pearson “foi educado na Pensilvânia, cursou a *Phillips Exeter Academy*, a *Universidade Swarthmore*, onde concluiu o curso como membro da *Sociedade Phi Beta Kappa* e foi diretor do jornal universitário”.<sup>90</sup>

Após sair da universidade e andar pelo mundo como correspondente, tentando vender seus artigos, voltou, tornando-se professor de geografia e “após um período de trabalhos de auxílio com a Comissão de Serviços dos Amigos Americanos, ensinou na Universidade da Pensilvânia e na Universidade de Columbia”.<sup>91</sup>

Durante a década de 1920, atuou como correspondente na Europa, Austrália, Índia e África do Sul,<sup>92</sup> ganhando notoriedade que lhe rendeu, em 1930, uma menção honrosa com uma reportagem sobre uma possível Revolução em Cuba. Nesse momento, Pearson começava a alçar voos maiores. Suas viagens permitiram criar amizades e vínculos.

Em 1930, já com espaço no meio jornalístico, Pearson e seu colega, Robert S. Allen, publicaram uma série de histórias, muitas delas, particulares e sem caráter público, de grandes figurões do governo americano. Era a primeira edição do que se tornaria um dos maiores e mais credenciados veículos da imprensa americana, o *Washington Merry-Go-Round*.

Antes de chegar ao *O Cruzeiro*, em 1947, Pearson escreveu livros, dirigiu programas de rádio e foi colunista de um dos maiores jornais dos Estados Unidos, *The Washington Post*, além de disseminar suas ideias por meio de artigos publicados. Essa era a bagagem que credenciava e trazia Pearson para o semanário de Chateaubriand.

<sup>89</sup> KARNAL, op. cit., p. 156-157.

<sup>90</sup> PEARSON, Drew. *O senador*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969, p. 559.

<sup>91</sup> PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. *USA: potência de segunda classe?* São Paulo: Bestseller, 1959, p. 465.

<sup>92</sup> AMERICAN UNIVERSITY LIBRARY. *Biography of Drew Pearson*. Disponível em: <<http://www.library.american.edu/pearson/biography.html>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

Ao chegar à revista, Pearson era a referência em política internacional, buscado por Chatô. De nacionalidade norte-americana, como os anunciantes da revista – dentre os quais podemos citar Chevrolet, Texaco, Ford, RCA Victor, Hollywood –, Pearson preenchia os requisitos simbólicos que o periódico desejava.

Do ponto de vista da empresa jornalística, podemos apontar dois sentidos:

Pode-se dizer que as mídias da informação funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica *econômica* que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo; e uma lógica *simbólica*, que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública.<sup>93</sup>

Pearson era formador de opinião e atraía anunciantes. Seu primeiro artigo saiu no dia 26 de julho de 1947, consistindo em uma reflexão sobre a Argentina de Perón. A partir desse momento e por longos anos, *O Cruzeiro* teve um jornalista dentro da Casa Branca. A última edição de julho daquele ano trouxe a novidade e assim mostrou:

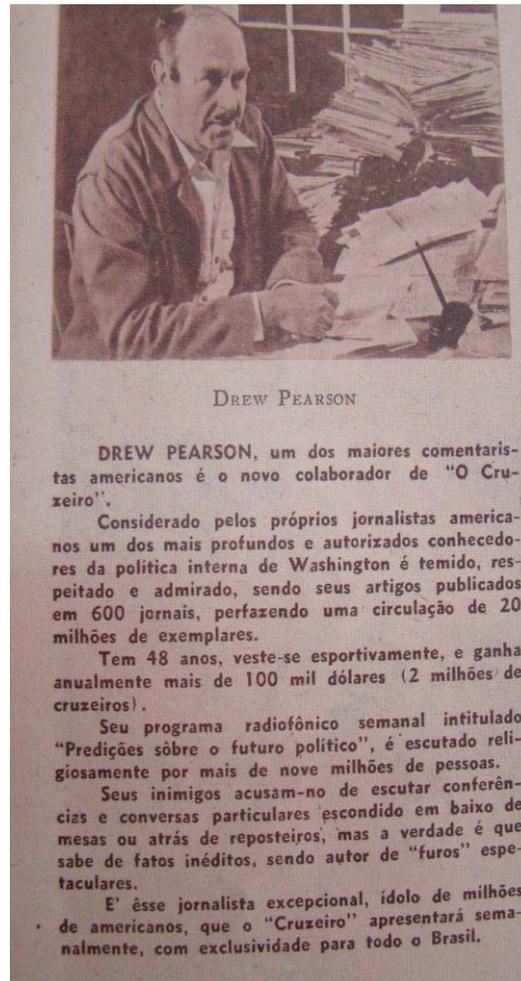
Drew Pearson, um dos maiores comentaristas americanos é o novo colaborador de “*O Cruzeiro*”. Considerado pelos próprios jornalistas americanos um dos mais profundos e autorizados conhecedores da política interna de Washington é temido, respeitado e admirado, sendo seus artigos publicados em 600 jornais, perfazendo uma circulação de 20 milhões de exemplares.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> CHARAUDEAU, Patrick, op. cit., p. 21.

<sup>94</sup> O CRUZEIRO, 26 jul. 1947. Peron agrada os Estados Unidos.

Figura 5 - Recorte da edição de 26 de julho de 1947 apresentando Drew Pearson.



Fonte: *O CRUZEIRO*, 26 jul. 1947.

Pearson era a imagem do nobre e culto cidadão norte-americano. Andava com a alta sociedade americana. Era parte da elite americana de jornalistas. Segundo a própria revista<sup>95</sup>: "Aos 48 anos, veste-se esportivamente, e ganha anualmente mais de 100 mil dólares".<sup>96</sup>

O momento em que Pearson chegou à revista condizia com o momento de ascensão dos *Diários Associados*. Era um período de transição e novidades nos meios de comunicação. "Em 12 de outubro de 1948, o novo veículo de comunicação seria anunciado aos brasileiros por Chateaubriand".<sup>97</sup> A televisão, com tecnologia norte-americana, estava chegando ao país e Chatô também investiria nesse veículo, sendo sua a primeira rede de televisão brasileira, a TV Tupi.

<sup>95</sup> *O CRUZEIRO*, 26 jul. 1947. Peron agrada os Estado Unidos.

<sup>96</sup> A idade de Pearson comunicada pela revista não confere com a data de nascimento. Pearson nasceu em 1897 (AMERICAN UNIVERSITY LIBRARY, op. cit.) e a revista de 1947, publica que ele tem 48 anos. A informação não confere, pois deveria ter 50 anos.

<sup>97</sup> WAIMBERG, op. cit., p. 146.

O crescimento do Associado não era somente focado em aparelhos e novas tecnologias. Ao apresentar Drew Pearson aos leitores, Assis Chateaubriand criava um novo símbolo norte-americano, pautado nas suas ideias e crenças, e trazia em Pearson a referência na política internacional.

O imaginário capitalista reforçado por Pearson não se limitaria aos textos e às linhas transcritas na coluna. A partir do momento que Chatô abriu espaço para o colunista, estava dando liberdade e legitimando o poder, colocando nas páginas da revista um formador de opinião com base nos valores norte-americanos.

## 2.1 A “COLUNA” *Carrossel*<sup>98</sup> do Mundo: os discursos de Pearson

A ideia de colunista nos remete a um possível “equivoco”. No jornalismo nacional, “há uma tendência geral de chamar de coluna toda seção fixa. Assim sendo, a coluna abrange, segundo essa noção, o comentário, a crônica e até mesmo a resenha”.<sup>99</sup> Pearson, nesse sentido, publicava de acordo com a periodicidade da revista, ou seja, sua coluna era publicada semanalmente e em espaço fixo.

Sendo assinada e tomando certa liberdade, a coluna é caracterizada com o perfil do autor, seja política ou social, notando-se em seu escritor a afinidade com o assunto. Logo, esse autor torna-se uma referência do gênero dentro do veículo. A coluna pode, também, ser definida, segundo Rabaca e Barbosa como:

[...] a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. A coluna mantém um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a localização imediata pelos leitores;<sup>100</sup>

A coluna *Carrossel do Mundo*, assinada por Drew Pearson, tinha todas as características citadas acima. Desde a primeira edição, a coluna escrita pelo jornalista figurava no editorial da revista, na seção de artigos. Na primeira edição da coluna, o editor coloca o nome da coluna no editorial, característica essa, que vai sendo alternada com o título escrito por Pearson.

<sup>98</sup> Em 1947, início da coluna, a grafia era Carroussel. Ao final de 1961, a escrita era Carrossel.

<sup>99</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 104.

<sup>100</sup> RABACA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978, p. 102.

Figura 6 - Editorial da revista *O Cruzeiro*.



ARTIGOS	
MANIA DE ANTIGUIDADES —	
Lourdes G. Silva .....	3
O MUNDO INTERIOR — Austregé-	
sillo de Athayde .....	5
CARROUSEL DO MUNDO — Drew	
Pearson .....	16
CABECAS NA LUA — Genelino	
Amado .....	26
A ROUPA CONFORME O FRIO, O	
FRIO CONFORME A ROUPA —	
Rachel de Queiroz .....	90
REPORTAGENS	
SPELLMAN, O FUTURO PAPA —	
John Mangan .....	8

Fonte: *O CRUZEIRO*, 26 jul. 1947.

Podemos ver que Pearson se enquadrava como articulista no semanário.

O formato estético da coluna foi variando de acordo com o tempo. Inicialmente, o colunista dispunha de uma página inteira para descrever seus textos e expor suas ideias. As primeiras edições de 1947 saíram com paginação fixa, mas, com o tempo, podemos identificar que a coluna não seguia a mesma paginação da semana anterior. Sobre essa questão, podemos levantar dois aspetos: as páginas coloridas da revista eram impressas vinte dias antes das em preto e branco e, ainda, nos primeiros dez anos do colunista, o editorial de fotografia acompanhava sua coluna. Um fato em foco que, semanalmente, aparecia na coluna *Carrossel do Mundo*.

Em 1958, a coluna passou por uma reformulação estética. Durante esse ano, os textos de Drew Pearson iam diminuindo. De página inteira, acabava em apenas meia lauda no ano seguinte.

A primeira edição de 1959 foi marcada pela mudança estética da coluna *Carrossel do Mundo*. A foto de Drew Pearson e seu artigo dividiam a página com anúncios semanais de produtos como Leite Moça<sup>®</sup>, Colgate<sup>®</sup>, Phillips<sup>®</sup>, Quaker<sup>®</sup>, além de anúncios de prestação de serviços como relojoeiro e detetives. Esse novo perfil, durou até a edição de 8 de agosto de 1962.

A partir de tal data e, tratando sobre a lentidão da Aliança para o Progresso, a coluna *Carrossel do Mundo* deixava de estampar a coluna com a foto do jornalista norte-americano. Os temas mantinham suas características críticas e dentro dos principais contextos mundiais.

Figura 7 - Revista O Cruzeiro 9 de agosto de 1947.



Figura 8 - Revista O Cruzeiro 28 de novembro de 1959



Figura 9 - Revista *O Cruzeiro* 11 de agosto de 1962



Os assuntos eram ligados diretamente com política, geralmente com foco e relação aos Estados Unidos, dependendo do ano, dos fatos e o que estaria movendo o senado americano. A maneira com que escrevia e o modo de escrever não eram direcionados para uma massa da sociedade, mas para grupos sociais com maior intelectualidade.

Os argumentos abordados referiam-se, principalmente, à economia, à política e à cultura norte-americana. O autor falava, criticava e argumentava assuntos que seriam de interesse da sociedade capitalista, detentora de um maior poder aquisitivo e interesses econômicos e sociais de alto escalão.

Ao analisarmos uma coluna, nos deparamos com alguém trazendo suas ideias, mostrando uma característica própria e conhecimento no assunto abordado. O colunista pode ter uma coluna com diferentes formatos, com estilos e linguagens específicas para públicos-alvo. A coluna é um meio de informar. É uma ideia, um fato interpretado e repassado sob a ótica do colunista, mas sempre com a função de informar.

Charaudeau afirma que “sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência desses com o tipo de receptor que interpretará a informação dada”<sup>101</sup>. Assim, podemos classificar para quem Pearson falava e

<sup>101</sup> CHARAUDEAU, op. cit., p. 42.

qual era o foco da coluna, ou seja, Pearson discursava para um público com maiores interesses econômico e políticos, com ênfase internacional.

Ainda encontramos colunas formadas apenas por imagens, formato comum na cobertura de eventos sociais. Mas, em nosso caso, estamos falando de jornalismo e política, no entanto, o termo artigo pode passar por definições distintas.

Cada escola, ou país, tem sua própria definição de artigo. No Brasil, Marques de Melo afirma que “o artigo tem uma dimensão explícita, representando aquele tipo de matéria geralmente escrita pelos colaboradores e que se publica nas páginas editoriais”.<sup>102</sup>

Pearson era um colaborador da revista, oriundo de uma escola diferente da nossa, a americana, onde, segundo Pepper Jr., artigo é definido como “quase todos os trabalhos narrativos demonstrativos de alguma extensão, de modo que não tem esta palavra a mesma aceção especializada de ‘*artigo jornalístico*’”.<sup>103</sup>

Ainda sobre essa definição, Marques de Melo comenta: “escrito, de conteúdo amplo, e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma ideia atual”.<sup>104</sup> O artigo parte da criação e da afinidade do autor com o tema, exibindo e dando identidade ao emissor da opinião. Sendo assim, o mesmo autor, acima citado, relata que “A presença do articulista na imprensa brasileira tem papel significativo, pois contribui para dinamizar a vida do jornal ou da revista, superando as limitações naturais que perfazem a sua fisionomia informativa ou opinativa”.

São com artigos que se defendem ideias e se tenta criar conceitos. Pearson criava ideias, conceituava e apresentava suas “investigações” dentro da revista. Sua linha editorial fazia jus às definições científicas de artigo, ou seja, tinha conhecimento do assunto, era influente, demonstrava sua opinião, narrava e explicava os acontecimentos, sempre dentro de seus objetivos, linha editorial e peculiaridades características de um articulista, ou seja, Pearson apresentava seus textos sob o molde de artigo e exibia suas percepções de mundo.

---

<sup>102</sup> MELO, *A opinião no jornalismo brasileiro*, p. 92.

<sup>103</sup> PEPPER JR., William M. *Dictionary of newspaper and printing terms*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1959, p. 25.

<sup>104</sup> MELO, *A opinião no jornalismo brasileiro*, p. 95.

## 2.2 Jornalismo norte-americano e imprensa brasileira

Tendo como descobridor e desbravador de nosso território um país europeu, nossa escola de jornalismo não seguiu os passos do velho mundo. Mas, para Marques de Melo:

O maior impacto que recebemos foi, porém, o do jornalismo norte-americano, cujos padrões adquiriram peculiaridades próprias em relação às práticas embrionárias embarcadas junto com a bagagem dos imigrantes ingleses. O contato com o jornalismo norte-americano, decorrência evidente da hegemonia conquistada pela jovem potência capitalista, faz-se por intermédio da ousada atuação de suas agências noticiosas.<sup>105</sup>

A ligação com o jornalismo norte-americano foi uma consequência da diplomacia e das ações entre os dois países. Além do mais, Brasil e Estados Unidos eram grandes parceiros comerciais. O avanço das empresas jornalísticas se dava, em boa parte, em virtude das empresas norte-americanas que aqui anunciavam. Mas, como o jornalismo, nas palavras de Marques de Melo, nasceu na Europa, qual é a origem do jornalismo norte-americano? De acordo com Silva, “o jornalismo americano é produto do jornalismo que se praticava na Inglaterra no século 18 alterado pelas condições específicas dos EUA ao longo de 200 anos de história”.<sup>106</sup>

A mesma Inglaterra que teve laços com o Brasil moldou o jornalismo norte-americano, o diferencial ficou por conta da influência dos Estados Unidos no Brasil. A semelhança no jornalismo norte-americano com o inglês nos remeteria a um jornalismo possivelmente europeu. Entretanto, o que nos dá esse diferencial e nos caracteriza, de acordo com Silva, “são os profissionais da atividade daqui que viajam para lá viver algum tempo, examinam a imprensa de lá e, conscientemente ou não, ao retornarem a seu país, começam a usar técnicas e conceitos que aprenderam ali”.<sup>107</sup>

Esse estágio de jornalistas brasileiros<sup>108</sup> nos Estados Unidos servia para fortalecer nossa imprensa, caracterizar e moldar os veículos e a forma de comunicar. Entretanto, o interesse não era meramente nacional, os Estados Unidos tinham ideais com esse “estágio” de jornalistas.

<sup>105</sup> MELO, *Teoria do jornalismo: identidade brasileira*, p. 68.

<sup>106</sup> SILVA, op. cit., p. 59.

<sup>107</sup> Ibdidem, p. 71.

<sup>108</sup> Podemos citar: Antonio Pimenta Neves em 1966, Alberto Dinez em 1960, Samuel Wainer em 1944 (exilado).

Para Silva, “em 1940, foi criado o ‘*Office of the Coordinator of Interamerican Affairs*’, com Nelson Rockefeller em seu comando, que passou a investir largas somas para, entre outras atividades, distribuir artigos à imprensa latino-americana e patrocinar viagens de jornalistas aos EUA”.<sup>109</sup>

A partir da criação do instituto, é percebida uma aproximação dos Estados Unidos com outros países. Quando os jornalistas iam para os EUA, retornavam com a tendência de reproduzir o padrão jornalístico norte-americano, ajudando a fortalecer as ideologias e levando seus costume a outros países.

Marques de Melo, em um de seus estudos sobre a relação da imprensa americana com a brasileira, diz que “sob a égide do capital norte-americano, a imprensa brasileira adquire uma nova servidão. Sem se libertar da vassalagem do estado, subordina-se também ao capital estrangeiro, que se torna o maior anunciante”.<sup>110</sup>

A constatação de Marques de Melo está estampada nos *Diários Associados* e em *O Cruzeiro*. O semanário teve seu auge com ajuda dos anúncios de empresas norte-americanas. Sua queda na publicidade e o seu declínio financeiro foram consequências das retiradas dos anúncios americanos da revista, principalmente após o governo JK.

Essas colocações podem nos remeter à conclusão de que o jornalismo brasileiro teve várias influências. Era um tempo em que não havia muita tecnologia, os acessos eram limitados e o padrão que melhor se encaixou no perfil nacional foi o norte-americano, o qual foi acompanhado de benefícios e custos.

### **2.3 O Cruzeiro: a ascensão e o capital norte-americano**

O primeiro ano da década de 1950 foi marcado pelo pleito à presidência do país. Getúlio Vargas, que fora deposto em 1945 e eleito senador e deputado, era um dos fortes candidatos ao governo.

Para a revista *O Cruzeiro*, mais uma vez chegava a hora de tomar uma posição. Apoiar ou não apoiar Vargas. As características e decisões do meio associado poderiam surpreender o mais otimista e fiel leitor. Passada a guerra, era momento de desenvolver o país, criar políticas e projetos, focando a modernização e, assim, acompanhar a industrialização mundial.

Os ideais, conceitos, projetos, sejam econômicos ou culturais, movimentavam e criavam uma nova maneira de ver e vivenciar o país. Alzira Alves de Abreu relata que “a

---

<sup>109</sup> SILVA, op. cit., p. 79.

<sup>110</sup> MELO, *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 85.

produção intelectual desse período foi profundamente marcada pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do social desenvolvimento”.<sup>111</sup>

A revista era o carro chefe dos *Diários Associados* e nela aglomeravam-se grandes jornalistas, ótimos redatores e indivíduos que sabiam fazer política. Contudo, o apoio à Vargas não foi sacramentado pela revista. *O Jornal*, outro veículo dos *Diários Associados*, fora escolhido para tentar formalizar um apoio ao ex-ditador.

Em fevereiro de 1949, na época de cultivo de trigo no Rio Grande, Assis Chateaubriand enviou os jornalistas para o Rio Grande do Sul com o intuito de reportar essa atividade. Samuel Wainer foi o jornalista encarregado da matéria e Chateaubriand, no momento, não suspeitava das reviravoltas que a matéria sobre o trigo traria. Apoiando o candidato Canrobert Pereira da Costa, não tinha intenção em colocar-se ao lado de Vargas.

A série de reportagens sobre o trigo acabou não sendo publicada. Wainer, acompanhado de um experiente piloto, acabou por aportar na fazenda dos Santos Reis, em São Borja, onde Getúlio Vargas estava desde que fora deposto em 1945. Wainer fez uma matéria com o ex-presidente e a entregou na mesa de Chateaubriand.

Chateaubriand, em um primeiro momento, não leu o que o jornalista coletara em São Borja. Em sua autobiografia, Wainer relatou que, “para Chateaubriand, convinha assustar os donos do poder com o fantasma da volta de Getúlio Vargas; interessava-lhe fortalecer Getúlio, dando ressonância à voz do ex-ditador. Era isso que ele pretendia dizer com a expressão ‘vamos engordar o porco’”.<sup>112</sup>

Partindo desse princípio, os *Diários Associados* começavam a década de 1950 com um candidato escolhido. A revista *O Cruzeiro* seria um possível veículo em que Vargas estamparia e ilustraria páginas. A grande reformulação da década de 1940, quando passou a ser considerada a maior revista da América Latina, seria consolidada na década de 1950. O momento que *O Cruzeiro* esperava era também o período no qual o brasileiro era defrontado com a modernidade.

A modernidade nacional chegou junto com a mudança no perfil dos jornais da época. Era um período em que o jornalismo agressivo, vulgar e que servia o estado passava por reformulações. A imprensa pobre, com poucos recursos e com baixa tiragem, foi sendo

---

<sup>111</sup> ABREU et al., op. cit., p. 13.

<sup>112</sup> A expressão “vamos engordar o porco” foi utilizada por Chateaubriand após ler a matéria de Wainer sobre Vargas, ou seja, ele queria, com isso, amedrontar os opositores de Vargas com sua possível volta à presidência nacional.

substituída. De acordo com Ribeiro, “a imprensa foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina, substituindo-a por um jornalismo que privilegiava a informação”.<sup>113</sup>

De acordo com Barbosa,

[...] os anos 1950 marcaram também o processo de profissionalização da imprensa. O aumento dos salários permitiu que o jornalismo deixasse de ser um bico, uma preocupação provisória, e que os jornalistas fossem adquirindo um sentido de categoria profissional diferenciada da dos literatos e políticos.<sup>114</sup>

A década de 1950, segundo Barbosa, foi “um período em que jovens homens da imprensa, inovadores e visionários, transforma, como num passe de mágica, o jornalismo que se fazia”.<sup>115</sup> Baseados em uma escola americana de jornalismo, era o período em que o jornalismo de massa chegaria ao país, ou seja, “a mensagem pode ser transmitida por diversos meios: rádio, jornal, revista, livro, televisão, etc.”.<sup>116</sup>

As transformações da década fizeram surgir novos grupos. Para concorrer com a revista *O Cruzeiro*, havia a revista *Manchete*, além dos novos magazines criados por Victor Civita, principalmente para o público feminino, como a revista *Capricho*, em 1952.

Apesar dessa concorrência, a revista estava passando por sua melhor fase. O mercado editorial estava sob o domínio de *O Cruzeiro*. Accioly Netto ressalta que:

Em meados dos anos 50, a venda de muitos exemplares de *O Cruzeiro* no exterior – em Portugal e principalmente na Argentina, Chile e México – nos animou a fazer uma experiência pioneira: traduzir para o espanhol algumas reportagens de maior sucesso, para publicação nesses países. O sucesso foi instantâneo e a circulação cresceu de tal maneira que logo *O Cruzeiro* passou a ser a revista mais vendida em alguns países latino-americanos, derrotando por exemplo *El Hogar*, na Argentina.<sup>117</sup>

Os promissores anos de 1950 estavam correndo e *O Cruzeiro* acompanhava esse ritmo. Suas vendas estavam acima das décadas anteriores e sob a capacidade de seus funcionários, transformou a época, criou conceitos e consagrou a revista.

Carneiro afirma que:

<sup>113</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, n. 31, 2003.

<sup>114</sup> BARBOSA, op. cit., p. 152.

<sup>115</sup> Ibidem, p. 157.

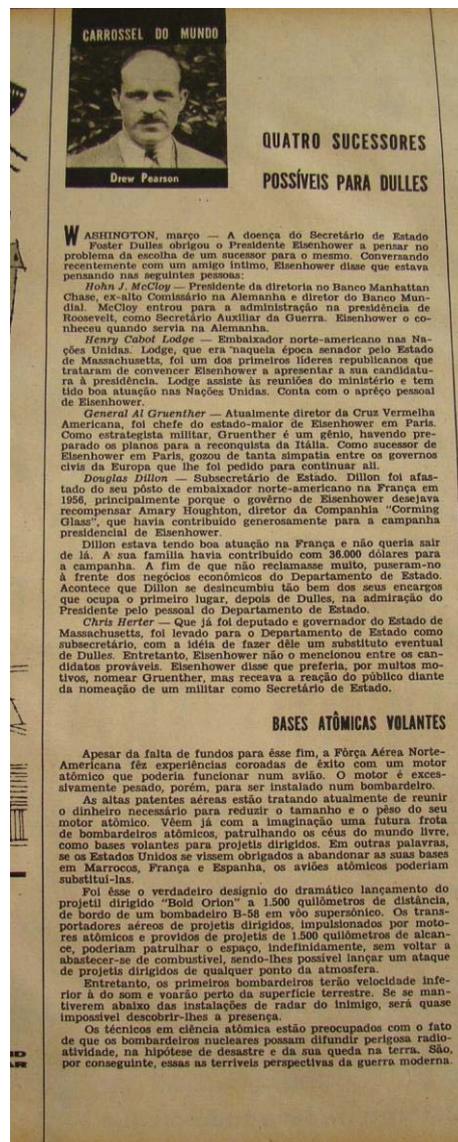
<sup>116</sup> EMERY, Edwin. *Introdução à comunicação de massa*. São Paulo: Atlas, 1973, p. 26.

<sup>117</sup> NETTO, op. cit., p. 159.

*O Cruzeiro*, utilizando aviões a hélice, cabogramas e telefones demorados, conseguiam fazer de sua revista uma publicação atualizada, por que antecipavam os acontecimentos e criavam fatos, produzindo uma informação muito mais quente e substancial do que a da imprensa comum e até das agências de notícias internacionais.<sup>118</sup>

A revista da década de 1950 era esteticamente diferente da que surgiu em 1928. Mais encorpada, impressa em quatro cores (ao invés de sépia, preto e branco), com matérias e reportagens especiais. Nela, além de os colunistas tratarem de temas específicos, davam força e credibilidade para o semanário.

Figura 10 - Revista *O Cruzeiro* de 27 de maio de 1959.



<sup>118</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 340.

Ao analisarmos um exemplar de 1959, podemos ver a diferença do papel, da diagramação, do conteúdo, dos comerciais e, principalmente, a qualidade da impressão. É uma revista com mais de 100 páginas, número que fica muito longe das 48 de 1929, quando era impressa em duas cores e em dois tipos de papel, voltando-se para a cobertura de eventos no Rio de Janeiro.

Assim como *O Cruzeiro*, o Brasil que esperava por Vargas também mudara, tanto econômica quanto socialmente. A imprensa, a indústria, as grandes cidades começam a ganhar forma. Thomas Skidmore expõe que:

A sociedade brasileira apresentava uma estrutura de classes mais nitidamente diferenciada do que a do tempo do Estado Novo, especialmente nos primeiros anos. O duplo processo de industrialização e urbanização se ampliara e a classe operária urbana e a classe média urbana.<sup>119</sup>

*O Cruzeiro* vivia sua melhor fase. Grandes profissionais marcaram a melhor época da revista. Na metade da década, precisamente em “em 1954, o diretor era Antônio Accioly Neto e dentre os repórteres e fotógrafos encontramos os nomes de Ubiratan de Lemos, Arlindo Silva, José Alberto Gueiros, Jorge Audi, Nicolau Leite, Leopoldo Oberts, Luciano Carneiro”.<sup>120</sup>

As reportagens da época passavam pelo olho e pelo *feeling* desses jornalistas. O país estava crescendo e precisava ser mostrado. Na imprensa, as novidades estavam por conta da TV Tupi, que começou a funcionar em setembro de 1950. A televisão, assim como todo lançamento, era de acesso limitado. Waimberg destaca que “na época, o Rio de Janeiro possuía somente 86 aparelhos de TV em casas de particulares”.<sup>121</sup>

Da metade para o fim da década de 1950, o país desenvolveu-se significativamente com base no crescimento da indústria. “O governo promoveu várias medidas destinadas a incentivar o desenvolvimento econômico, com ênfase na industrialização”.<sup>122</sup> Nessa contextualização, o crescimento econômico abriu portas para a imprensa crescer, seja por meio de anúncios de produtos, seja simplesmente pelas obras realizadas pelos governos, as quais mereciam ser destacadas ao leitor.

As ações do governo e os incentivos deram resultados e os *Diários Associados* foram recebendo-nas. De acordo com Meyrer, “*O Cruzeiro* saudava este processo acolhendo, de

---

<sup>119</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 111.

<sup>120</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 342.

<sup>121</sup> WAIMBERG, op. cit., p. 150.

<sup>122</sup> FAUSTO, op. cit., p. 409.

bom grado, em suas páginas as empresas estrangeiras, especialmente as norte-americanas, seja através de reportagens pagas ou publicidade explícita”.<sup>123</sup>

Os *Diários Associados* seguiram e deram continuidade e crescimento ao jornalismo na década. As várias maneiras de ofertar e vincular anúncios facilitou o crescimento. Quando não havia oferta, Chatô barganhava permuta, muitas vezes trocando anúncios por obras e artes que posteriormente seriam expostos no MASP.

O surgimento da televisão e o rádio, sendo utilizado ainda como instrumento de massas, caracterizaria uma possível dificuldade da imprensa escrita, haja vista que “56,4% em 1940”<sup>124</sup> da população eram analfabetos. Mas não foi o que aconteceu. A revista continuava a crescer e os *Diários Associados* tinham, no semanário, o veículo que mais vendia. Nesse sentido, confirma Laurenza: “*O Cruzeiro*, que atingiu uma média de 720 mil exemplares semanais (1954), num país de quase 52 milhões de habitantes, predominantemente rural e semianalfabeto”.<sup>125</sup>

O discurso transmitido pela revista se disseminava. Abordava assuntos de interesse geral, que, apesar do analfabetismo no país, expressava-se pela sua principal característica, as imagens.

A multivariada da revista a levava a abranger vários públicos e disseminar vários códigos. Através da leitura, os leitores tinham informações de moda, reportagens de assuntos gerais, tiras de humor e, em Drew Pearson, o colunista de política internacional.

Existem ainda números mais impressionantes sobre a tiragem da revista. Há que se levar em conta que, na década de 1950, não existia um órgão que fiscalizava a tiragem das revistas. “A criação do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) data de 1961”.<sup>126</sup>

*O Cruzeiro* não era apenas números. Meyrer afirma que:

*O Cruzeiro* atribuía a si própria uma missão civilizadora. O discurso, entretanto, dirigia-se a uma incipiente burguesia nacional. Que era frequentemente questionada nos inúmeros artigos de Chateaubriand, veiculados nos seus jornais, sobre sua incapacidade para levar adiante projetos políticos e econômicos do país.<sup>127</sup>

<sup>123</sup> MEYRER, Regina Marlise. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* (1955-1957). 2007. 257f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2007.

<sup>124</sup> PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 2002, p. 52.

<sup>125</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda*. In: MARTINS; DE LUCA, op. cit., p. 181.

<sup>126</sup> LAURENZA, op. cit., p. 181.

<sup>127</sup> MEYRER, R. Marlise. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro*. (1955-1957). 2007. 257f.; Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2007, p. 112.

O Brasil da década de 1950 e a revista de Chateaubriand tinham muito em comum. Ambos cresciam simultaneamente, um anunciando e outro sendo anunciado. A prova do crescimento de *O Cruzeiro* estava na grande tiragem do período e Accioly Neto assim o definiu:

Quando [a revista] atingiu a sua fase de maior sucesso, era uma revista essencialmente eclética, destinada a ser lida por um público diversificado, de todas as classes sociais, incluindo homens e mulheres. Num país com milhões de analfabetos, o apogeu da revista foi o que se chamou de “milagre editorial”: com tiragem de cerca de 850 mil exemplares circulando em território nacional<sup>128</sup>.

Em pesquisa realizada em 2007, Correa mostrou os números da vendagem de revistas naquele ano. Esse segmento era liderado pela “*Veja* [,com] 1.096 mil exemplares”.<sup>129</sup> Atualmente, somos 190 milhões de habitantes e estima-se que 80% vivem nas cidades, muito mais do que “52 milhões de habitantes, predominantemente rural e semialfabetizado”<sup>130</sup> da época de *O Cruzeiro*.

Os números apresentados acima nos ajudam a entender a importância e a participação de *O Cruzeiro* no cenário nacional e, principalmente, na história do país. Com 190 milhões de habitantes, a revista *Veja* vendeu pouco mais de um milhão.

*O Cruzeiro* – mesmo tendo o Brasil 52 milhões de habitantes, com índices de analfabetismo na casa de 50%, e com apenas 1/3 da população residente em cidades, com problemas de logística e mesmo estando o país em desenvolvimento –, chegou à marca de 850 mil exemplares. “Calculava-se – imaginando que cada exemplar seria lido por cinco pessoas, e que *O Cruzeiro* passaria pelas mãos de nada menos que 4 milhões de leitores”.<sup>131</sup>

No campo comunicacional, concorrentes surgiram para tentar desbancar *O Cruzeiro*. A década de 1950, no segmento de revistas, “era relativamente pobre quando, em junho de 1950, Victor Civita lançou o Pato Donald”.<sup>132</sup> Para *O Cruzeiro*, Pato Donald era uma nova proposta, mas não atingiria a revista. O que mais a atingiu foi a criação da *Manchete*, em 1952, que nasceu sob os moldes da revista francesa *Paris Macth*.

A concorrente fora uma ideia dos irmãos Bloch, que trabalhavam e imprimiam revistas terceirizadas. Nesse período, as revistas que ajudariam a derrubar a grande *O Cruzeiro*

<sup>128</sup> NETTO, op. cit., p. 123.

<sup>129</sup> CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS; DE LUCA, op. cit., p. 229.

<sup>130</sup> LAURENZA, op. cit., p. 181.

<sup>131</sup> NETTO, op. cit., p. 123.

<sup>132</sup> CORRÊA, op. cit., p. 207.

começaram a surgir. Em pouco mais de dois anos, aparecera Victor Civita, que, futuramente, tornar-se-ia o Grupo Editorial Abril e os Bloch.

Um dos maiores responsáveis pela ascensão e pelo surgimento de grupos comunicacionais de imprensa foi o presidente Getúlio Vargas. Arnaldo Bloch relata que “o presidente baixou um decreto permitindo que as gráficas e editoras importassem máquinas com subsídios e sem direitos alfandegários”.<sup>133</sup> Ao abrir o mercado para novas empresas, Vargas não fechava as portas dos *Diários Associados*, ajudava no fortalecimento da comunicação no país.

A revista *O Cruzeiro* tinha anúncios fechados com anos de antecedência, sobretudo de grandes empresas. A vendagem da revista e as reportagens em espanhol tiveram grande aceitação em países como Argentina, Portugal, Chile e México, o que levou o grupo a analisar a hipótese de criar uma edição internacional.

Mantendo a forma e a originalidade da edição nacional, *O Cruzeiro Internacional* começou a ser lapidado em meados da década de 1950. Para tal feito, precisava analisar a logística, bem como precisava de novos anunciantes, pois anúncios nacionais em outros países não eram viáveis e era necessário apoio financeiro para alavancar o projeto.

A correria para dar forma impressa ao novo projeto começava pelo Brasil e passava pelos Estados Unidos. No país, o foco era evidenciar – e mostrar aos vizinhos – o que produzíamos de bom e criar uma imagem positiva do Brasil no contexto latino-americano. Para tal feito, JK, presidente da época, recebeu a comitiva da revista no palácio do Catete. Na comitiva, estava o jornalista Aciolly Netto, que posteriormente descreveu:

Juscelino, sempre muito simpático, depois de nos felicitar calorosamente pela empreitada, prometeu, solenemente e em qualquer hesitação nos ajudar. Ficou acertado que ele liberaria verbas para a realização, em cada número da revista, de uma grande reportagem, de no mínimo oito páginas. Juscelino chegou mesmo a nos agradecer pela ideia, acrescentando que Brasília, a nova e prodigiosa capital que estava sendo construída, seria o primeiro assunto de uma grande reportagem a cores”.<sup>134</sup>

Com o primeiro alicerce pronto, uma semana depois, Aciolly Netto viajou a Washington a fim de procurar anunciantes para a criação da revista, bem como apresentá-la ao departamento de Estado Americano. “Depois de quase três semanas de negociações, ficou

---

<sup>133</sup> BLOCH, op. cit., p. 165.

<sup>134</sup> NETTO, op. cit., p. 161.

acertado que teríamos anúncios de empresas como Coca-Cola, a Ford, a Chevrolet, além de reclames dos estúdios de cinema de Hollywood”.<sup>135</sup>

Apesar de os anunciantes serem conhecidos no país, havia necessidade de aprovação, pelo lado norte-americano, do Departamento de Subvenções de Assuntos Publicitários, que tinha por finalidade “recolher mensalmente contribuições do comércio e da indústria, destinados a jornais, e revistas do exterior”.<sup>136</sup>

O entusiasmo, a crença no novo material, a receptividade, tanto do governo brasileiro quanto do lado norte-americano faziam a primeira edição empolgar os *Diários Associados*. No entanto, antes mesmo de o primeiro exemplar desfilar nas bancas, os principais apoiadores e fomentadores recuaram.

Netto comentou que:

Nossos acertos com o Departamento de Estado Americano foram vetados, segundo soubemos, por pressão do poderoso grupo Time-Life que, editando a Life internacional, alegava que somente essa publicação deveria fazer juz às subvenções da indústria e do comércio dos EUA.<sup>137</sup>

Não bastando o golpe americano, o governo nacional também recuou. Grande parte das promessas, ajudas financeiras e, principalmente, as reportagens que seriam vinculadas na revista sucumbiram. Esse recuo por ambas as partes mostrou que *O Cruzeiro* não estava mais sozinho no mercado. Externamente, sofria concorrência da *Life* Internacional e no mercado interno, a *Manchette* dos irmãos Bloch estava despontando e concorrendo à altura de *O Cruzeiro*.

Mas isso não impediu a nova revista de circular. Moraes destacou que “em pouco tempo, *O Cruzeiro Internacional* tornou-se uma publicação de enorme sucesso de público, chegando a vender 300 mil exemplares semanais, de Cuba a Argentina”.<sup>138</sup> Apesar de a venda manter a revista, os anúncios estavam escassos, haja vista que a preferência no quesito internacionalidade era da *Life*.

A edição internacional acabou por concorrer com a nacional. Como não conseguia agregar novos anunciantes, recorreu ao mercado interno, que, em troca de favores, e sem objetivar novos mercados, anunciava também na versão internacional da revista.

A crise dos anunciantes somou-se com o não cumprimento das promessas de JK. O sucesso de *O Cruzeiro* foi definido por Laurenza destacando que “praticamente até o início

<sup>135</sup> NETTO, op. cit., p. 161.

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> Idem.

<sup>138</sup> MORAIS, op. cit., p. 587.

dos anos 1960, quando ex-presidente Juscelino Kubischek ajudou a passar o bastão de prestígios e faturamento editorial para Adolpho Bloch e sua revista *Manchete*".<sup>139</sup>

O final da década remete ao início do fim do império Associado. O surgimento de grandes concorrentes, aliados às novas tecnologias, as quais tornariam as rotogravuras<sup>140</sup> de *O Cruzeiro* obsoletas.

---

<sup>139</sup> LAURENZA, op. cit., p. 181.

<sup>140</sup> Rotogravura é um processo utilizado nos vários meios impressos. Na época citada, as rotogravuras da revista estavam ficando ultrapassadas, em virtude das novas tecnologias da época e do desgaste pela grande quantidade de impressões.

### 3 O CRUZEIRO ENTRE USA E URSS (1959)

O ano de 1959 iniciou prometendo grandes mudanças na política internacional. Em 01º de janeiro, Havana foi invadida e tomada pelos rebeldes liderados por Fidel Castro. A maneira com que o continente americano estava sendo observado pelos Estados Unidos e pela União Soviética despertou conflitos e desavenças.

Cuba era um país com forte influência norte-americana. O governo de Fulgêncio Baptista, derrubado por Fidel Castro, era alinhado aos Estados Unidos. É, até nossos atuais dias, um estratégico ponto nas Antilhas. Com próspero território, oferecia grandes e rentáveis nichos exploratórios e, no caso soviético, aproximação geográfica dos Estados Unidos.

Essas características atraíram os norte-americanos que facilmente colonizaram a ilha, sem encontrar resistência. No período em destaque:

Cuba tinha investimentos norte-americanos da ordem de 1 bilhão de dólares. E se encontrava inteiramente atada à economia yanque, de quem recebia 79% de suas importações e para onde exportava 75% de sua produção, esta última em condições especialmente ‘privilegiadas’. A toda essa vinculação acrescia, ainda, sua dívida a banqueiros americanos, oficiais e privados, cujo montante importava em duas vezes o valor da exportação anual.<sup>141</sup>

Um dos motivos pode ser analisado quando Pearson descreve, em janeiro de 1959,<sup>142</sup> que Krutchev investiria no ocidente. Com a queda de Fulgêncio Baptista em Cuba e a abertura das relações com o Brasil, a URSS estaria entrando aos poucos no continente, aproveitando espaços deixados pelos americanos.

As investidas propriamente ditas de Krutchev representavam uma ameaça à hegemonia norte-americana no continente. Desde a década de 1940, com a política da boa vizinhança de Truman e o pós-guerra, o continente europeu foi afastado dos sul-americanos, deixando uma lacuna a ser preenchida.

Nikita Krutchev foi líder do partido comunista soviético de 1953 até 1964. Foi substituto de Joseph Stalin dentro do partido, chegando como líder máximo soviético em 1958. Nesse período, defendeu o comunismo, mas também defendeu a ideia de respeito ao capitalismo, por meio da expressão “coexistência pacífica”, a qual foi amplamente utilizada para se referir às relações entre Estados Unidos e União Soviética.

<sup>141</sup> RIBEIRO, Darcy. *A América e as civilizações: Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo. Companhia das Letras, 2007, p. 323-324.

<sup>142</sup> A edição da revista data de 07 de fevereiro de 1959, mas, em virtude de a impressão de páginas coloridas ser feitas vinte dias antes, ocorre esse contraponto nas datas.

O último ano da década começou com o governo norte-americano enfrentando, além de desavenças internas, uma crise tecnológica e militar. O esquecimento do continente americano era preocupante, assim como o crescimento soviético em tecnologia, seja ela espacial ou nuclear. A consequência disso poderia ser avaliada em um futuro próximo, quando a URSS tentou explorar o continente com a finalidade de criar novos parceiros.

Ao contrário do que aconteceu na década de 1940, naquele momento de 1959, as relações com o continente não eram das melhores. O governo Eisenhower tinha praticamente esquecido os países da América do Sul, que viam na URSS uma possível saída para enfrentar as crises que moviam o continente no período. Os soviéticos também viam os países sul-americanos como possíveis aliados.

Pearson alertava para o perigo vermelho, mas uma possível aliança com os soviéticos, nessa altura, era de difícil validação. Um dos principais motivos foi em virtude do trabalho de Roosevelt na década de 1940, que semeou a cultura norte-americana nos países sul-americanos. Tal iniciativa levou os soviéticos a, além de lutar contra as armas norte-americanas, enfrentarem ideologias, valores e a cultura norte-americana introduzida no continente.

Ao aliar-se com os soviéticos, teriam de deixar para trás todo um acultramento e ideologias já instaladas. O americanismo já fazia parte do continente, seja nas páginas da revista *O Cruzeiro*, seja nas empresas petrolíferas venezuelanas e cubanas. A tecnologia estadunidense já estava presente no continente.

Como berço da indústria moderna, os Estados Unidos, se não entrariam pelo uso da força, apareceriam de forma natural no continente, haja vista o grande leque e bens de consumo que ofereciam e apresentavam ao país.

Além da URSS, outro problema que rondava a Casa Branca era a relação de Nixon e Eisenhower. O tema foi abordado por Pearson durante nove semanas naquele ano de 1959. Viagens, desentendimentos, desinteresse pelo estado foram as pautas que ganharam as páginas da revista.

Foi uma relação que já começou desgastada e, naquele momento, estava em seu ápice. Em 10 de janeiro, a coluna dizia que Nixon procura se afastar de Eisenhower e Pearson destacou ainda que “o vice presidente Nixon está levando a cabo o que os diplomatas denominam de processo de desligamento.... Nixon está se afastando cada vez mais de Eisenhower, que, por sua vez também se está afastando de Nixon”.<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> *O Cruzeiro*, 10 de jan. 1959. Nixon procura se afastar de Eisenhower.

Tal desentendimento era rodeado de denúncias e refletia o momento político norte-americano. A situação descrita por Pearson era o símbolo da desordem do governo Eisenhower e representava a total falta de comprometimento entre ambos, na luta por um mesmo ideal.

Esse desentendimento ficou evidente em pequenas atitudes e no perfil de ambos. Nixon reprovava as atitudes de Eisenhower e vice-versa, era o que Pearson definiu como “política de afastamento”. Parecia que a Guerra Fria não existia mais. A eleição de 1960 estava colocando os dois governantes em bases opostas e suas divergências estavam vindo à tona.

A relação entre os dois era difícil desde os primórdios do governo. Eisenhower era pacífico e Nixon era obstinado. Em 1956, “surgiu certa oposição à reindicação de Nixon para a vice-presidência, que assumiu ante a aprovação de Eisenhower”.<sup>144</sup> Não existia confiança entre ambos e o problema eram as denúncias e as queixas contra Eisenhower nos seus anos de governo.

Autenticar uma nova ideologia era legitimar a presença soviética no continente. Qualquer ação fortalecia e formalizava o crescimento da URSS no continente. O fortalecimento era representado não somente pelas ações soviéticas, mas simbolizado pelo descontentamento dos governos com os norte-americanos.

No Brasil, estávamos no terceiro ano do governo de JK. Um governo promissor e que fez do país um canteiro de obras. Os grandes investimentos e os benefícios atraíram grandes empresas e capital estrangeiro ao país. Contudo, os mesmos investimentos começaram a virar problema em 1959. A inflação vinha crescendo desde 1958 e os financiamentos para as obras geraram desequilíbrio nas finanças, criando desconfiança no FMI.

Para Skidmore:

---

<sup>144</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Stele. Breve História dos Estados Unidos. São Paulo. Alfa-Omega. 1986. p. 575.

O governo Kubistchek estava realmente dividido quanto ao próprio caminho a seguir. Lopes e Campos<sup>145</sup> diziam que o programa anti-inflacionário devia ser intensificado e lutavam para convencer o FMI e o governo americano de que o programa seria mantido por Kubistchek. Mas o presidente hesitava. Sua má vontade em endossar realmente todas as propostas de Lopes-Campos, principalmente no referente à política creditícia, salarial e a questões orçamentárias indicavam claramente suas próprias dúvidas quanto à viabilidade política de um governo que desenvolvesse o tipo de programa anti-inflacionário com o qual tinha se comprometido.<sup>146</sup>

Entretanto, nos contextos de 1959, logo nos primeiros meses, sentia-se as afrontas da oposição ao governo JK, principalmente, em virtude de empréstimos e parcelas que começavam a vencer frente ao FMI, bem como da eleição presidencial de 1960.

*O Cruzeiro* trouxe para dentro do país a cultura americana e os seus costumes. Se na década de 1940, os EUA falavam do Brasil, agora, era o Brasil que falava dos EUA. A posição da revista em apoio aos norte-americanos era evidente e necessária para que pudesse continuar em funcionamento. Anunciantes norte-americanos, empresas norte-americanas e, na pessoa de Drew Pearson, um formador de opinião norte-americano. Pearson que era colunista da revista desde 1947, falava com autoridade, dando ênfase às relações americanas com o mundo.

Ao analisarmos os contextos, parecia que a grande ação do ano de 1959 seria a tomada do governo cubano por Fidel. Mas o que vimos foram aliados norte-americanos aproximarem-se da URSS. Logo nos primeiro mês, o governo Eisenhower enfrentou problemas internos, não obstante, em fevereiro, Jonh Foster Dulles<sup>147</sup> passava por problema de saúde. Além disso, Eisenhower deparou-se com uma atitude opositora de um dos maiores aliados.

Pearson descreveu que:

Uma delas foi a oposição do general De Gaulle a aceitar projéteis dirigidos norte-americanos. A instalação de bases para projéteis na França é parte vital da máquina de defesa da OTAN e se espera que possam substituir a maior parte das tropas norte americanas atualmente estacionadas na França. De Gaulle julga, entretanto, que as bases para projéteis são uma tolice e não quer saber delas.<sup>148</sup>

De Gaulle foi um grande aliado americano na Segunda Guerra. A relação da França com a União Soviética, na importação e na exportação de produtos de primeira necessidade,

<sup>145</sup> Lucas Lopes era Ministro da Fazenda e Robert Campos, diretor do BNDS. Foram apontados, na época, como representantes do FMI e estariam fazendo de tudo para frear o desenvolvimento do país e frear as negociações entre o país e o FMI.

<sup>146</sup> SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco 1930-1964. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982, p. 221-222.

<sup>147</sup> Era secretário de estado do governo Eisenhower. Foi sempre ferrenho e agressivo na relação com a União Soviética no período da Guerra Fria.

<sup>148</sup> *O Cruzeiro*. 31 de jan. de 1959. Eisenhower e o avião atômico soviético.

principalmente o carvão usado para aquecer os lares franceses, poderia sofrer intervenções caso o país aceitasse os mísseis americanos.

A posição geográfica da França era de vital importância para os americanos. Naquele momento, Estados Unidos, por meio da OTAN, queriam instalar bases militares no país. Pearson destacou a posição de De Gaulle em dois momentos. Em 21 de fevereiro de 1959, “o general De Gaulle se opôs à instalação de projéteis norte-americanos no país”.<sup>149</sup> Representando uma importante posição geopolítica, a França também dependia dos soviéticos que eram importantes para o comércio do carvão, por exemplo.

Em 31 de março, De Gaulle recusou-se a enviar uma carta enérgica à União Soviética assinada juntamente por Estados Unidos e Inglaterra. Pearson comentou que “Dulles desejava advertir por escrito a Rússia de que o ocidente não se deixaria persuadir”.<sup>150</sup> De Gaulle sabia os riscos que corria, não estava contra os Estados Unidos, mas estava do lado da sociedade francesa, que dependia dos artigos soviéticos de primeira necessidade.

Os artigos publicados pela revista mostram-nos que, no início de 1959, sobretudo nos dois primeiros meses, a preocupação norte-americana foi com o pleito eleitoral do ano seguinte, em que, Eisenhower não poderia concorrer, mas Nixon estaria fazendo campanha desde aquele momento.

A corrida eleitoral estava tão intensa que acabaram esquecendo dos cordiais compromissos. Em um dos artigos, publicado por Pearson em 24 de janeiro de 1959, o jornalista destaca a razão do crescimento soviético. Em um jantar de posse do novo governo mexicano, tendo à frente Lopez Mateos (1958-1964), realizado para os governantes soviéticos e norte-americanos, somente os comunistas apareceram. “Estava presente o presidente do Supremo Soviete, Pavel Lobanov, que se destacou na recepção entre os demais convidados..... O congressistas mexicanos, ressentidos ante a ausência de seus colegas americanos, agruparam-se imediatamente em torno dos russos”.<sup>151</sup>

A essa altura, o governo Eisenhower foi representado por dois senadores, Raph Yarborough e Marguritte S. Church, com fins de manter o prestígio norte-americano. Entretanto, a ausência de Dulles e do presidente Eisenhower pesou mais do que a presença dos membros do Senado. Na ocasião, Dulles não compareceu por estar em um congresso na Califórnia.

<sup>149</sup> *O Cruzeiro*, 21 de fev. de 1959. A coragem pessoal de Foster Dulles

<sup>150</sup> *O Cruzeiro*, 31 de jan. de 1959. Eisenhower e o avião atômico soviético

<sup>151</sup> *O Cruzeiro*. 24 de jan 1959. Soviéticos na batalha diplomática.

Pearson acreditava que a ausência em tal evento era sinal de desrespeito com o país vizinho. Os representantes soviéticos atravessaram o mundo para saudar o novo presidente mexicano aliado dos Estados Unidos. Sobre esse fato, Pearson comentou, na sua coluna do dia 24 de janeiro, que Dulles não compareceu ao México por estar em visita à Califórnia.

Apesar dos muitos compromissos e da saúde debilitada, Dulles visitou o México depois, e o fez sozinho, sem a presença soviética. John Foster Dulles sempre se posicionou como um anticomunista ferrenho e ir à posse do presidente Matéos implicaria encontrar o alto escalão soviético. Pelo perfil do primeiro ministro, podemos levantar duas hipóteses: Dulles não queria encontrar os soviéticos, ou, após a visita soviética, ficou com medo de uma futura aproximação entre mexicanos e soviéticos.

Os Estados Unidos temiam a URSS? O forte crescimento em tecnologia espacial ou militar e, além disso, mostrando-se como uma nova opção econômica a ser seguida levou os americanos a passarem por dificuldades no período. Nos primeiros 12 anos da Guerra Fria, o domínio norte-americano ficou evidente em embates acontecidos de forma indireta entre as potências. As atitudes norte-americanas frente aos soviéticos eram de total superioridade e afronta.

Contudo, o crescimento econômico soviético criava projeções no imaginário social de potência militar e espacial do período. Naquele momento de 1959, Pearson destacou que:

A superioridade de forças agora está com a Rússia. A transformação começou no passado, tornando-se evidente com as declarações feitas por Krutchev ao senador Hubert Humphrey relativamente aos seus últimos projéteis dirigidos de grande alcance, declarações essas que não foram discutidas por Eisenhower<sup>152</sup>.

Pearson vinha há anos enfatizando e mostrando o crescimento soviético. Pearson descreveu, ainda em 1957, “que se a União Soviética tomar a iniciativa de uma guerra, os Estados Unidos serão derrotados”.<sup>153</sup> As afirmações de Pearson são baseadas no poderio militar do período.

“O exército vermelho é dez vezes maior do que o dos Estados Unidos”,<sup>154</sup> comentou Pearson, e, na guerra de nervos do período, destacou as bases de mísseis soviéticos no ártico. Segundo ele, “os projéteis soviéticos podem ser lançados contra os objetivos principais os Estados Unidos, passando por cima do polo norte”.<sup>155</sup>

<sup>152</sup> *O Cruzeiro*, 21 mar de 1959. Vantagem soviética nos projéteis dirigidos

<sup>153</sup> PEARSON, Drew. *USA: Potência de segunda classe*. São Paulo, Bestseller, 1957, p. 414.

<sup>154</sup> *Idem*, p. 22.

<sup>155</sup> *Idem*, p. 25.

Pearson era detentor do poder da informação e da credibilidade. Como jornalista, chegou a patamares e *status* de referência nos assuntos políticos internacionais. Sua posição era de privilégio, sua coluna legitimava o avanço soviético e descredenciava o governo de Eisenhower.

As informações de Pearson remetem-nos a uma questão. Com tamanho poderio, por que os soviéticos não iniciaram uma guerra? Em um relatório do embaixador norte-americano em Moscou, Charles Bohlen (1953-1957), Pearson destacou que:

Os líderes soviéticos não querem a guerra. Desejam evitá-la, por temer que a União Soviética sofra perdas terríveis, tanto em vidas como em recursos, e também por temer que um conflito global ponha fim à civilização. Por outro lado, não querem a guerra por estarem convencidos de que vencerão a ‘guerra-fria’ – estão certos de que poderão controlar o comércio, a mente, a lealdade política da maioria das populações da Ásia, Europa, e talvez América Latina.<sup>156</sup>

Temos que enfatizar também que o crescimento russo naquele período não era somente militar, estendia-se à produção industrial. Na análise de Pearson, “os 8,6% de aumento anual da produção industrial russa com os 2% de aumento dos Estados Unidos”<sup>157</sup> refletiam a situação do momento.

Outro fato que demonstra a superioridade soviética é a declaração feita pelo secretário de defesa americano, McElroy, no início de 1959, “de que os Estados Unidos não tentarão alcançar a produção soviética de projéteis dirigidos”.<sup>158</sup> A afirmação demonstrou que os Estados Unidos assumiram uma posição de segunda potência mundial, ou seja, era o momento em que soviéticos poderiam virar o jogo, guiar o cenário e ditar as regras.<sup>159</sup>

Desde 1957, os soviéticos já estavam na frente dos americanos nos campos militares. Estavam fazendo frente à Marinha norte-americana, equivalendo-se no poderio aéreo. Pearson, ao se referir sobre o exército soviético, comentou que “suas 175 divisões sobrepujas as nossas 17 Divisões não só em relação aos efetivos como também em potência de fogo”. Apontava, além disso, o crescimento soviético, e o governo americano parecia não acreditar, dadas as suas ações.

Com isso, o que aconteceu em Cuba no início de 1959 não foi um complô soviético, mas, sim, uma consequência da oportunidade vista por eles para oferecer seus serviços, pois Castro e Che eram totalmente contra as ideologias norte-americanas. Ambos não fizeram uma

---

<sup>156</sup> Idem, p. 415.

<sup>157</sup> *O Cruzeiro*, 21 mar de 1959. Vantagem soviética nos projéteis dirigidos.

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> PEARSON, op. cit., p. 22.

entrada comunista, declararam-se comunistas depois. Em Cuba, fizeram o comunismo chegar aos poucos.

Nesse momento, muito se comentava sobre a posição política de Fidel Castro. As atitudes e os choques realizados por ele, principalmente contra empresas norte-americanas em Cuba, mostravam sua posição política. Em maio de 1959, Pearson transcreveria em sua coluna parte do discurso que dava a entender a situação dos Estados Unidos naquele momento.

Estamos realizando uma grande obra em favor da democracia na América Latina, mas é tempo de lembrar-nos de que os nossos amigos os Estados Unidos enfrentam um grave problema com a Rússia Soviética. Devemos, portanto, ficar ao seu lado, para formarmos uma sólida frente no hemisfério ocidental contra o comunismo.<sup>160</sup>

Castro ainda não dava sinais de ser comunismo. Seu discurso e sua “neutralidade” momentânea não representava perigo. A primeira grande afronta aos Estados Unidos foi em 24 de maio de 1959, quando as Forças Armadas de Castro iniciavam a ocupação dos latifúndios, que eram controlados por norte-americanos.

Outro momento da bipolarização foi o discurso de José Figueres, ex-presidente da Costa Rica, e amigo de Castro, em Havana, em 23 de março, quando Figueres, a convite de Fidel, foi visitar Cuba e palestrar em uma reunião sindical na capital da ilha. Na mesma hora, Fidel tratou de amenizar a situação. Pearson destacou um trecho do discurso de Figueres na coluna sobre os “antecedentes de Castro”: “no caso de uma competição entre Estados Unidos e a Rússia Soviética, nós não decidiremos por nenhum dos lados. No caso de uma guerra entre os Estados Unidos e a Rússia, Cuba seria neutra”.<sup>161</sup>

Castro e seus aliados, juntamente com outros países americanos, sempre enfatizaram que o governo de Eisenhower praticamente esqueceu os vizinhos do sul. A essa altura, a grande preocupação seriam as eleições de 1960. O tal esquecimento seria o motivo para buscar apoio soviético.

Na revista, na edição de 4 de abril de 1959, Drew Pearson resumiu algumas extravagâncias do presidente dos EUA. Eisenhower foi o presidente americano mais gastador da história dos Estados Unidos. Para Pearson, “em 1957, tomou férias 22 vezes... No ano passado ausentou-se da Casa Branca 16 vezes e neste ano já gozou 4 breves férias”.<sup>162</sup> A

<sup>160</sup> *O Cruzeiro*. 30 de maio 1959. P.94. Fidel Castro e a Rússia.

<sup>161</sup> *O Cruzeiro* 30 de maio de 1959. Fidel Castro e a Rússia

<sup>162</sup> *O Cruzeiro*. 04 de abril de 1959. As extravagâncias de Eisenhower

despreocupação com a América, o desentendimento com Nixon e a ausência do governo mostram a fragilidade americana no período.

O governo republicano de Dwight Eisenhower foi marcado por vários conflitos, ameaças comunistas e avanços tecnológicos. John Foster Dulles, secretário de Estado do Governo, foi fiel e uma peça fundamental nas duas candidaturas de Eisenhower. Dulles era sobrinho do ex-presidente Woodrow Wilson e desde jovem esteve envolvido com os negócios internacionais da família.

Ao ser nomeado Secretário de Estado por Eisenhower em 21 de janeiro 1953, seu mandato tinha um único objetivo: a contenção do comunismo. Dulles tinha a total confiança do presidente Eisenhower. Foi por meio de John Foster Dulles que foi criada a Doutrina Eisenhower, em 1957.<sup>163</sup>

Sua postura prepotente não era bem-vista e seu perfil de não ouvir os parceiros incomodava. Acerca disso, Bandeira comentou que “Foster Dulles convocava os embaixadores latino-americanos não para discutir e sim para comunicar as decisões que o departamento de estado tomava em nome do Continente”.<sup>164</sup>

A ideia de contenção ao comunismo estava chamando a atenção da mídia norte-americana, a qual acreditava que não estava sendo feita de maneira correta. O *Washington Post*<sup>165</sup> alertava para o perigo que estava chegando através das ofertas, não somente de armas, mas, sim, de tecnologias com a finalidade de ajudar no desenvolvimento do continente.

Dulles apareceu constantemente na coluna Pearson no ano de 1959. Era figura constante nos artigos escritos por Pearson e publicados no mundo inteiro. Várias foram as citações e situações que mereciam destaque na ótica de Pearson. Desde janeiro daquele ano, até sua morte, Dulles foi citado por Pearson em 40% dos artigos publicados na revista. Sua importância era vital para o andamento do governo republicano. Foi de extrema importância nos acontecimentos da década, tendo sob responsabilidade o ministério de maior importância no momento, o Departamento de Estado.

A importância de Dulles no governo pode ser avaliada, de acordo com Nevinn`s:

<sup>163</sup> A doutrina Eisenhower tinha por finalidade oferecer ajuda militar a países ameaçados militarmente por outras nações.

<sup>164</sup> BANDEIRA, Moniz. Presença norte-americana no Brasil: Dois Séculos de História. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1978. p. 377.

<sup>165</sup> Segundo Bandeira, a União Soviética estaria oferecendo equipamentos para exploração de petróleo no Brasil, o qual ajudaria em uma possível aproximação no Hemisfério:

Dulles enfrentara muitas crises difíceis, inclusive a relativa aos termos do armistício na Coreia em 1953, a derrota francesa ante as forças comunistas na Indochina em 1954 e a ameaça de ataque chinês a Formosa entre 1954 e 1955. Acalentou a unidade dos aliados ocidentais, ajudou a aumentar o poderio da OTAN, colaborou com Anthony Eden na atração da Alemanha Ocidental para o sistema de defesa do mundo livre e foi o principal articulador da organização do Tratado do Sudeste da Ásia na conferência de Manila.<sup>166</sup>

A preocupação de Eisenhower era evidente. Os primeiros quatro meses de 1959 não foram os melhores de seu mandato. Acusado de negar ajuda à América, estava vendo a chegada do comunismo em seu quintal e não bastasse, sendo acusado de gastos excessivos. Enquanto isso, Dulles passava por problemas de saúde, o que o fez entregar o cargo em abril do mesmo ano, semanas antes de falecer, em 24 de maio.

Assuntos de todo porte estavam passando por uma grande interpretação de Pearson. Era o jornalista mais respeitado dos Estados Unidos. Pearson externou a dificuldade do governo norte-americano no início de 1959 e, nesse momento, as atitudes e os assuntos do governo de Eisenhower poderiam estar tomando outro rumo.

### 3.1 A Revolução Cubana

Conforme comentamos acima, o grande momento de 1959 foi a invasão de Havana por Fidel e seus rebeldes. Mas o que Pearson nos mostrou foi que a política interna americana, necessitava de maiores cuidados do que Cuba. A amostragem disso ocorre na coluna, eis que, das 16 edições que circularam nos quatro primeiros meses de 1959, dez retratam os assuntos internos americanos, ou seja, a política interna americana estava enfrentando problemas maiores do que Cuba e, naquele momento, não representava perigo e não tinha mostrado seus propósitos.

Pearson só veio a destacar o que se passava na ilha em maio daquele ano. Os motivos podem ser vários. O jornalista americano poderia achar que a invasão não ganharia grandes proporções. Em fevereiro, Castro fora nomeado primeiro ministro de Cuba e, logo em março, a ilha passaria pela primeira reforma urbana, tendo o aluguel reduzido de 50%. Abril foi marcado pela viagem de Castro aos Estados Unidos.

Contudo, antes de destacar o que se passava em Cuba, Pearson buscou informações para apresentar o líder do movimento 26 de julho aos brasileiros. Na segunda semana de maio, edição datada com dia 09, Pearson trouxe algumas citações sobre Fidel. “A primeira

---

<sup>166</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Stele. Breve História dos Estados Unidos. São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1986.p 585.

menção de seu nome que aparece nos arquivos secretos dos Estados Unidos remonta a 09 de abril de 1948, data que, por coincidência, antecedeu em 08 dias estabelecimento pelos russos do seu primeiro bloqueio a Berlim”.<sup>167</sup>

Pearson ainda destacou, naquela edição de 9 de maio de 1959, a presença de Castro na Colômbia em 1953, onde liderou um complô estudantil, resultando na morte de 300 pessoas. Dias antes, Castro fora preso em um teatro e liberado em seguida. As investigações da época apontaram Castro como responsável pelo complô, mas foi salvo por estar exilado na embaixada cubana em Bogotá. Naquele início de Guerra Fria, Pearson levantou que:

O gerente do hotel Claridge, onde os mesmos se haviam hospedado, declarou que eles haviam recebido ali armas e munição, e Guillermo Hoenigsberg, que estava no quarto vizinho, declarou haver escutado conversas dos dois jovens, as quais indicavam que eles eram agentes da ‘Terceira Frente da União Soviética na América do Sul’.<sup>168</sup>

Outros apontamentos feitos no mesmo artigo mostram coincidências, que afloram juntamente com Fidel. Em dez anos, quatro governantes de países americanos, com ideologias capitalistas e amigos dos Estados Unidos, foram assassinados entre 1948 e 1959. Nada constou ou apontou esses embates para Fidel e Pearson esfriou o lado de Castro, dizendo que “os arquivos americanos não mostraram qualquer relação entre Castro e esses assassinatos”.<sup>169</sup>

Em maio de 1959, Pearson encontrou-se com o ex-ditador cubano Fulgêncio Batista.<sup>170</sup> Drew Pearson foi um dos poucos jornalistas que visitaram Batista e, com isso, apresentou o outro lado da história. Batista contou a Pearson que

a maioria do povo cubano estava comigo até os últimos momentos. Castro decretou três vezes a greve geral sem conseguir coisa alguma. O nível de vida dos trabalhadores havia atingido ao seu ponto mais alto da história de Cuba. Construí mais hospitais e abri mais escola que qualquer outro presidente.<sup>171</sup>

<sup>167</sup> *O Cruzeiro*, 09 mai 1959. Os antecedentes de Castro

<sup>168</sup> *Idem.*

<sup>169</sup> *Idem.*

<sup>170</sup> Foi presidente de Cuba em dois momentos. De 1940 até 1944 e de 1952, até ser deposto por Fidel em 1959. Era politicamente aliado aos Estados Unidos. Em 1933 assumiu a chefia das Forças Armadas em Cuba o que lhe deu poderes para subri a presidência em 1940.

<sup>171</sup> *O Cruzeiro* 16 de maio de 1959. Entrevista com Fulgêncio Batista

Batista continuou a fazer denúncias. “Castro é sanguinário. Matou dois colegas de universidade, um deles diante da própria mãe do outro, apenas para dominar um grupo estudantil rival”.<sup>172</sup>

Ao contrário do que a TV americana noticiou sobre a revolução, Pearson tratou de mostrar algumas atitudes e fatos envolvendo Fidel. A revolução propriamente dita tinha que continuar. Foi-se, então, moldando e aparecendo o Fidel líder e revolucionário. A liderança militar foi com certeza bem executada, tanto é que conseguiu alcançar o objetivo.

O novo momento vivido pós-revolução precisava de um líder que entendesse a real situação do país. Cuba tinha nos Estados Unidos seu principal parceiro comercial, Fidel tentou impor barreiras às exportações de açúcar cubano. É a primeira mudança que afetaria a relação com os americanos. Pearson comentou mais uma vez sobre a pessoa de Fidel Castro.

Fidel Castro é um homem muito moço e teve muito ocupado com a luta nas montanhas do oriente de Cuba para saber dessas coisas. Entretanto, como primeiro ministro de Cuba, deveria ter procurado instruir-se imediatamente nessas circunstâncias relativas ao açúcar, que constitui a principal fonte de renda do país.<sup>173</sup>

Fidel via somente problemas em relação ao açúcar e aos Estados Unidos. O produto era cubano, a matéria-prima era de Cuba e quem ditava as regras do mercado e do acordo eram os norte-americanos. Naquela altura, isso era algo inconcebível. Castro passaria a ser visto como símbolo da libertação norte-americana, pois os norte-americanos pregavam ideologias que beneficiavam o capital e não o coletivo e Castro representava a libertação ideológica, a coragem de mudar e impor, não suas ideologias, mas ideologias contrárias às dos norte-americanos.

O que acontecia na ilha era visto como a libertação do mundo capitalista e como o início de um novo projeto econômico. O despreparo dos novos governantes precisaria de apoio e orientação para seguir o projeto já iniciado. Castro estava em um momento no qual era visto como líder dos pequenos da América Latina. Era ele que afrontava os Estados Unidos.

O próprio Pearson destacou que Cuba não era comunista e citou as palavras de Castro, descrevendo-a como neutra. Entretanto, conforme foi passando o tempo, o comunismo poderia surgir como uma aposta. Junho foi o mês escolhido para Pearson destacar o fascínio dos rebeldes pela ideologia soviética, escrevendo, em sua coluna, que “Nixon havia acabado

---

<sup>172</sup> *O Cruzeiro* 16 de maio de 1959. Entrevista com Fulgêncio Batista

<sup>173</sup> *O Cruzeiro*, 06 junho 1959. O açúcar de Cuba e os Estados Unidos.

de externar cortesmente ao jovem Primeiro Ministro cubano os receios norte-americanos de um infiltração comunista, na zona do mar das Caraíbas”.<sup>174</sup>

Em contrarresposta a Nixon, Castro respondeu que “os problemas econômicos que afetam o rápido crescimento econômico da América Latina representavam a maior ameaça de uma crescente influência comunista em todo o hemisfério”.<sup>175</sup> O discurso acima foi mantido em dois momentos. Primeiramente, em visita a Washington, e, depois, na Conferência Econômica Interamericana em Buenos Aires, ou seja, Castro estava com ideais traçados e objetivados.

Enquanto as conversações andavam e Castro mantinha uma postura neutra, a coluna *Carrossel do Mundo* trouxe uma nova perspectiva em 19 de setembro de 1959, por meio de uma cópia de um relatório do Serviço Secreto dos Estados Unidos.

Descreveu Pearson:

Esse documento apresenta como comunistas vários dos principais conselheiros de Castro e menciona nove viagens realizadas a Moscou por esses conselheiros, desde a revolução de primeiro de janeiro. Seu objetivo, segundo o referido relatório, é procurar levar Cuba a uma situação tão caótica que os Estados Unidos se veriam forçados a intervir, quando então, seriam acusados de transformar a ilha numa Hungria norte-americana.<sup>176</sup>

O documento acima pode ser analisado como o mapa do jogo armado por Castro, colocando até seus subordinados em dúvida sobre a qual regime estaria pertencendo. Enquanto uns viajavam para Moscou, conforme citou Pearson, outros o acompanhavam na visita que fizera a Nixon.

Naquela altura da visita, era possível entender que Fidel estava ouvindo e seguindo as referências e ideologias de seus ministros ao transmitir a Nixon os ideais e críticas propostas pelos secretários que o acompanharam. Fidel tinha dois propósitos. Coletar informações do regime soviético e, ao mesmo tempo, parecer focado na política norte-americana.

O interesse na política soviética pode ser analisado sob a ótica de Bandeira, que argumenta: “Apesar de simpatizar com o marxismo, nem Fidel Castro nem mesmo Che Guevara eram filiados ou comprometidos com qualquer partido comunista, nem seguiam diretrizes políticas de Moscou”.<sup>177</sup>

<sup>174</sup> *O Cruzeiro*, 04 julho de 1959. Fidel Castro e a ajuda à América Latina

<sup>175</sup> *Idem*.

<sup>176</sup> *O Cruzeiro*, 19 set. 1959. O Comunismo em Cuba.

<sup>177</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A formação do Império Americano: a guerra contra a Espanha à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2009. p. 201.

Os líderes do movimento estavam testando a postura dos norte-americanos e dos soviéticos. Seguir uma linha ideológica neutra, mas focada em seus interesses, que a partir dos relatos descritos por Pearson em 1959, poderiam alavancar, na América, de uma maneira diferente. Seria o primeiro país a afrontar a bandeira norte-americana e ir contra os princípios capitalistas dos Estados Unidos.

A coluna *Carrossel do Mundo* começou a destacar Cuba e Fidel em maio. Entre maio e setembro, em nove semanas, ambos tiveram a atenção de Drew Pearson. Foi entre esses meses que a possível neutralidade de Castro ficaria sob suspeita.

O cenário mundial era a Guerra Fria e a política desenvolvida pelos soviéticos teve abordagem de Pearson. No contexto do período, a União Soviética tinha peso economicamente e, sobretudo, militarmente no cenário mundial. Após unirem forças na Segunda Guerra, o período pós não foi um dos mais afetivos entre americanos e soviéticos.

Afastados após o final da guerra, americanos e soviéticos tentariam uma reaproximação somente em 1953, após a morte de Stalin, com Nikita Krutchev no poder em 1954. Durante o período, Krutchev tentou manter os americanos próximos, com uma ideologia de que comunismo e capitalismo poderiam ser doutrinas e conviver pacificamente.

Ao final da década de 1950, o comunismo ainda buscava força para se consolidar. Tendo como principais parceiros os países do leste Europeu, a URSS viu em 1959 a possibilidade de buscar novos mercados.

Um desses foi o Brasil, no qual, de acordo com Cervo e Bueno, “JK usou o reestabelecimento de relações comerciais com a URSS para aumentar o poder de barganha no sentido de os Estados Unidos aceitarem os termos da OPA<sup>178</sup>, Operação Pan-Americana”<sup>179</sup>. Ao reestabelecer a relação, trazia os soviéticos para dentro do continente, representando para os Estados Unidos uma ameaça.

O medo norte-americano era evidente e o ano estava movimentado e pouco produtivo. Os laços políticos daquele momento não nos permitem falar dos EUA e não falar da URSS. Ambos andam em sincronismo.

A revista era a porta-voz norte-americana no país e, também, era quem criticava os Estados Unidos devido à sua situação no continente latino-americano. Por intermédio de suas páginas, podemos ver a cultura dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, essa apontava, não por

---

<sup>178</sup> Operação Pan-Americana (OPA) chamou a atenção dos Estados Unidos para a questão do desenvolvimento dos países latino-americanos. A OPA serviu de inspiração para a posterior Política Externa Independente (PEI), do governo Jânio Quadros (1961).

<sup>179</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. São Paulo. Ática. 1992, p. 267.

Drew Pearson, mas pela posição de seu fundador, uma ideologia liberal, apoiando o desenvolvimento da associação com o capital estrangeiro.

Waimberg cita que, em discurso de dezembro de 1959, Chatô “retoma o motivo da defesa do capitalismo, e critica o estadismo através do qual transformamos tudo quanto é empresa privada que dá déficit em serviço público em virtude de um estado de preguiça coletiva”.<sup>180</sup>

A posição defendida por Chatô era a posição expressada pela revista. Naquele período de 1959, ele ainda escrevia e criticava por meio de seus artigos a posição norte-americana perante o continente americano. Assis Chateaubriand, em artigo publicado em 6 de maio de 1959, afirmava que os Estados Unidos

não querem correr risco, ou correm o mínimo de riscos, pedindo sempre, e sempre garantias reais para os seus negócios, os negócios que fazem conosco, e cercados de inóspitos advogados, que exigem cláusulas leoninas em seus contratos, em benefício do credor americano.<sup>181</sup>

Apesar de ser a favor do capital estrangeiro, Chatô tinha noção do perigo que era depender dos financiamentos, empréstimos e serviços oriundos dos Estados Unidos. Como embaixador em Londres naquele ano, escreveu sobre a importância do capitalismo em que “todos os nossos esquemas financeiros funcionais e fundamentais principiam e acabam no capitalismo, até por que o capitalismo deriva da natureza das coisas”.<sup>182</sup>

A posição de Chatô condizia com o que a revista e Pearson publicavam. Era a favor dos americanos, mas sabia do desinteresse desses pelo continente. Acreditava que tal fator poderia ser um atrativo para o comunismo ganhar espaço no continente. Juntamente com Pearson, Chatô, apresentava seus artigos ora defendendo, ora criticando os EUA.

O comunismo aproximava-se do continente. Além de reestabelecer relações com o Brasil, a URSS parecia estar dando maior importância à América do Sul do que aos Estados Unidos. O fato descrito por Pearson em 24 de janeiro, quando os norte-americanos não compareceram a posse do governo mexicano, demonstrou isso, enquanto os soviéticos compareceram com uma comitiva completa. Tal fato não quer dizer que o México fosse comunista.

---

<sup>180</sup> WAIMBERG, Jacques A. *Império de palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 118.

<sup>181</sup> CHATEABRIAND, *O pensamento de Assis*. Artigos Publicados em 1959. Brasília. Fundação Assis Chateaubriand. 2000.

<sup>182</sup> *Ibidem*.

Pearson destacou que “o comunismo não goza de popularidade no México, mas os russos individualmente desfrutam de simpatia em parte devido às vitórias científicas dos soviéticos e em parte ao tratamento dispensado pelos Estados Unidos a certos mexicanos”.<sup>183</sup> O tratamento que Pearson comenta é referente à medida que os Estados Unidos impõem ao cidadão mexicano que queria entrar nos Estados Unidos.

Para os soviéticos, 1959 foi um ano decisivo na disputa EUA-URSS. Nunca o Kremlin esteve tão fortalecido na Guerra Fria e nunca os norte-americanos passaram por tantas crises. Krutchev estava acompanhando com firmeza a eleição americana de 1960. Sabia que o país pararia em razão dessa.

Era a hora de aproveitar e criar oportunidades. A análise de Krutchev foi descrita por Pearson em sua coluna em 4 de fevereiro: “Acredita Krutchev que agora poderá enfrentar riscos que normalmente, não faria, por que o presidente republicano dos Estados Unidos estará preocupado em enfrentar um congresso dominado, assustadoramente, pelos democratas”.<sup>184</sup>

A importância de Fidel no continente começava a aparecer. A imprensa cubana mostrava-se a favor da ideologia castrista e, ainda de maneira acanhada, defendia os ideais propostos pelos soviéticos. Até esse momento, o governo de Eisenhower não tinha motivos para atacar ou criar algum obstáculo em Cuba. Apesar de se imaginar que a revolução tomaria traços comunistas, ainda era muito cedo para fazer julgamentos.

Em fevereiro daquele ano, o Conselho de Segurança Nacional dos EUA quis promover os interesses norte-americanos no continente. Fico destacou que “a região passaria a receber a atenção dos Estados Unidos não apenas no ponto de vista da manutenção de governos anticomunistas: também suas aspirações de crescimento econômico”.<sup>185</sup>

### 3.2 A importância do Brasil no contexto da Guerra Fria

O governo brasileiro, observando o seu crescimento e sua responsabilidade frente a outros países do continente, lançou, em 1958, a Operação Pan-Americana (OPA). De acordo com Quintaneiro,<sup>186</sup> “é com o lançamento da Operação Pan-Americana (OPA) em meados de 1958, que o governo Kubistchek ensaia pela primeira vez uma posição menos subserviente

<sup>183</sup> *O Cruzeiro* 24 janeiro de 1959. Soviéticos na batalha diplomática.

<sup>184</sup> *O Cruzeiro* 07 fevereiro de 1959. Krutchev inicia uma ofensiva contra o ocidente.

<sup>185</sup> FICO, Carlos. *O Grande Irmão: Da operação Brother Sam aos anos de chumbo*. O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008. p. 23.

<sup>186</sup> QUINTANEIRO, Tânia. *Cuba e o Brasil: Da Revolução ao Golpe (1959 – 1964)*. Belo Horizonte: UFMG. 1988.p. 21.

diante dos EUA”. JK queria lembrar os Estados Unidos de sua responsabilidade frente à América Latina, em especial, aos países que conseguiram alcançar melhores resultados no desenvolvimento industrial.

Antes de JK apresentar sua proposta referente à criação da OPA, um episódio ganhou força e foi utilizado como argumento para a criação da operação. O que aconteceu, foi que, em visita à Venezuela, em maio de 1958, o vice-presidente Richard Nixon foi agressivamente recebido em Caracas.

Usando desse descontentamento por parte do povo venezuelano, JK aproveitou e escreveu uma carta ao presidente Eisenhower, na qual comentava o episódio e argumentava sobre o sentimento anti-imperialista da América do Sul. A carta serviu para ajustar o foco quanto ao respeito e solidariedade disposto aos países mais pobres.

Para JK, o episódio serviu como estopim para a execução da OPA. Já para Eisenhower, segundo Quintaneiro,<sup>187</sup> o episódio “apontava os problemas econômicos enfrentados por países como o Uruguai, a Bolívia, o Peru e a Venezuela, especialmente ligados à exportação de matérias primas para os Estados Unidos”. Eisenhower acreditava que os países e a população estariam descontentes com as atitudes norte-americanas e isso se refletiu na viagem de Nixon.

Cerca de duas semanas após receber a análise da carta enviada para Eisenhower, JK, em 20 de junho, lançou a Operação Pan-Americana e destacou como princípios básicos os seguintes itens: reafirmação dos princípios de solidariedade hemisférica; reconhecimento do subdesenvolvimento como um problema de interesse comum; e adaptação dos órgãos e agências internacionais, se necessário, às requisições de ação mais dinâmica para acelerar a luta contra o subdesenvolvimento.

O documento seguia exigindo assistência técnica para o aumento da produtividade, medidas para estabilizar o mercado de bens primários, adaptação às atuais necessidades, expansão dos recursos das instituições financeiras internacionais, reafirmação da iniciativa privada na luta contra o subdesenvolvimento e o questionamento sobre uma revisão por parte de cada país, se necessário, de suas políticas fiscais e econômicas com o propósito de assegurar meios de promover o desenvolvimento econômico.

A OPA serviu para demonstrar toda a insatisfação com os Estados Unidos. Apesar de geograficamente serem vizinhos, era uma relação áspera e o desgaste estaria sendo vivenciado

---

<sup>187</sup> QUINTANEIRO, Tânia. Cuba e o Brasil: Da Revolução ao Golpe (1959 – 1964). Belo Horizonte: UFMG. 1988.p. 21.

pelo crescimento do comunismo. Mas, em um primeiro momento, a visão americana sobre a OPA foi superficial, ou seja, não teve a atenção que pretendia JK.

Skidmore<sup>188</sup> argumenta que

a ideia de Kubitscheck sobre a Operação Pan-Americana teve uma recepção visivelmente superficial em Washington, por Eisenhower e Dulles. Só depois do rompimento com Fidel Castro que os Estados Unidos, apressadamente, lançaram uma versão atrasada da Aliança para o Progresso, programa multilateral, essencialmente similar ao que Kubitscheck havia proposto.

Era com essas medidas que o presidente brasileiro esperava chamar a atenção dos Estados Unidos. Em junho de 1958 e com a Operação Pan-americana mostrada e analisada pelos americanos, com subsídios adequados à tecnologia norte-americana, Eisenhower manifesta-se em relação à carta de JK. Em resposta a essa carta, Eisenhower sugeriu que Brasil e Estados Unidos deveriam se aproximar, em um menor prazo possível, para logo em seguida, ser apresentado aos outros membros do continente pan-americano.

Foi no espírito da OPA que o Brasil iniciou, ainda em 1958, uma nova manobra na economia. Buscando um novo parceiro, o que poderia agregar em disputas e barganhas comerciais, JK reabre negociações com a URSS. Para Bandeira,<sup>189</sup> “O Brasil, embora continuasse aliado aos Estados Unidos na defesa do sistema capitalista ocidental, não se dispunha a aceitar a estagnação, renunciando aos seus objetivos históricos de tornar-se também uma potência industrial”.

O momento econômico pelo qual o país passava não era o dos melhores. A política do “cinquenta em cinco” de JK começa a deixar brechas. As grandes obras dependiam de enormes financiamentos. A inflação nesse momento começa a assustar.

Em 1958, a revista *O Cruzeiro*, através do repórter David Nasser, outro especialista em assuntos internacionais, entrevistou o homem que amedrontava os americanos. Nasser viajou pelos quatro continentes para conseguir falar com o primeiro ministro soviético. Krutchev era contra as ideias americanas, mas mostrava receio em falar dos Estados Unidos. Não aprovava as atitudes dos Estados Unidos de intervir e manipular outros países pela força e ameaça militar ou pelos embargos econômicos.

<sup>188</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.p. 215.

<sup>189</sup> BANDEIRA, Moniz. O Brasil e o continente. In: CERVO, Amado Luiz. *O desafio internacional: a Política Exterior do Brasil*; Brasília, UNB, 1994.p. 158.

Krutchev falou para Nasser que a posição externa soviética era “a não intervenção nos assuntos internos dos outros estados é um dos princípios fundamentais mantidos pelo nosso país na sua política externa”.<sup>190</sup> E ainda continuou:

A União Soviética é partidária do estabelecimento de relações amistosas entre todos os estados, independente de seu regime social ou estatal, e não vemos nenhum obstáculo para um mais amplo desenvolvimento de relações multilaterais entre os países socialistas e capitalistas. Fazendo-o não fechamos os olhos ante o fato de que entre os países socialistas e capitalistas não pode deixar de haver problemas litigiosos.<sup>191</sup>

Krutchev tinha propostas que poderiam atrair nações em situação de crise. A fragilidade no continente americano poderia facilitar apoio soviético, como foi o caso da Bolívia. Seguindo a entrevista concedida a David Nasser, Krutchev foi comentando que:

No decorrer de muitos decênios, os monopólios americanos, ingleses e de outros países têm sugado o corpo vivo da América Latina como gigantescas sanguessugas, extorquindo e roubando avidamente as suas riquezas naturais, explorando impiedosamente os seus povos, deformando a economia dos países latinos americanos e impedindo seu desenvolvimento independente.<sup>192</sup>

A definição descrita por Krutchev seria, mais tarde, em maio de 1959, conclamada e descrita novamente em um artigo, nas palavras de Chateaubriand, o qual, conforme citamos alhures, descreveu a exploração americana no continente, “não querem correr risco, ou correm o mínimo de riscos, pedindo sempre, e sempre garantias reais para os seus negócios”.<sup>193</sup>

O final da década estava caminhando para o fortalecimento das disputas socioeconômicas entre as potências da Guerra Fria. Brasil, que sempre fora aliado norte-americano, despertava interesse soviético, haja vista o período de grande desenvolvimento pelo qual passava no período. Krutchev comentou para *O Cruzeiro*, em 1958, que “o governo soviético poderia estudar uma mensagem sobre esse assunto do governo brasileiro e prestar a sua contribuição possível para a industrialização do Brasil”.<sup>194</sup> Krutchev tentava aproximar-se da América do Sul.

Temos em Castro o grande mentor da entrada das ideologias marxistas no continente americano. Castro pode ter sido o que levou adiante as causas defendidas pelos rebeldes e

<sup>190</sup> *O Cruzeiro*. 01 nov. 1958.

<sup>191</sup> *Ibidem*.

<sup>192</sup> *O Cruzeiro* 01 novembro 1958.

<sup>193</sup> CHATEAUBRIAND, *O pensamento de Assis*. Artigos Publicados em 1959. Brasília. Fundação Assis Chateaubriand. 2000.

<sup>194</sup> *O Cruzeiro*, 01. Nov. 1958

camponeses. Mas o que precisamos argumentar é que Cuba não foi a primeira nação a experimentar ir contra os Estados Unidos.

O primo forte do norte estava inserido em toda a América, seja culturalmente, seja economicamente. A Guatemala, anos antes, passou por situação similar a que Cuba enfrentava naquele momento. Para Chasteen, o governo “começou a confiscar grandes propriedades e dividi-las entre os cultivadores camponeses. Além disso, seu governo expropriou terra da United Fruit,<sup>195</sup> além da ferrovia de propriedade estrangeira da Guatemala”.<sup>196</sup>

Fatos parecidos com os que movimentaram a Guatemala estavam aparecendo no cenário de Cuba. Assim como a Guatemala, geograficamente, era estratégica para programar as ideologias marxistas, Cuba também estava geograficamente em ótima localização. A preocupação com os acontecimentos eram evidenciadas no Brasil, não de forma direta, mas sim, semanalmente na coluna de Drew Pearson na revista *O Cruzeiro*.

Logo nos primeiros dias da década a revolução de Fidel tomou um rumo e apresentou um objetivo. Sua ideologia começava a ganhar forma. Mas, ao analisar as consequências, poderia prever o que aconteceria nos próximos anos. Falar de Cuba e Estados Unidos nesse período da história é automaticamente falar da União Soviética. Pearson demonstrou isso no ano de 1959 quando, ao publicar sua coluna semanalmente, optou pelos assuntos envolvendo esses países em 47 semanas das 51 pesquisadas.

No início de 1960, o tema principal de Pearson foi a visita de Krutchev aos Estados Unidos em outubro de 1959. A visita, a convite do vice-presidente Richard Nixon, que o visitou em Moscou em julho de 1959, tinha como estratégia evitar o embate militar naquele momento. Dois anos antes, em 26 de abril de 1958, Pearson destacou que “a impressão mais forte do que nunca, de que os Estados Unidos querem a guerra, enquanto a Rússia se apresenta como a campeã da paz”.<sup>197</sup>

Nixon mudou totalmente o discurso americano em relação a 1958 e considerou que era melhor ter Krutchev por perto e saber suas reais intenções. Em preparação à visita de Krutchev, foram coletados e estudados relatórios sobre o país comunista. A essa altura, a URSS tinha grande vantagem militar em relação aos americanos.

Um desses relatórios mencionava sobre a educação na União Soviética. Naquele momento, sabia-se da grande potência militar e nuclear que era aquela nação. Em 23 de maio

---

<sup>195</sup> A família de John Foster Dulles tinha interesse direto na companhia. Allen Dulles fora presidente da companhia anos antes do governo confiscar e entregar para o povo.

<sup>196</sup> CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 212.

<sup>197</sup> *O Cruzeiro*, 26 abril 1958.

de 1959, Drew Pearson o trouxe em sua coluna: “afirmam os ingleses que a Guerra Fria mantém a União Soviética e desalenta as tendências do povo russo para maior educação, melhor nível de vida de maior tolerância”.<sup>198</sup>

A política dos Estados Unidos era totalmente voltada para seu próprio benefício. A América poderia ter uma nova opção política. “Eisenhower e outras autoridades só viam subversão comunista no que era o comportamento natural ante o imperialismo”.<sup>199</sup>. Movidos não pelas vantagens, mas por ter menos desvantagens, o comunismo começou a ficar mais intenso em 1959, podendo ser uma saída para a pobreza do hemisfério.

O que vimos foi um ano iniciando com problemas que mexiam com os nervos na política interna da Casa Branca. Os primeiros quatro meses da coluna foram destinados a tratar de assuntos envolvendo o governo americano. Essa análise se dá em um momento em que Cuba era o grande assunto. Contudo, Pearson via mais significado nas eleições de 1960 e nos problemas que atormentaram a relação Nixon e Eisenhower, necessitando, tais fatos, de mais cuidados por parte da imprensa.

Além do presidente e vice, o que pautou a coluna foi a doença de John Foster Dulles. O secretário de Estado Americano passava por problemas de saúde, que acabava por limitá-lo. É nesse momento que a importância de Dulles é evidenciada. Somente após sua morte, em maio, que os líderes americanos e soviéticos conseguiram se encontrar. Dulles era contra esse encontro e temia qualquer ligação com a União Soviética.

Entre maio e setembro, a abordagem da coluna foi Fidel e sua invasão a Cuba. Nesse período, Pearson destacou Cuba em oito semanas. Notamos que, ao retratar um assunto, Pearson apresenta o líder cubano. Na primeira edição sobre a ilha o jornalista americano faz um levantamento de quem era o homem por trás da guerrilha.

Em um terceiro momento, já no terceiro quadrimestre do ano, Pearson referenciou a URSS. Ao iniciar seu ciclo, trouxe para a revista quem seria o homem por trás do comunismo. Assim como fizera com Castro, apresentou e mostrou Krutchev ao leitor. Nesse período, a tensão entre americanos e soviéticos é destacada.

Dulles já não foi obstáculo. Os encontros entre os países foram mostrados e analisados por Pearson. Apesar de separarmos a coluna em assuntos, podemos vivenciar que tudo envolve os Estados Unidos e suas relações. Atitudes, movimentos e crises que possam afetar os americanos são mostrados na coluna desse ano.

<sup>198</sup> *O Cruzeiro*, 23 maio de 1959. Descontentes os ingleses com as críticas

<sup>199</sup> IGLÉSIAS, Francisco. Momentos democráticos na trajetória brasileira. In: JAGUARIBE, Helio et al. *Brasil, sociedade democrática*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985. p. 191.

O ano de 1959 acabou fornecendo conteúdo para o ano seguinte. As ações dos governos e dos principais personagens do período representavam e criavam um imaginário de poder baseado em ideologias criadas sob a ótica norte-americana. Até o momento, os Estados Unidos eram o símbolo da riqueza e do poderio, agregando e introduzindo valores ao continente sul-americano. Entretanto, a partir dessa data, os soviéticos ofereceram ajuda ao continente.

#### 4 VELHOS PROBLEMAS E NOVAS SOLUÇÕES: 1960 SEGUNDO PEARSON

O último ano do governo Eisenhower e Nixon foi turbulento. Reflexo do segundo e fracassado mandato, o governo norte-americano sofria com ameaças externas e, principalmente, com a recessão dos anos 1957 e 1958. A balança comercial norte-americana não ia bem. O ego do povo estava ferido. O sucesso soviético ao lançar o *Sputnik* e, conseqüentemente, obter êxitos, feriu e comprometeu os últimos anos de Eisenhower no poder.

A nova década inicia em um momento de grandes desvantagens para os norte-americanos. Em poucos momentos da história, os Estados Unidos encontraram-se aprisionados em suas próprias limitações. Foi o último e mais trabalhoso ano de Eisenhower. Isso fica evidente logo nas primeiras colunas na revista. Em 16 de janeiro, Pearson publicou um artigo sob o título: “Pressão sobre Eisenhower”, a qual fez referência a Foster Dulles.

Agora que o presidente Eisenhower está livre das mãos paternas de John Foster Dulles nos assuntos internacionais e das de Schermann Adams nos internos, querem uns de seus conselheiros abandone suas atitudes de líder, advertindo-o inclusive de que ele tinha ido longe demais ao convidar Kruschew a visitar os Estados Unidos.<sup>200</sup>

Eisenhower fez um mandato em que praticamente esqueceu a América Latina. Não obstante, suas atitudes eram julgadas ou limitadas por seus subordinados. O resultado do esquecimento estadunidense seria evidenciado, mais uma vez, na eleição da ONU para indicar o novo representante no conselho de segurança, que fora disputado entre Polônia e Turquia.

Na ocasião, Argentina, Brasil, México, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Equador e Cuba votaram contra os Estados Unidos, o qual era a favor da Turquia, e optaram pela Polônia Comunista. Pearson destacou em 13 de fevereiro que:

Essa votação é considerada como uma das mais significativas em toda a história das Nações Unidas. O México votou contra os Estados Unidos no momento mesmo em que o presidente López Mateos se encontrava com o presidente Eisenhower em Camp David. O Brasil votou contra os norte-americanos apesar de depender em grande parte do consumo estadunidense de sua produção de Café. O Uruguai, que também votou contra, é o país mais democrático do hemisfério sul e tem sido sempre leal amigo dos Estados Unidos, da mesma forma que a Colômbia e o Equador.<sup>201</sup>

<sup>200</sup> *O Cruzeiro*, 16 janeiro 1960. Pressão sobre Eisenhower.

<sup>201</sup> *O Cruzeiro*, 13 fevereiro 1960. Inspeção atômica na Antártida.

Os votos dos países serviram para que esses seguissem neutros em relação à Guerra Fria, e, principalmente, alertar os norte-americanos para a postura dos países sulistas. O continente sul-americano teve extrema importância na paz mundial ao votar em prol da Polônia no conselho da ONU.

O motivo por tal posição seria que os países eram a favor da Polônia no conselho da ONU. Com a Turquia dentro, o jogo da Guerra Fria poderia esquentar. Soviéticos com base em Cuba e americanos com bases na Turquia. Pearson destacou, ainda, que, após o encontro dos líderes, Eisenhower deveria tentar aproximação com a Polônia. Para ele, “a maneira de aliviar a tensão mundial segundo os diplomatas latino-americanos, é evitar atritos como o da disputa nas Nações Unidas”.<sup>202</sup>

Em abril, Drew Pearson visitou a Turquia, país aliado dos norte-americanos e importante referência estratégica. Foi recebido na sede do governo turco, onde conversaram por longo período. Nesse momento, o presidente turco frisou: “Somos aliados dos Estados Unidos na OTAN. E cooperamos, também, na Organização do tratado Central. Além disso, existe uma ampla e sincera cooperação entre os Estados Unidos e a Turquia nos campos econômico e militar”.<sup>203</sup>

Naquela altura, a Turquia era, para os Estados Unidos, o que Cuba representava para a União Soviética. Era uma importante base e, para manter-se assim, sua solidez com os norte-americanos precisava ser mantida. Na ocasião, Pearson descobriu que Jhon Foster Dulles fez um acordo com a Turquia para que funcionasse como aliada norte-americana, mas o que Pearson relatou foi que “Estados Unidos, que foram idealizadores de tal pacto, recusaram-se a aderir ao mesmo”.<sup>204</sup>

No último ano do governo Eisenhower, a conjuntura era totalmente distinta em relação aos primeiros anos de mandato. A postura e os acontecimentos da década mudaram totalmente o discurso. Sobre o início do mandato de Eisenhower, Bandeira comentou que

os países da América Latina, entre os quais o Brasil, não significavam, naquela conjuntura, qualquer perigo para a ordem internacional e, situados na retaguarda dos Estados Unidos, deviam permanecer, com as econômicas complementares, na condição de fornecedores de matérias-primas, estratégicas para suas indústrias de armamentos.<sup>205</sup>

<sup>202</sup> *O Cruzeiro* 13 fevereiro 1960. Inspeção Atômica na Antártida.

<sup>203</sup> *O Cruzeiro*, 23 abril 1960. Turquia – Firme bastião contra o Comunismo.

<sup>204</sup> Idem.

<sup>205</sup> CERVO, Amado Luiz. *O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nosso dias*. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1994. p. 153.

A Guerra Fria não apresentava contexto somente militar. Vários novos segmentos estavam surgindo para sanar as necessidades soviéticas. Pearson publicou, em 2 de janeiro, que “o dinheiro não constitui um problema para os educadores soviéticos; como a União Soviética gasta em educação de dez a quinze por cento de seu orçamento, enquanto os Estados Unidos dedicam apenas cinco por cento de seu para aquele fim”.<sup>206</sup>

Os soviéticos estavam à frente dos americanos em mais um segmento. Ao investir em educação, os comunistas agregavam conhecimento e desenvolvimento em vários setores, educando a população para desenvolver tecnologia e poder usar como mercadoria de exportação. Ao exportar a tecnologia o país tinha a possibilidade de, como fez os Estados Unidos, sobretudo na década de 1940, exportar sua cultura.

O bloco socialista estava tentando criar uma nova imagem. Estava transmitindo uma ideia de país que pensa na população e que seus objetivos e interesses não se limitam aos armamentos e à corrida espacial. Representavam o contexto sociológico, apoiado com o dinheiro e fundo oriundo do capital.

Podemos citar ainda que o encontro entre os dois governantes serviu para pôr à prova a autoridade de ambos. Como vimos anteriormente, Eisenhower era consideravelmente influenciado por Dulles para qualquer decisão de política externa. O ano de 1960 era o primeiro em que de Eisenhower estava sozinho na Casa Branca. O encontro de 1959 entre Krutchev e Eisenhower serviu para Drew Pearson analisar as políticas, estratégias e verificar até que ponto iria a autoridade de ambos.

Pearson destacou um ponto em comum na política americana e soviética:

O primeiro fato que deve ser considerado é que Kruschev tem as mesmas dificuldades de Eisenhower com seus conselheiros extremistas, os quais afirmam que o dirigente soviético foi muito longe ao procurar a aproximação com os Estados Unidos. Os seguidores da velha linha ainda tem uma voz forte na União Soviética.<sup>207</sup>

Krutchev ainda estava assessorado por políticos stalinistas. O secretário de exterior de Stalin tinha voz ativa no Kremlin e acreditava que Krutchev estava próximo das demais políticas e ideologias do ocidente. Krutchev estava passando por dificuldades com seus apoiadores, mas contava com o apoio popular.

Esse diferencial analisado por Pearson foge da imagem que se tem de um país comunista. A política proposta por Krutchev poderia ser pacificadora, mas a paz com o ocidente, até aquele momento, seria contra qualquer princípio comunista. Assim como

<sup>206</sup> *O Cruzeiro*, 02 janeiro 1960. Educação na URSS.

<sup>207</sup> *O Cruzeiro*, 16 janeiro 1960. Pressão sobre Eisenhower.

Eisenhower, Krutchev tinha que ouvir e seguir alguns secretários, no caso soviético, secretários voltados à linha de Stalin.

A aproximação soviética do continente americano estava se tornando uma realidade. Krutchev estava disposto a exportar as tecnologias russas aos quatro cantos e, para isso, contava com aliados importantes. O reflexo era visto com assuntos que pautaram o encontro dos líderes ao final de 1959 tais como o comunismo chinês, a revolução em Cuba, as armas nucleares e os projéteis direcionados. Pearson acompanhou o encontro entre os líderes. A tensão era evidente, haja vista os embates e, especialmente, as posições ideológicas distintas.

Em 23 de janeiro de 1960, Pearson descreveu em sua coluna o otimismo norte-americano no encontro e publicou que:

A conclusão mais importante, os circuitos ligados a Kruschev e Eisenhower é a de que ambos chegaram a se apreciarem e a confiaram um no outro, durante as conversações que mantiveram em Camp David. O presidente Eisenhower, que tinha sido orientado por muitos de seus conselheiros e especialmente por Jonh Foster Dulles a não confiar jamais em nada do que dissesse um comunista, chegou a uma conclusão totalmente oposta com respeito a Krutchev. O premier soviético, por sua vez, que havia escutado muitas opiniões contrárias aos capitalistas, chegou a conclusão de que tais preconceitos não se aplicavam no caso do presidente norte-americano.<sup>208</sup>

Na visita de 1959, ficou claro que Dulles atrasou o encontro entre as nações. Eisenhower e Nixon acreditavam que naquele momento era melhor ter Krutchev próximo e saber suas intenções do que tratá-lo agressivamente.

Uma nova impressão surgiu naquele encontro. Ambos estavam dispostos a manter a paz. A imprensa russa tratou de mostrar para a sociedade os Estados Unidos de forma diferente daquele que o governo mostrava através de relatórios e incidentes negativos.

Na ocasião, os chefes de estado muniram-se de relatórios e informações. A documentação que chegou até a Casa Branca tratava que Kruschev estaria disposto a entrar em acordo para conseguir o desarmamento mundial. Pelo lado americano, Pearson comentou que “os diplomatas norte-americanos, cuja missão é estudar, cuidadosamente, o governo soviético, afirmam que Kruschev, foi informado, francamente, que a guerra se converteu num elemento tão perigoso que não seria possível desencadeá-la”.<sup>209</sup>

Um dos motivos seria a gravidade dessa guerra. A essa altura, um confronto militar seria de magnitude nuclear. Ficou evidenciado, no encontro, que Krutchev era totalmente contra a guerra e faria qualquer coisa para evitá-la. Naquele momento, Pearson comentou que

<sup>208</sup> *O Cruzeiro*, 23 janeiro 1960. Otimismo diplomático nos EUA.

<sup>209</sup> *Idem*.

“a carga de armamentos era tão custosa que Kruschev deseja reduzi-la drasticamente, procedendo, em troca, a uma melhoria do nível de vida do povo soviético”.<sup>210</sup> No encontro entre ambos, estes pareciam estar de acordo e sabiam dos riscos. Pearson destacou que “ambos chegaram a se apreciarem e confiarem um no outro”.<sup>211</sup>

Krutchev era um estrategista e pacificador, entendia a necessidade do povo russo e sabia o que era importante para o crescimento. Sabia, também, que o poderio militar servia para intimidar e não para ser utilizado. A falta de poder no campo bélico levaria ao desrespeito e à intimidação, fortalecendo os choques ideológicos e, ainda, daria aos Estados Unidos a possibilidade de retornar ao posto de principal potência mundial.

As argumentações feitas pelo soviético tinham embasamento em análises do seu governo. Krutchev sabia da importância militar e da necessidade do povo soviético e, além disso, tinha focado que, na década de 1960, os soviéticos superariam os americanos em vários segmentos: educacionais, militares, nucleares e espaciais.

A opinião de Pearson em *O Cruzeiro* mostrava que o encontro entre os governantes foi um acerto e um grande passo para evitar o confronto bélico. Pearson apresentou um balanço de vantagens americanas e soviéticas naquele início de 1960. As vantagens soviéticas foram evidenciadas nos projéteis dirigidos, em que os americanos não tinham nenhum plano para alcançar os soviéticos, e, naquele momento, informações desse porte poderiam desencadear uma crise na defesa do país.

Outros setores chamavam a atenção. Pearson tratou de externar que as vantagens soviéticas ainda eram grandes em relação aos satélites, no potencial hidrelétrico e na aviação.

As informações que chegavam ao colunista afirmavam que as tecnologias norte-americanas em satélites estavam anos atrás da soviética. Os soviéticos tinham cinco hidrelétricas maiores e mais potentes que o carro-chefe americano e mostrou, também, que, na aviação, Krutchev estava tranquilo e sem preocupações por ameaças americanas.

No lado norte-americano, as tecnologias eram em setores diferentes, os quais interferiam diretamente na conduta e na qualidade de vida da população. Enquanto os soviéticos tinham vantagens militares, os norte-americanos levavam benefícios nos princípios básicos e de primeira necessidade. Apesar do grande investimento soviético em educação, naquele momento, os EUA estavam à frente.

Outros aspectos que podemos citar são as edições da coluna de Pearson que mostram o crescimento soviético e a preocupação norte-americana. Nos primeiros três meses de 1960, ou

---

<sup>210</sup> *O Cruzeiro*, 23 janeiro 1960. Otimismo diplomático nos EUA.

<sup>211</sup> Idem.

seja, nas primeiras treze edições, Pearson trouxe a URSS como tema principal em dez delas. Os assuntos eram os mais diversos: educação, tecnologia, comunismo e, principalmente, as personalidades e a relação indireta de Krushchev e Eisenhower.

Pearson comentou que “a medicina na União Soviética está no mesmo nível ou superior à dos Estados Unidos”.<sup>212</sup> Essa informação foi coletada depois da visita de médicos americanos ao Kremlin. No aspecto industrial, em 1959, “o total da produção soviética ultrapassou ligeiramente o da produção norte-americana”<sup>213</sup>. A União Soviética representava a ascensão do inimigo sobre as ideologias norte-americanas. O crescimento soviético estava autenticando as qualidades comunistas e, com isso, legitimava o poder e tornava-se uma ameaça aos norte-americanos.

Apesar das diferenças e do momento que viviam, existia um campo em que ambos pensavam de maneira igual e tinham a mesma finalidade em comum, a Antártida. Esse continente, assim como o Alaska, era uma posição militarmente estratégica para testes nucleares e criação de bases militares. Americanos e soviéticos queriam impedir que as nações fizessem experiências com armas nucleares.

Sobre a Antártida, Pearson comentou que:

Ao negociarem, entretanto, um novo tratado sobre a Antártida, tanto a União Soviética como os Estados Unidos concordaram em estabelecer uma inspeção a fim de evitar que alguma nação instale bases militares naquela região, ou envie especialistas atômicos aos desertos antárticos para experiências com novas armas nucleares.<sup>214</sup>

O temor que os países tinham em comum não era somente com a destruição física das bombas, mas, também, o que poderia acontecer em longo prazo sob os efeitos da radioatividade. A cooperação soviético-americana era a favor da paz, apesar de a Antártida pertencer aos governos chilenos e argentino, que se opuseram à visita.

Nos primeiros três meses de 1960, Drew Pearson destacou a visita do premier soviético. A positividade do encontro foi descrita por Pearson, que fez da publicação semanal um diário no qual apontou e descreveu as novidades e as ideologias das nações em conflitos. Outro ponto merecedor de destaque é na coluna do dia 13 de fevereiro, na qual Pearson intitula um subitem: “Cooperação Atômica na Antártida”.

Como referimos anteriormente, é uma pauta que ganha ênfase, haja vista o interesse e cooperação de ambas as partes. Contudo, o que chamou a atenção de Pearson não foi isso e

<sup>212</sup> *O Cruzeiro*, 05 fevereiro 1960. Krushchev desafia os EUA a uma concorrência.

<sup>213</sup> *Idem*.

<sup>214</sup> *O Cruzeiro*, 13 fevereiro 1960. Inspeção atômica na Antártida.

sim “a expulsão do encarregado da segurança da Embaixada norte-americana em Moscou foi objeto de manchetes da imprensa mundial enquanto que a cooperação pacífica entre Estados Unidos e União Soviética na Antártida passou despercebida”.<sup>215</sup>

Enquanto Pearson argumentava e escrevia sobre o encontro entre os governantes, 1960 movimentava-se em virtude da eleição presidencial daquele ano. A corrida eleitoral esteve mais presente na coluna do jornalista em 1959 do que em 1960. O assunto era a URSS e os países sul-americanos. Para Nevins, “nenhuma grande questão nacional dominou a campanha presidencial de 1960; nenhum acalorado problema interno deu-lhe suspense”.<sup>216</sup>

A recessão econômica de 1957 e 1958 nos Estados Unidos já não era importante para Pearson. A preocupação em 1960 era o comunismo, estampado nas páginas de *O Cruzeiro*. A revista de 26 de março foi a primeira edição que não abordou o encontro do final de 1959. Apesar de não relatar sobre a reunião, o foco continuou sendo, de maneira indireta, o comunismo soviético. Tendo descartado qualquer relação com o comunismo e relatado, em 1959, que Cuba seria a favor dos Estados Unidos em um possível embate com os soviéticos, Castro estava mostrando uma nova posição.

O primeiro ano da revolução em Cuba foi de relações neutras que não comprometiam nem mostravam os planos do regime castrista. Já em 1960, Cuba estava começando a criar atrito com os Estados Unidos. No primeiro mês do ano, cubanos e estadunidenses romperam as relações diplomáticas. “Concomitantemente à aproximação que o governo cubano efetivava em relação à União Soviética, os EUA despertaram para a necessidade de recolocar a questão de suas segurança, desta vez, para dentro de seu quintal”.<sup>217</sup>

A essa altura, o Brasil e o último ano do governo JK passavam por desconfiança e crises econômicas. A meta de 50 anos em 5 estava sendo alcançada. Nunca o país havia crescido tanto. Com base na produção industrial, o nacionalismo desenvolvimentista de JK alargou o país. Para Skidmore:

Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80% (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pela indústria do aço (100%), indústria mecânica (125%) indústrias elétricas e de comunicação (380%) e indústrias de equipamentos e transporte (600%).<sup>218</sup>

<sup>215</sup> *O Cruzeiro*, 13 fevereiro 1960. Inspeção Atômica na Antártida.

<sup>216</sup> NEVINS, Allan. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo. Alfa-Omega. 1981. p. 587.

<sup>217</sup> QUINTANEIRO, Tânia. *Cuba e o Brasil: da Revolução ao Golpe (1959-1964)*. Belo Horizonte: UFMG. 1988. p. 27.

<sup>218</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982, p. 204.

Apesar do crescimento nacional, a sucessão presidencial era um problema evidente desde 1959. Mas o que podemos descrever é que o crescimento nacional chamaria a atenção da União Soviética devido ao poderio e ao que apresentava o país, bem como o que o país representava, principalmente, depois da criação e investidas da OPA.

Enquanto o Brasil chegava em 1960 crescendo, Fidel Castro estava querendo tomar o Canal do Panamá dos norte-americanos. O objetivo de Fidel era “atingir esse importante lugar da América Latina, vital a defesa dos Estados Unidos. O dirigente cubano sabia que, se conseguisse alcançar seu objetivo, os Estados Unidos enviariam tropas ao lago Maddem para enfrentar os invasores cubanos”.<sup>219</sup>

Entretanto, o Departamento de Estado americano sabia que Fidel tentaria se envolver com os Estados Unidos em um embate militar. Pearson informou o tema um ano antes, em março de 1959, que tais atitudes seriam o estopim para a intervenção soviética.

Em fevereiro, Eisenhower visitou aliados na América do Sul, buscando uma saída para enfrentar a situação com Cuba. Quintaneiro afirma que, no encontro, “Kubitschek ofereceu-se como mediador no conflito entre os dois países, recusando-se a aceitar qualquer tipo de solução que considerasse a intervenção em Cuba”.<sup>220</sup>

Kubistchek passava por um momento difícil no país e o crescimento da economia dependia totalmente do capital estrangeiro, na maior parte, das empresas americanas. A revista *O Cruzeiro* era o representante máximo do americanismo no Brasil naquele momento.

Isso pode ser visto em exemplares da revista de 1956, aparecendo nas propagandas, as estrelas de Hollywood, bem como as empresas de cigarro, as empresas automobilísticas e as de perfumaria, todas americanas. Além de buscar soluções no Brasil, Eisenhower foi buscar soluções também na Argentina e no Chile. De acordo com Pearson:

Eisenhower ganhou a convicção de que os Estados Unidos teriam o apoio da maioria dos governos latino-americanos no caso de ter que adotar uma ação drástica contra o ditador de tribuna, cujo reino dista apenas 90 milhas das costas estadunidenses. O presidente, portanto, está convencido de que Castro por demais longe e que, se deposto, quanto antes possível, seria melhor para o hemisfério ocidental.<sup>221</sup>

No decorrer do ano de 1960, a revolução em Cuba começava a ganhar forma. Desde janeiro, vários desentendimentos diplomáticos ocorreram entre norte-americanos e cubanos e poderiam expor o continente em um jogo de nervos e interesses. Após a visita à América do Sul, Eisenhower concluiu que

<sup>219</sup> *O Cruzeiro* 26 março 1960. Distúrbios no Panamá.

<sup>220</sup> QUINTANEIRO, Tânia op. cit., p. 27.

<sup>221</sup> *O Cruzeiro* 09 Julho 1960. Eisenhower perdeu a paciência com Castro.

a América Latina estava passando por uma transformação social e política que seria melhor realizada pacífica do que violentamente, mas dada a intervenção de interesses extremistas, tornava-se imperativo o fortalecimento das instituições para que o progresso de mudança pudesse dar-se ordeiramente.<sup>222</sup>

Eisenhower tinha chegado ao limite com Castro. Estávamos em metade de 1960 e Fidel precisaria tomar uma decisão, pois suas afrontas e guerrilhas contra empresas e cidadãos norte-americanos na ilha tinham acabado com a paciência do presidente. Eisenhower argumentava que tinha chegado a hora de Castro decidir que regime seguiria e respeitaria. Castro já contava com o apoio da população da ilha contra o governo americano. Darcy Ribeiro argumenta que:

Tanto os assalariados rurais das usinas de açúcar quanto os operários passaram a assumir o controle das respectivas empresas, improvisando novas formas de gestão. Uma nova ordenação antioligárquica e anti-imperialista foi se implantando, assim, pela ação simultânea das iniciativas populares e dos atos governamentais.<sup>223</sup>

Com a maioria ao seu lado e as desavenças aumentando, em junho daquele ano, o governo de Cuba assumiu o controle das terras da *United Fruit* e obrigou as refinarias norte-americanas a refinar petróleo bruto importado da União Soviética. Esso, Texaco e Shell teriam se recusado a refinar o petróleo bruto oriundo da moeda de troca com o açúcar cubano.

Entre março e junho, Pearson manteve sua linha editorial. Os temas eram sempre os mesmos: governo norte-americano, URSS, política e cenário mundial. Visitas presidenciais, ameaças cubanas e, principalmente, e indiretamente ligada a todos os assuntos, a União Soviética. Durante os três meses, Drew Pearson não intitulou sua coluna com os soviéticos, mas sempre mencionou as ideologias do Kremlin, o perigo que representava e a força que tinha.

Conforme referimos, o governo de Eisenhower praticamente esqueceu os países latino-americanos, levando a União Soviética a tirar proveito disso. Na última coluna do mês de junho de 1960, Pearson fez uma reflexão sobre aquele momento, apontando que o problema começou bem antes do governo de Eisenhower. O colunista argumentou que:

<sup>222</sup> QUINTANEIRO, Tânia op. cit., p.28.

<sup>223</sup> RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo: Schwarcz Ltda. 2007, p. 325-326.

O pacto comercial cubano-soviético é apenas o começo. A história em sua essência, remonta a Yalta, quando Stalin formulou um proposta sobre o antigo entendimento anglo-americano relativo aos Canais de Suez e Panamá. Ofereceu aos Estados Unidos uma esfera de influência que abrangia toda a América Latina com o adiantamento das ilhas do Pacífico, África e Oriente Próximo para a Grã-Bretanha. Em compensação reclamava os países satélites da Europa central e meridional, e a China, para a URSS.<sup>224</sup>

Indiferente de Yalta, em 1960, as recusas de Eisenhower, as projeções de Krutchev eram idênticas, ou seja, nos dois momentos, Estados Unidos enfrentavam problemas com países satélites, primeiramente com o Egito, e, naquele momento, com Cuba. Outro fato questionado pelo jornalista é que “Roosvelt recusou a proposta soviética, na mesma maneira que Eisenhower repeliu recentemente a proposta de Krushev no sentido de que os Estados Unidos abandonassem suas bases militares em torno da União Soviética”.<sup>225</sup>

Pearson estava demonstrando que a relação entre as potências não estavam bem desde o final da segunda guerra. A atmosfera criada em torno da Guerra Fria representava desentendimentos e, por ocasião, aproximava os países sul-americanos da União Soviética.

No início de julho, não bastasse a crise em volta das refinarias, em contrapartida às atitudes de Fidel, Eisenhower diminui em 700 mil toneladas a cota de açúcar que compraria de Cuba. Kruscthev criou com a crise cubano-americana, uma possibilidade de puxar a Guerra Fria a seu favor. Moniz Bandeira afirma que:

[...] seis dias após Eisenhower suspender a importação de 700.00 toneladas restantes da quota de açúcar atribuída a Cuba, ele não só anunciou sua compra pela União Soviética como respaldou o governo revolucionário de Castro com todo o peso dos eu poderio nuclear, contra qualquer intervenção armada dos Estados Unidos.<sup>226</sup>

Ao confiscar as petrolíferas na ilha, Fidel somente bloqueou as empresas em seu território. Até os soviéticos encaminharem o petróleo bruto para a ilha, Fidel tinha planos de importar da Venezuela. O que ele não percebeu, foi que o petróleo venezuelano é refinado pelas mesmas empresas que foram confiscadas. Pearson destacou, em julho, logo após a crise, que, “ao serem expropriadas pelo governo de Castro, as aludidas firmas não tiveram outra solução se não ordenar as suas sucursais que suspendessem o fornecimento de petróleo, afim de que Cuba sofresse uma escassez do produto em sessenta dias”.<sup>227</sup>

<sup>224</sup> *O Cruzeiro*, 25 junho 1960. Tio Sam começa a descobrir a América Latina

<sup>225</sup> *Idem*.

<sup>226</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A formação do Império Americano: a guerra contra a Espanha à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2009. p. 203.

<sup>227</sup> *O Cruzeiro*, 13 agosto 1960. A Guerra do petróleo em Cuba.

Para sair da crise, Castro pediu aos soviéticos que enviassem metade do petróleo já refinado. Pearson mostrou o balanço da relação entre Cuba e as petrolíferas americanas naquele momento. De acordo com a coluna, “o governo de Cuba deve quase 62 milhões de dólares às três companhias e esta é a razão pela qual os administradores dessas empresas resolveram agir rapidamente e desafiar Castro, recusando-se a refinar o petróleo soviético”.<sup>228</sup>

A crise já se estendia há algum tempo. As ações de Castro foram pesando e acarretou as suspensões de serviços e comércio entre os países. Com a União Soviética pendendo para o lado cubano, Castro sentia-se fortalecido e continuava a provocar e confiscar empresas norte-americanas.

A tensão momentânea não estava somente envolvendo as cotas do açúcar e o petróleo. Nesse sentido, Drew Pearson evidenciou o limite norte-americano com Castro, e a revista *O Cruzeiro* publicou, em 9 de julho, a coluna *Carrossel do Mundo* com o título: “Eisenhower perdeu a paciência com Castro”.

Além de provocar os Estados Unidos, Castro estava contando com apoio do povo cubano. Instaura-se, então, uma guerrilha contra os cidadãos norte-americanos na ilha. Com o crescente apoio a Castro, o clima tornava-se cada vez mais tenso. Apesar dos incidentes na ilha, Pearson destacou na mesma data que nas “conversações com os presidentes do Brasil, Argentina e Chile, Eisenhower ganhou a convicção de que os Estados Unidos teriam o apoio da maioria dos governos latino-americanos”.<sup>229</sup>

Enquanto a crise bipolar ia crescendo, motivada pelas ações de Fidel Castro, Drew Pearson mostrava em sua coluna outro problema, não menos importante que Cuba, mas que também tinha as mesmas origens e a União Soviética como oponente. Na coluna do dia 23 de julho, Pearson apresentou o artigo em visita à Alemanha Ocidental: Berlim – Encruzilhada de dois mundos, destacando dois pontos: “Primeiro, a questão de se saber se Berlim pode ser defendida no caso de Krushev mostrar-se intransigente na conferência e segundo, se Berlim vale a pena ser defendida”.<sup>230</sup>

Ser defendida ou não, não dependia de fatores econômicos, sociais, ou apenas de vontade e de benefícios em defender a parte ocidental. O problema era que os Estados Unidos não tinham, em caso de um embate militar, como defender seu lado. Pearson comentou que:

<sup>228</sup> *O Cruzeiro*, 13 agosto 1960. A Guerra do Petróleo em Cuba.

<sup>229</sup> *O Cruzeiro*, 9 julho 1960. Eisenhower perdeu a paciência com Castro.

<sup>230</sup> *O Cruzeiro*, 23 julho 1960. Berlim- Encruzilhada de dois mundos.

[...] convém recordar que, quando Krutchev formulou uma série de exigências reclamando a retirada das tropas aliadas de Berlim, os peritos militares norte-americanos se reuniram e reconheceram, que no caso, de uma ação peremptória, não poderiam romper o outro bloqueio, devendo em consequência adotar uma política de negociações e não de guerra.<sup>231</sup>

Não foi a primeira vez que Pearson mostrou a inferioridade norte-americana em virtude dos soviéticos. Em 1957, ao publicar seu livro, *USA: Potência de segunda classe*, foi questionado em relação a algumas colocações e artigos que frisavam a inferioridade norte-americana, a começar pelo título, que referia ao seu país como uma potência de segunda classe.

Como referimos acima, em 1959, Drew Pearson publicara as evoluções soviéticas, fazendo apontamentos das vantagens soviéticas naquele momento. Ao descrever a URSS como potência, estava legitimando o poderio de Krutchev. Como referência e símbolo no jornalismo internacional, seus textos representavam a real situação mundial no momento. Sua função não era a de amedrontar os norte-americanos para uma possível guerra militar, sua função era demonstrar que os Estados Unidos precisavam acordar, pois a ameaça estava cada vez mais concreta e próxima ao território.

Além do poder, em um discurso proferido em 28 de maio de 1960, na Conferência de Trabalhadores de Vanguarda da URSS, Nikita Krutchev<sup>232</sup> comentou que “o governo dos Estados Unidos da América representa, de fato, um comitê mandatário dos monopolistas, que não defende os interesses do povo, mas os das corporações e monopólios”.<sup>233</sup> O discurso era a ideologia defendida pela URSS, transmitindo o funcionamento do governo norte-americano.

Ainda nessa perspectiva, a fala do premier encaixava-se com a proposta ideológica de Castro, e, naquele momento, com as desapropriações das empresas americanas e a aproximação soviética na ilha, restava demonstrada a aproximação entre os países

A questão americana com os soviéticos complicava-se cada vez mais. Pearson já alertara, em 1957, que os Estados Unidos eram uma *Potência de Segunda Classe*,<sup>234</sup> sendo ultrapassado pelos soviéticos. O comodismo do governo Eisenhower começava a criar um novo espectro e seria o maior culpado das atitudes latino-americanas, apesar do apoio

<sup>231</sup> *O Cruzeiro*, 23 julho 1960. Berlim – Encruzilhada de dois mundos.

<sup>232</sup> A escrita do sobrenome do premier soviético é contraditória. Encontramos dois modelos. Pearson e a maioria das referências bibliográficas usam Krutchev, no entanto, encontramos também Kruschiov, embora esse, em escala bem menor, com apenas dois exemplares.

<sup>233</sup> KRUSCHIOV, Nikita. *O imperialismo, inimigo dos povos, inimigo da paz*. Vitória. Rio de Janeiro, 1963, p.35.

<sup>234</sup> Em 1957, Drew Pearson e Jack Anderson publicaram um livro intitulado *USA: Potência de Segunda Classe*. O livro era uma reunião de artigos críticos sobre o momento vivido na década de 1950. Pearson já alertava, no livro, para as questões do continente americano, as questões soviéticas e as internas americanas.

informal de Brasil, Chile e Argentina. Com o crescimento e a aproximação soviética no continente, a preocupação em espionar o inimigo estava a todo vapor. Poderíamos nos perguntar se o encontro do final de 1959 não tinha mudado o conceito entre as nações?

Outro ponto que merece destaque são as eleições presidenciais daquele ano, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O momento vivido no período até aqui discutido pode ser visto no título da coluna *Carrossel do Mundo* do dia 27 de agosto de 1960, a qual Pearson intitulou de: “A política de mentira”. A mentira a qual se referia Pearson era bem maior do que a população imaginava. Pearson resumiu o período da seguinte maneira:

[...] a situação de hoje é semelhante a que se criou quando a União Soviética lançou seu primeiro satélite, infligindo-nos uma derrota científica. Naquela época, Eisenhower, quis admitir, franca e publicamente, que havíamos cometido sérios erros, porém seus conselheiros da Casa Branca mantiveram um ponto de vista contrário.<sup>235</sup>

O texto “A política da mentira”, de Drew Pearson, ainda apareceu em vários contextos. As mentiras propriamente ditas estampavam a coluna e criavam um mal-estar dentro da Casa Branca. A tensão do período exigia maiores cuidados e o agravamento da crise bipolar necessitava de conhecimento do outro lado da cortina de ferro.

Em três meses, de julho a setembro, por várias vezes aparecem nos artigos os secretários de estado norte-americanos desculpando-se, ou remediando assuntos envolvendo, principalmente, espionagem no contexto soviético. Em 6 de agosto,<sup>236</sup> Pearson comentou que, “na realidade, o objetivo da Agência Central de Informações era descobrir as atividades secretas em que os soviéticos estavam metidos”.

A guerra psicológica estava lançada e Pearson alertava para possíveis crises em relação às ações norte-americanas. Em 24 de setembro, o colunista escreveu, em forma de subitem, “A tática da mentira”. Para Pearson, a mentira é baseada no que as rádios, os jornais publicam e transmitem ao povo.

Sua coluna também analisou o fraco governo em Cuba e, na metade do primeiro ano da revolução, demonstrou governantes despreparados. A atração entre Cuba e União Soviética foi o resultado do fraco desempenho e pouco interesse de Eisenhower com a América. Fidel começava a, naquele momento, expor suas ideologias e quais os caminhos que seguiria a economia em Cuba.

<sup>235</sup> *O Cruzeiro*, 27 de agosto de 1960. A política de mentira.

<sup>236</sup> *O Cruzeiro*, 6 ago. 1960. Forças ocultas dirigem a diplomacia dos Estados Unidos.

A aproximação não seria um êxito cubano. Apesar da crise entre os vizinhos, Fidel estava gastando mal o pouco dinheiro de que a ilha dispunha.

[...] a abundante colheita açucareira deste ano – de quase 5 500 mil toneladas – já toda vendida ao estrangeiro, elevou as reservas para 100 milhões de dólares, em junho. Fora disto, a entrada de dívidas durante o resto do ano será insignificante, em relação às compras de armas e aviões, pelas quais o governo terá de pagar 50 milhões do corrente ano.<sup>237</sup>

Pearson acreditava que os governos estavam mal assessorados, criando projetos que não condiziam com a necessidade da época. A crise tratada na coluna evidenciava um momento desvantajoso para Cuba, mas, em longo prazo, poderia ser ameaçadora aos Estados Unidos.

Nesses meses, a realidade em torno da ilha começa a ser enfraquecida. Como vimos, Eisenhower já havia perdido a paciência com Fidel, vários transtornos marcaram o primeiro meio ano de 1960. Em julho, o petróleo é a pauta na guerra bipolar. Em setembro, Pearson publica uma grave informação para o período: “A economia controlada de Cuba está começando a dar sinais de deterioração em consequência das compras maciças de armas pelo governo”.<sup>238</sup>

Para fugir dos holofotes daqueles anos, Castro aproveitou a Conferência de Cúpula em Paris para armar uma estratégia na qual americanos e soviéticos andassem juntos, pelo menos na ajuda ao continente. Castro sentia-se o representante máximo dos países subdesenvolvidos e estava disposto a criar a terceira força, que tinha como objetivo o financiamento da industrialização agrícola nos países subdesenvolvidos.

Enquanto isso, Drew Pearson estava expondo os erros da administração de Eisenhower. Sabia que, apesar de Kruchev dizer que não queria um embate militar, estava somente esperando um motivo ou uma causa para criar um possível detonador. Os americanos estavam sendo aprisionados nos próprios equívocos. Pearson ainda argumentou que houve momentos em Paris que foram humilhados e envergonhados por tantas mentiras e falsidade ocasionadas pelo governo.

Na mesma convenção, Fidel Castro afirmou que queria, segundo Pearson,

<sup>237</sup> *O Cruzeiro*, 10 setembro 1960. Deteriora-se a economia cubana.

<sup>238</sup> *Idem*.

[...] fazer com que o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas recomende a criação deste fundo e que todos os governos contribuam proporcionalmente para sua riqueza nacional. Isso significa que os Estados Unidos e a União Soviética contribuiriam com cerca de setenta por cento do capital, em que pese a política de hostilidade de Castro para com os Estados Unidos.<sup>239</sup>

Castro sabia que os Estados Unidos não poderiam ir contra as recomendações das Nações Unidas e, com isso, poderia receber auxílio soviético, por afinidade daquele momento, e americano, por obrigação às Nações Unidas.

Os comentários escritos por Pearson mostravam que os rebeldes “achavam que o líder traiu a revolução e estão decididos a salvá-la das garras do comunismo”.<sup>240</sup> Os rebeldes acreditavam que o líder cubano estava indo contra os princípios propostos, gerando, inicialmente, um desconforto entre amotinados e o Fidel Castro.

Os artigos de Drew Pearson mostraram-nos que, em 1960, por vários momentos, as brigas e desentendimentos internos fizeram parte das três nações envolvidas. Tanto EUA, quanto URSS e, mais no final do ano, Cuba, estavam tendo desentendimentos a respeito das linhas oligárquicas a serem seguidas.

Em apenas seis meses, os aliados e Castro mudaram totalmente seus ideais. Pearson mostrou, em março de 1960, que Castro contava com o apoio soviético contra os norte-americanos. Isso ajudou a tomar as refinarias e indústrias americanas na ilha. Em setembro, a população da ilha já não estava tão confiante no regime proposto por Fidel. Castro tinha se apropriado das indústrias, mas não tinha ninguém com conhecimento e qualidade para mantê-las funcionando.

As eleições norte-americanas, naquele momento, foram menos abordadas por Pearson do que em 1959. Em 8 de novembro, ocorreu a eleição presidencial e o vice-presidente Nixon demonstrou mais uma vez como estava a relação entre americanos e soviéticos no período.

Nixon tinha, em 1959, insistido para o encontro com Krutchev, acreditando que ficar próximo do premier russo seria positivo para sua campanha, em 1960, sua campanha presidencial focou em combater o comunismo soviético. Pearson destacou semanas antes da eleição que “o candidato republicano dirigirá sua campanha mais contra Krutchev do que contra Kennedy”.<sup>241</sup>

A agressividade e ousadia de Nixon remeteram Pearson a eleger Rockefeller como candidato republicano. Com a guerra de nervos esquentando, Pearson acreditava que alguém neutro que não fosse tão áspero com Krutchev poderia garantir a paz e evitar a guerra armada.

<sup>239</sup> *O Cruzeiro* 17 setembro 1960. A terceira força

<sup>240</sup> *O Cruzeiro* 10 dez 1960. A queda de Castro

<sup>241</sup> *O Cruzeiro*, 12 nov 1960. Nixon dirigirá campanha contra Krutchev

Kennedy e Nixon travaram uma campanha em torno da política externa dos EUA. Ambos queriam o fortalecimento dessa a partir de 1961. Pearson analisou que a eleição seria definida quando,

mais do que qualquer outra coisa, a influência de Nikita Krushev poderá determinar como o povo norte-americano votará em 08 de novembro. Se o líder soviético atuar com exagerada rudeza usando uma linguagem insultuosa em relação a Nixon, se der a entender que está mais disposto a tratar com os democratas, o eleitor norte-americano votará, provavelmente, contra Krushev.<sup>242</sup>

O acontecimento mais importante para a política norte-americana estava nas mãos do primeiro ministro soviético e, posteriormente, de Fidel Castro. Nos outros anos de governo, Eisenhower teve uma postura totalmente diferente de seu vice Nixon. Eisenhower acabou seu mandato, acreditando que a paz poderia ser mantida. As ações e ideias do seu sucessor, Kennedy, ditariam as regras para a manutenção da paz. Os oito anos de governo Eisenhower não poderiam ser eliminados ou destituídos imediatamente. Kennedy precisaria do ex-presidente para administrar seus primeiros meses de mandato.

Nos anos de 1959 e 1960, a revista, por meio da coluna de política internacional, trouxe o que de mais importante acontecera com os Estados Unidos. Pearson mostrou que a política nacional andava junto com a americana. Atitudes e fatos estavam em sincronismo. A política de apoio aos EUA estava sendo respeitada, mas o país estava passando por uma crise devido ao crescimento soviético e abandono do continente.

Os últimos dois anos do governo de JK foram tumultuados. Os empréstimos adquiridos para modernização do país começavam a vencer e o FMI, bem como os bancos privados, estavam pressionando JK. Foi com JK que o Brasil começou a negociar com o FMI. O governo ficou marcado por não conseguir dar continuidade em um segundo mandato. Os conflitos estavam aparecendo. A mecanização e os investimentos no campo chamariam a atenção do capital estrangeiro. Logo, o país precisaria de investimentos no setor.

O governo de JK foi amigo e entusiasta das empresas de Assis Chateaubriand. Tanto no campo empresarial quanto no jornalístico, JK tinha grandes laços com Chatô. Para *O Cruzeiro* e o Grupo Associado, 1959 e 1960 foram dois anos de muitas surpresas e crescimento do grupo e de Chatô.

Chateaubriand, no período de 1957 a 1959, foi embaixador na Inglaterra, recebeu de JK a Medalha de Ouro do Mérito do Trabalho, pelos serviços prestados. Era um final de década marcante e, sobre isso, Glauco Carneiro relatou que “os anos 50 estavam por se

---

<sup>242</sup> Idem.

encerrar e os *Diários Associados* pontificavam em todas as frentes, com *O Cruzeiro* vendendo em toda a América Latina, com a rede de televisão inaugurando novas emissoras no país e a rede de jornais tentando suas renovações.”<sup>243</sup>

Porém, o primeiro ano da nova década trouxe novos rumos aos *Diários Associados*. Em 28 de fevereiro de 1960, Chateaubriand sofreu uma trombose e ficou paralisado. O jornalista escrevia diariamente artigos que circulavam em sua cadeia de rádios e jornais desde o ano de 1923. A trombose o vitimou em seu último artigo, escrito em 26 de fevereiro, dois dias antes do acontecido, e acabou retornando à escrita em setembro do ano corrente.

Chateaubriand e sua revista mantiveram apoio a JK, mostrando o novo Brasil ou ainda, mostrando-se como representantes do americanismo dentro do país. Nessa altura, a revista já disputava o mercado com a nova *Manchete*.

*O Cruzeiro* e Drew Pearson acabaram o ano de 1960 publicando e antecipando os eventos de 1961. A maneira de abordar a política internacional o fizera um aliado dentro dos Estados Unidos. Pearson era a referência para os brasileiros em assuntos internacionais. Era um jornalista cuja origem defendia todos os ideais nacionais até o momento. A posição defendida por Chatô naquele ano foi posta em evidência num artigo publicado em 30 de novembro de 1960, no qual, num trecho, Chatô diz:

[...] podemos pedir tudo a Casa Branca, menos que ela deixe a URSS, invadir a América, por que os ibero-americanos resolveram suicidar-se, por excesso de precaução diante de Moscou. A ação individual da Marinha de Guerra dos Estados Unidos no mar das Caraíbas é uma consequência inevitável da frustração do sistema interamericano. Da fronteira do Rio Grande para baixo, ninguém pois, tem o direito de se queixar, por que os Estados Unidos decidiram proteger militarmente o hemisfério, sozinhos deixando de pensar na solidariedade de tão timoratos companheiros.<sup>244</sup>

O que, segundo Pearson, não mudou nesse momento foi a posição brasileira. Apesar de reestabelecer as relações comerciais<sup>245</sup> com os soviéticos, JK sempre se manteve aliado aos *Diários Associados*, que também defendiam a proposta da americanização. Seu maior investimento fora financiado pelos americanos. Pearson esclarecia que a aproximação soviética era o resultado da postura de Dulles e Eisenhower, assim como o afastamento sul-americano.

<sup>243</sup> CARNEIRO, Glauco. *Brasil, Primeiro: história dos diários associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999, p. 411.

<sup>244</sup> CHATEAUMBRIAND, Assis. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Artigos publicados em jornais no ano de 1960. Brasília. Fundação Assis Chateaubriand, 2000, p. 354.

<sup>245</sup> O reestabelecimento das relações comerciais abriram as portas para o governo de Jânio Quadros estabelecer novamente as relações diplomáticas com os soviéticos.

Durante mais ou menos sete anos, o governo de Eisenhower serviu para paralisar o desenvolvimento Latino-americano. Estabeleceu a regra de não conceder empréstimos aos países que se opõe a exploração, por companhias estrangeiras, de seus recursos minerais”<sup>246</sup>Pearson ainda continuou dizendo que “estas restrições contribuíram para desencadear em toda a América Latina uma antipatia pelos Estados Unidos, favorecendo, assim, a política do Kremlin.”<sup>247</sup>

A análise de Pearson sobre o governo Eisenhower não é de sua exclusividade. Os próprios governos do continente alertaram para o perigo soviético. Castro foi o primeiro que demonstrou coragem em enfrentar e sofrer sanções dos Estados Unidos. O que podemos confrontar, é que o governo de Eisenhower não imaginava que chegassem a essa situação.

Eisenhower acreditava que bastava fornecer armas para o continente, por meio do Programa de Ajuda Militar.

O programa era uma herança da Segunda Guerra Mundial e, no caso latino-americano, objetivava manter a dependência da região em relação aos Estados Unidos: Em troca do fornecimento de armamentos, a América Latina deveria comprometer-se com a defesa do continente contra ataques extracontinentais.<sup>248</sup>

Apesar de ser uma herança de outros governos, o Programa teve com Dulles e Eisenhower os mentores para mantê-lo. Ambos acreditavam que a América não representaria perigo e não seria uma ameaça, pois, enquanto continente capitalista, era submisso aos EUA. Contudo, quando o comunismo começou a rodear o bloco latino-americano, esse apareceu como sendo de vital importância aos Estados Unidos.

Pearson acreditava que o governo republicano da época fora muito condizente e acomodado. Os reflexos estão nas colunas, principalmente as de 1959, nas quais os americanos preocupam-se mais com a eleição de 1960 do que com a revolução em Cuba.

O último trimestre de 1960 mostrou o aquecimento nas relações entre Estados Unidos e União Soviética. A prática da espionagem era recíproca. Se, em junho, os soviéticos reclamavam dos norte-americanos, agora, eram os soviéticos que espionavam os Estados Unidos.

Em uma suposta análise final, Pearson fazia o papel que Chatô buscava em seus veículos. Era o ideal de um colunista, referência no assunto, tendo fortes aliados, tanto políticos quanto econômicos. Era, acima de tudo, parte de um grupo que agregava valores e

<sup>246</sup> *O Cruzeiro*, 05 nov. 1960. A nova doutrina de Nixon.

<sup>247</sup> *Idem*.

<sup>248</sup> FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008, p. 22.

qualidades ao semanário *O Cruzeiro*. Começou a escrever na revista em 1947, início da Guerra Fria, e com suas publicações, aproveitou para fortalecer o americanismo no Brasil.

#### 4.1 Novos governos, velhos problemas

Em 1959, a revista era vendida por Cr\$ 15,00 numa tiragem de 500 mil exemplares. O primeiro exemplar de 1961 mostra uma revista vendida a Cr\$ 30,00, mas ainda mantendo os 500 mil exemplares de tiragem, conforme constava no editorial. O ano de 1961 iniciou promissor.

O aumento no valor de venda da revista em 100% em 24 meses mostrava o momento em que o Brasil vivia. O governo de Juscelino começou a todo vapor, concluiu e ultrapassou seu audacioso Plano de Metas. As consequências desse desenvolvimento influenciaram na economia nacional, rompendo com o FMI e criando um mal-estar com os investidores norte-americanos. O reatamento e as negociações foram retomados somente no governo de Jânio Quadros.

A revista foi nos dois primeiros anos de nossa pesquisa, o reflexo do governo JK. O governo dependia do capital norte-americano para conseguir ir adiante com seus objetivos. Com o semanário não fora diferente. A revista era o principal meio do brasileiro se identificar com a cultura e os produtos norte-americanos.

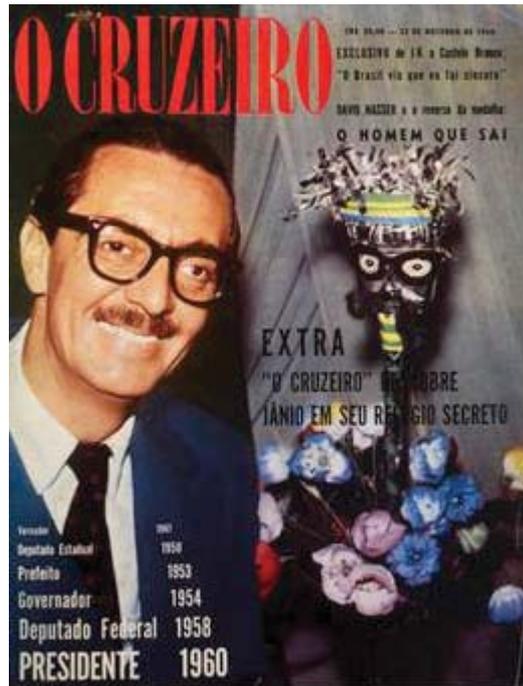
Em 1960, foi lançado o semanário *Quatro Rodas*, revista que mostraria o segmento automotivo, a indústria automobilística, que ainda estava em crescimento, e levava ao público, os carros nacionais por meio de testes e comparativos. Os *Diários Associados* estavam com fortes concorrentes e precisavam manter uma posição sob o novo governo.

A eleição de outubro de 1960 trouxe ao governo nacional um fenômeno político: Jânio Quadros. O país que esperava por Jânio tinha ultrapassado a casa dos “72 milhões de habitantes, quase 20 milhões a mais do que no início do segundo governo Vargas”.<sup>249</sup>

---

<sup>249</sup> VINZENTINI, Paulo G. *Relações internacionais e desenvolvimento: o nacionalismo da Política Externa Independente 1951-1964*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 178.

Figura 11 - Revista mostra a ascensão de Jânio em sua capa de 22 de outubro de 1960



A eleição ocorreu em outubro de 1960 e Jânio venceu com uma ampla margem de votos. Suas atitudes e seu caráter popularesco condiziam com o intenso momento pelo qual passava o mundo.

Antes da eleição, Jânio fora taxado pelos rivais de comunista e seguidor dos ideais marxistas. Antes mesmo das acusações de comunista e de ter carisma pela escola marxista, Jânio, assim como seu futuro adversário, fora pauta de Drew Pearson na coluna *Carrossel do Mundo*.

Em maio, Eisenhower veio ao Brasil e uma de suas pautas era a visita ao presidente JK no palácio do Catete, a qual acabou não acontecendo, e, conforme destacou a imprensa da época, o motivo “não foi por falta de segurança”,<sup>250</sup> como sugeriam os rumores. No dia 04 de junho de 1960, Pearson comentou que JK “tinha planejado convidar o Marechal Henrique Teixeira Lott para assistir à entrevista”.<sup>251</sup>

O encontro com Lott não ocorreu, o que ajudou Jânio Quadros na eleição. No período, o governo americano tinha grande influência no governo nacional e na análise de Pearson “uma fotografia publicada na imprensa que mostrasse Eisenhower e Lott um ao lado do outro, faria ruidosa propaganda a favor de Lott”.<sup>252</sup>

<sup>250</sup> *O Cruzeiro*, 04 jun. 1960. Por que Ike não foi ao Catete.

<sup>251</sup> *Idem*

<sup>252</sup> *O Cruzeiro*, 04 jun 1960. Por que Ike não foi ao Catete.

O cancelamento do encontro entre os governos pode ter sido uma estratégia do embaixador americano no país, John Cabot. Pearson teve acesso a um documento enviado por Cabot ao Departamento de Estado Americano logo após formalizarem a visita. A referida mensagem foi transcrita por Pearson em sua coluna no dia 04 de junho de 1960, em forma de dois tópicos, que diziam:

1. “Os comunistas brasileiros e os nacionalistas anti norte-americanos estão apoiando, também, a candidatura de Lott;
2. Não haveria outra oportunidade para Eisenhower encontrar-se com Jânio Quadros, o formidável rival de Lott.”<sup>253</sup>

O encontro poderia dar outros rumos ao processo eleitoral daquele ano. A posição dos candidatos poderia ser totalmente definida pelas imagens que ambos colocariam em suas campanhas. Quadros visitando Cuba e o Marechal encontrando Eisenhower. O objetivo da campanha presidencial daquele ano foi evidenciado pelo papel do nacionalismo, juntamente com o impulso ocasionado pelos rebeldes de Cuba. Ao analisar o período, Bezerra ressaltou que:

A situação eleitoral mostrou-se confusa, com o candidato apoiado pela direita UDN, o ex-governador de São Paulo, Jânio Quadros, dono de uma plataforma populista e moralista, bem ao gosto das classes médias, mostrando-se simpático à experiência revolucionária cubana. O candidato apoiado pelas esquerdas, Marechal Henrique Teixeira Lott, por seu lado, condenava as medidas socializantes da Revolução Cubana e recusava publicamente o apoio do Partido Comunista.<sup>254</sup>

O embaixador cubano, Che Guevara, convidou os candidatos para visitar a ilha e desfrutar das ideologias criadas pelo comunismo, essa, ainda escondida pelos cubanos. Assim como Lott aceitou encontrar Eisenhower indiretamente – embora o encontro tenha sido cancelado –, Jânio Quadros aceitou o pedido e visitou Cuba em março de 1960. A visita serviu para confundir os interesses nacionais. Um dos principais membros do partido de Jânio, Carlos Lacerda, era um ferrenho anticomunista e seu candidato estava em ascensão com os comunistas do período.

Carneiro ressaltou que “os Associados mantiveram-se, nas eleições de 1960, ao lado da candidatura do General Henrique Duffles Batista Teixeira Lott, lançado pelo PSD/PTB, em

<sup>253</sup> *O Cruzeiro*, 04 jun. 1960. Por que Ike não foi ao Catete.

<sup>254</sup> BEZERRA, Gustavo H. M. *Brasil – Cuba: relações político-diplomáticas no contexto da Guerra Fria (1959-1986)*. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2010, p. 35.

oposição a Jânio Quadros, da UDN”.<sup>255</sup> A posição associada fazia frente ao momento que o país passava e acreditava que Jânio aproximaria o país do comunismo soviético.

Ao assumir o governo em 31 de janeiro de 1961, além da grande massa que estava chegando às cidades, Jânio deparou-se com um grande crescimento industrial proporcionado pelo seu antecessor. O momento vivido levava a crer e, especialmente, a continuar o projeto do governo JK, haja vista que em seu governo “entre 1955 e 1961, a produção nacional aumentou 80%”.<sup>256</sup>

Ao final de 1960, os Estados Unidos também passaram pelo processo eleitoral. A eleição de 8 de novembro trouxe o Partido Democrata de volta à Casa Branca. O crítico momento vivido pelo país, ocasionado pela aproximação soviética ao continente, levava a crer que a melhor maneira de fazer campanha seria alavancar projetos contra a ideologia vermelha. Os candidatos sabiam que a URSS poderia definir a campanha e ambos atacavam o sistema ideológico soviético.

Dois fatos colocaram as eleições em patamares parecidos. No Brasil, *O Cruzeiro* e o Grupo Associado não conseguiram eleger seu candidato. Nos Estados Unidos, “Nixon, que possuía a seu lado 70,9% dos jornais, foi derrotado por Kennedy, que possuía somente 15,8%”.<sup>257</sup>

Nixon aproveitou os anos de vice-presidente para sair em vantagem contra Kennedy. Os anos de 1959 e 1960 marcaram dois momentos para Nixon. A aproximação e, logo na sequência, a luta contra Krutchev, o líder máximo do comunismo naquele momento. O perfil dos candidatos à Casa Branca eram totalmente distintos. O público via em Kennedy a mudança e a confiança em melhorias.

Para o público, o jovem John Kennedy inspirava confiança e havia sido herói da Segunda Guerra, e não simplesmente trabalhado na burocracia como Nixon. Na campanha, Kennedy passou a mensagem de que ele representaria a transformação e Nixon o continuísmo do governo de Eisenhower. Nos debates da televisão, Kennedy superou Nixon. O jovem candidato católico passou a imagem de dinamismo e Nixon, cansado da intensa campanha pelo país, parecia um velho alquebrado.<sup>258</sup>

A situação de guerra psicológica vivida no momento levava a acreditar que um ex-soldado, que esteve no *front* de guerra seria a melhor saída para enfrentar os problemas, principalmente, os ligados à política externa norte-americana. Como frisamos acima, o

<sup>255</sup> CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 427.

<sup>256</sup> CERVO, Amado Luiz. *O desafio internacional: a política exterior do Brasil*. Brasília, UNB, 1994. p. 232.

<sup>257</sup> EMERY, Edwin. *Introdução a comunicação de massa*. São Paulo: Atlas, 1973. p. 102.

<sup>258</sup> TOTA, Antonio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 210.

governo de Eisenhower foi acomodado, sossegado e sereno demais e a campanha de Nixon focava na sequência desse governo.

As ameaças oriundas de pesquisas envolvendo os candidatos, as disputas na televisão e os comícios acabaram em 08 de novembro e levaram John F. Kennedy à Casa Branca. Antes mesmo de tomarem posse em seus respectivos governos, Jânio e Kennedy tiveram que lidar com o rompimento do governo de Eisenhower com Cuba. A posse dos novos presidentes apresentaria mudanças no quadro político. “Na época, havia uma forma de esperança para um Brasil que havia eleito um candidato da ‘oposição’ e para os Estados Unidos, que também elegeram um candidato de fora dos quadros tradicionais”.<sup>259</sup>

Drew Pearson estava acompanhando todo o processo eleitoral e o pós-eleição não seria diferente. Como de costume, a transmissão de cargo, a transferência de ideologias fora acompanhada pelo jornalista. Pearson, como formador de opinião e entendedor dos problemas americanos, acompanhou o encontro entre ambos.

Desde 1932, por sua coluna *Carrossel de Washington*, Pearson acompanhava a transição do governo americano. Ninguém no meio jornalístico tinha tanta autoridade no assunto. Em dezembro de 1960, “na conferência realizada entre Eisenhower e Kennedy, a situação do dólar foi a maior preocupação de Eisenhower”.<sup>260</sup>

Eisenhower tinha plena consciência da fraca administração que fez e não queria o encontro com Kennedy. O motivo seria as “duras acusações de Kennedy de que o prestígio dos EUA decaiu”.<sup>261</sup> As acusações não se restringiam somente a Kennedy. Os resultados e os efeitos administrativos levavam aos acontecimentos e às causas do anêmico governo Eisenhower.

O governo Eisenhower-Nixon representou a fraqueza norte-americana. Expôs os problemas do país para o mundo e deixou-se induzir, como citou Pearson em 13 de maio de 1961, com os monopólios da energia elétrica. Fez uso de carros do governo para levar familiares à missa, conforme mostrou Pearson em *O Cruzeiro* em 22 de julho de 1961.

Naquele ano de 1961, Pearson ocupou-se, nos primeiros meses, em externar o governo anterior. Eisenhower entregou o cargo em meio a uma intensa crise da moeda norte-americana. Em março, dia 25, Pearson fez um diagnóstico do governo:

---

<sup>259</sup> TOTA, op. cit., p. 210-211.

<sup>260</sup> *O Cruzeiro*, 21 jan. 1961. Encontro Ike-Kennedy na Casa Branca.

<sup>261</sup> Idem.

Quando se faz um levantamento da atuação de Eisenhower verifica-se ter sido ele o primeiro a ter rompido com a tradição de que o primeiro mandatário dos Estados Unidos não recebe presentes. Pois ele os recebeu, além de ter se beneficiado de melhorias em sua fazenda, bem como de serviços que representam um total de meio milhão de dólares.<sup>262</sup>

Pearson deu um uma pausa na revolução de Cuba e deteve-se, nos primeiros três meses, ao governo norte-americano, citando o país vizinho em apenas uma edição. A passagem do cargo, a mudança, os costumes de ambos e, principalmente, o balanço de Eisenhower. Na edição de 25 de março, foi destaque o envolvimento com empresários. Pearson evidenciou que empresários ligados a Eisenhower “pagam as contas da granja e arcam com os prejuízos”.<sup>263</sup>

Os empresários citados por Pearson eram magnatas do petróleo, representavam a elite e os grandes mandatários dentro do setor de energia. Foi a primeira vez, desde 1959, que constatamos na coluna *Carrossel do Mundo* os envoltimentos de Eisesenhower, que comprometeriam sua índole.

De abril a junho, Pearson continuou a falar sobre as relações pré, durante e pós Eisenhower. A coluna denunciou o envolvimento do governo com grupo de empresários do setor de energia elétrica. O escândalo publicado envolvia 29 empresas e 44 altos funcionários. “O fato paradoxal é que a maioria destas companhias deu contribuições consideráveis à campanha eleitoral de Eisenhower. Outro paradoxo é o fato de o novo Ministro da Justiça, Roberto Kennedy, ter afastado Robert Bicks do cargo”.<sup>264</sup>

Pearson estava focado nos escândalos do governo anterior, fazendo o papel de representante máximo dos jornalistas norte-americanos. Suas denúncias sempre foram acatadas e sua reputação fazia seus assuntos ganharem ênfase e a atenção do povo. Há, nesses discursos, uma linha do jornalista por Kennedy. No mesmo momento que destaca negativamente Eisenhower, destaca positivamente o novo governo democrata.

Em 22 de julho de 1961, Drew Pearson abriu a coluna na revista com o título “O nepotismo de Kennedy”. Nela, o jornalista relata os cargos que a família está ocupando naquele momento. Seu irmão, seus dois cunhados, ambos em ministérios, mas segundo o discurso do jornalista, “na realidade, nenhum destes parentes do Presidente Kennedy recebe salário”.<sup>265</sup>

<sup>262</sup> *O Cruzeiro*, 25 março 1961. O enigma financeiro da granja Eisenhower.

<sup>263</sup> Idem.

<sup>264</sup> *O Cruzeiro*, 13 maio 1961. A lei contra os monopólios nos E.U.A.

<sup>265</sup> *O Cruzeiro*, 22 julho 1961. O nepotismo de Kennedy.

Podemos dizer que o discurso de Drew Pearson nesse momento é voltado ao Partido Democrata. Na mesma data, Pearson ainda argumenta as diferenças entre os familiares de Eisenhower e Kennedy. “Enquanto o lado democrata anda de táxi, os republicanos andavam de carros oficiais da Casa Branca.”<sup>266</sup>

A situação era totalmente diferente no Brasil. Jânio Quadros recebia um novo país e estava focado na modernização, com amplos investimentos na indústria, trazendo para dentro investidores estrangeiros. JK deixou um país economicamente fortalecido que, apesar das dívidas, estava em franco crescimento e se encaminhando para ser o grande país sul-americano.

Os problemas, no entanto, continuavam a ser os mesmos do final de 1960. Em janeiro de 1961, as atitudes cubanas levaram o governo Eisenhower a romper com a Ilha na primeira semana de janeiro.

O governo de Jânio Quadros programaria uma nova orientação na política externa, que ficaria conhecida como Política Externa Independente (PEI), que foi resultado do processo econômico que tomou forma na época e não um projeto pautado em detalhes. Cervo e Bueno ressaltam que:

A política exterior inaugurada por Jânio Quadros – diferentemente da OPA de Juscelino Kubitschek, que priorizava o contexto hemisférico – partia de uma visão universal, embora sem descuidar do regional; possuía um caráter pragmatista, pois buscava o interesse do país sem preconceito ideológico; e, para melhor consecução desses objetivos, adotava postura independente em face de outras nações que tinham relacionamento preferencial com o Brasil.<sup>267</sup>

Certamente, a política externa do governo Jânio foi de grande polêmica. Para Quintaneiro:

Um dos pontos centrais da política externa, refere-se ao estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com todas as nações, independente de seus vínculos a ‘blocos políticos - militares’ o que, de fato, significava a abertura de relações com os países socialistas e com os novos estados africanos.<sup>268</sup>

As mudanças nos governos não alteraram o foco de Drew Pearson. Como era sua característica, começou o ano de 1961 apresentando os novos donos do poder, criticando, analisando e comentando a posição política internacional. Pearson levantou na primeira

<sup>266</sup> *O Cruzeiro*, 22 julho 1961. O nepotismo de Kennedy.

<sup>267</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática. 1992. p. 279.

<sup>268</sup> QUINTANEIRO, Tania. *Cuba e Brasil: da revolução ao golpe (1959-1964)*. Belo Horizonte: UFMG. 1988, p. 35.

semana de 1961 um assunto que foi, conforme evidenciado na análise, um dos maiores problemas do governo norte-americano da década de 1950: o secretário de Estado.

Eisenhower ficou preso nas ações e ideologias de John Foster Dulles. De acordo com o referido acima, Eisenhower pregou suas ideias somente após a morte de Dulles, em 1959. Para Pearson, Kennedy mostraria que não seria diferente. Segundo o colunista, “a paz ou a guerra dependerão em parte do caráter e dos antecedentes do novo Secretário de Estado”.<sup>269</sup>

Antes de ser nomeado para o cargo, Pearson comentava, em sua coluna, sobre o que o futuro secretário precisaria fazer de imediato. Em primeira análise, o pior momento seria criado por Fidel e Cuba. Pearson sabia que Cuba era o local de origem da política soviética no hemisfério. Em discurso proferido no Kremlin em 1959, Krutchev ressaltou que “a luta pela paz em nossos dias, é dever de cada um”.<sup>270</sup> A paz pregada pelo premier estava em dificuldades até entre os comunistas.

A China, maior aliado comunista soviético, com o presidente “Liu Sho-Tsi, pronunciou um discurso de quatro horas, atacando Kruschev, denunciando sua política de aproximação com o ocidente”.<sup>271</sup> Krutchev estava sendo cobrado pelo seu principal aliado, que, segundo os princípios stalinistas, queria fazer o comunismo radical, ao contrário de Krutchev, que estava buscando a paz mundial.

Apesar de o Brasil ser considerado de extrema importância pelos norte-americanos, a eleição nacional não teve abrangência na coluna de Drew Pearson. O início de 1961 ficou caracterizado pelo novo governo, que assumiu em janeiro. O rompimento diplomático norte-americano com Cuba teve grande influência no continente.

O prejuízo causado aos Estados Unidos pelo rompimento diplomático com Cuba não foi somente de caráter econômico. Pearson mostrou-se incomodado com o rompimento das relações. Em fevereiro de 1961, Pearson comentou que:

Os Estados Unidos romperam relações com uma nação a que ajudaram a se libertar, à qual davam um tratamento privilegiado na importação do açúcar e com cujo povo mantiveram sempre as mais amistosas relações. No lamentável vazio deixado por esse rompimento, o fato mais importante que o povo americano há de ter em mente é que nada se ganha sem se fazer alguma coisa.<sup>272</sup>

A proximidade geográfica entre os países dificultava o rompimento, se não de direito, de fato. O estado da Flórida acolhia os trabalhadores cubanos. A crise entre os países estava

<sup>269</sup> *O Cruzeiro*, 04 fev. 1961. O novo secretário de estado.

<sup>270</sup> KRUSCHIOV, Nikita. *Impedir a Guerra é a tarefa fundamental*. Rio de Janeiro: Vitoria. 1964. p. 19.

<sup>271</sup> *O Cruzeiro*, 04 fev. 1961. O novo secretário de estado.

<sup>272</sup> *O Cruzeiro*, 04 mar. 1961. O drama dos refugiados cubanos.

criando uma nova classe de cubanos nos Estados Unidos e Pearson via nisso uma possibilidade de reaproximação ou de receptividade ao povo de Cuba.

[...] a instalação de uma “Universidade Livre” cubana em solo estadunidense, de preferência na Florida. Essa instituição seria como uma Meca para o ensino livre e democrático à qual acudiriam estudantes de todos os países latino- americanos e também dos Estados Unidos, desejosos de conhecer melhor a América Latina.<sup>273</sup>

O regime castrista e suas diretrizes expulsaram da ilha vários professores e pesquisadores, intelectuais que faziam parte da educação na ilha e que, na visão de Pearson, poderiam mover e dar sustentação ao projeto “Universidade Livre”. Pearson explorou e relatou que “entre os que trabalham em hotéis e restaurantes, os que trabalhavam em outras atividades de categoria inferior, se acham: Dr. Rogerio De La Torre, professor de direito; Dr. Miró-Torre, professor de direito e o juiz Mario Dotz, jurista de renome”.<sup>274</sup>

O efeito do comunismo ainda trouxe para os Estados Unidos “o Dr. Hector Rocamora, talvez o maior ginecologista cubano, está empregado como limpador de sala de operações do Hospital Jackson Memorial em Miami”.<sup>275</sup> Pearson estava mostrando soluções para enfrentar a crise. O rompimento com Fidel não era uma boa ideia e as consequências poderiam tomar sérias proporções.

Para Darcy Ribeiro, logo nas primeiras semanas de Kennedy na Casa Branca, “Cuba admite a mediação latino-americana, proposta pela Argentina, para melhorar as relações com a América do Norte. O governo cubano declara estar disposto a ressarcir os bens norte-americanos nacionalizados se for reestabelecida a compra do açúcar”.<sup>276</sup>

As reações do governo cubano indicam vontade de negociar com os Estados Unidos. Pearson estava focado na relação EUA x Cuba, sabia da importância e insistia no reatamento diplomático. Segundo ele, “Os Estados Unidos conheceram adversidades em Cuba; algumas devido a nossa própria culpa, outras não. Mas podemos converter uma derrota parcial em grande realização se ajudarmos a esses compatriotas cubanos”.<sup>277</sup>

Naquele momento de 1961, Castro estava atraindo os olhos norte-americanos para o continente. Em abril, Pearson comentou que “graças a Castro, os Estados Unidos começaram

<sup>273</sup> *O Cruzeiro*, 04 mar. 1961. O drama dos refugiados cubanos.

<sup>274</sup> *Idem*.

<sup>275</sup> *Idem*.

<sup>276</sup> RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo. Schwarcz Ltda. 2007.p. 331

<sup>277</sup> *O Cruzeiro*, 04 mar. 1961. O drama dos refugiados cubanos.

a dar-se conta da existência da América latina”.<sup>278</sup> O governo Kennedy não poderia manter a mesma postura de Eisenhower e, para isso, precisava atender às demandas do continente.

As ações em Cuba trariam efeitos no Brasil. Jânio Quadros, logo após assumir o governo, reestabeleceu as relações diplomáticas com Bulgária, Romênia, Hungria, países do bloco comunista do leste e Europeu. Foi no governo de Jânio que os Estados Unidos começaram a olhar com maiores cuidados os efeitos da Revolução Cubana.

Com o clima esquentando na América Central, as relações com os Estados Unidos estavam esfriando e, associado a isso, havia o novo projeto de político externo de Jânio. Sobre a Política Externa Independente (PEI), Cerro argumentou que “desde a posse de Quadros a PEI cobrava vigor, o reestabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética passou a ser o tópico de maior importância nos debates sobre a projeção da política externa brasileira”.<sup>279</sup>

A posição de Quadros, juntamente com os acontecimentos, colocava o presidente norte-americano em alerta. “Kennedy desejava do país um poder estratégico capaz de dissuadir qualquer ataque nuclear e de sobreviver, se fosse primeiramente atacado, embora essa ameaça não existisse”.<sup>280</sup>

Kennedy começou seu governo com uma sucessão de erros. Com origem militar, acreditava que os acontecimentos em Cuba seriam concluídos sob o aspecto bélico. No momento, estava substituindo o diálogo de Eisenhower por ameaças e investimentos militares. John Kennedy “indicou claramente que os povos da América Latina só tinham liberdade de escolher seus próprios governos desde que não fossem comunistas e contrários aos interesses dos Estados Unidos”.<sup>281</sup>

Com objetivo de contornar a situação e se colocar mais disponível para o continente, em 13 de março de 1961, foi lançado, pelos Estados Unidos, um projeto para ampliar a ajuda econômica nos países americanos, a Aliança Para o Progresso. Cerro e Bueno ressaltaram que:

---

<sup>278</sup> *O Cruzeiro*, 22 abr. 1961. Venezuela, país de contrastes.

<sup>279</sup> CERVO, Amado Luiz. *O desafio internacional: a política exterior do Brasil*; Brasília: UNB, 1994. p. 237.

<sup>280</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A formação do Império Americano: a guerra contra a Espanha à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p.213

<sup>281</sup> Idem, p. 214.

O plano de cooperação econômica norte-americano contido na aliança para o progresso corresponde a uma resposta, ainda que tardia, ‘a aceitação da Operação Pan-Americana formulada por Juscelino K. de Oliveira. Entre a proposta de JK (junho de 1958) e o plano de Kennedy (março de 1961), ocorreu a derivação de Cuba para o bloco socialista, fato que teria precipitado a decisão do governo norte-americano.<sup>282</sup>

Existia uma visão que confundia e limitava a ideologia da Aliança. Fico apontou dois propósitos:

A contradição básica da abordagem de Kennedy dificultaria a realização da Aliança para o Progresso como um todo: por mais que muitos de seus executores se engajassem sinceramente nos projetos voltados para a melhoria das condições de vida na América Latina, a moldura ideológica imposta por seus formuladores – que delineavam, sobretudo, com um instrumento de combate ao comunismo no contexto da Guerra Fria – terminava por limitá-la.<sup>283</sup>

Nessa altura, Kuschev continuava a afirmar cada vez mais seu discurso de paz. Para ele, “O presidente dos EUA, Kennedy, deduziu acertadamente que é preciso rever os valores, é preciso tomar em consideração e ter em conta as poderosas forças do socialismo, que devem mudar as relações com a União Soviética”.<sup>284</sup>

Os norte-americanos passaram por momentos difíceis de não aceitação e desacordos por parte dos aliados latino-americanos e chegaram em 1961 com uma só opção. Criar uma saída, um método para ajudar, trazer para si, a responsabilidade do continente, esquecer a negligência e manter os soviéticos afastados. Para isso, a Aliança para o Progresso foi pautada e projetada.

O governo Kennedy estava decidido a fortalecer seu posicionamento referente a Fidel Castro, esquecido pelo seu antecessor. Como referimos acima, Nikita Krutchev queria a paz entre as nações. Repetiu isso em vários discursos e entrevistas concebidas, até mesmo para *O Cruzeiro* em 1958, quando entrevistado pelo jornalista Mario Maruquim. O premier soviético queria manter a guerra somente no papel. Apesar de discursar e enfatizar sobre a “paz”, a postura do premier soviético era contraditória. Ao mesmo tempo em que exigia a paz, armava Cuba.

Em março recorrente, logo após a posse do governo, uma entrevista entre “Krushev e o embaixador Thompson, no dia imediato a posse de Kennedy, é indício do afã da União

<sup>282</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática. 1992.

<sup>283</sup> FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo*. O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 28.

<sup>284</sup> KRUSCHIOV, Nikita. *Impedir a guerra é a tarefa fundamental*. Vitória: Rio de Janeiro, 1963, p. 103.

Soviética de reiniciar as negociações com os Estados Unidos”.<sup>285</sup> Krutchev estava sedento pela paz. Em abril de 1961, Pearson comentou que:

Kruschev havia manifestado a intenção de enviar um alto membro do Governo Soviético às cerimônias de posse de Kennedy, como gesto especial, mas o presidente americano foi contra a ideia, acentuando que naquela ocasião, não queria nenhum embaixador especial em plano mais elevado do que os acreditados em Washington.<sup>286</sup>

A negativa de Kennedy em receber um alto membro soviético não foi a primeira. Uma semana depois de assumir a Casa Branca, teve um conflito com um veterano conselheiro do partido democrata, Adlai Stevenson, que apoiava a ideia de um encontro com Krutchev. Pearson ressaltou que “a negativa de Kennedy com respeito a Stevenson, portanto, foi interpretada no Kremlin como uma bofetada dirigida a Kruchev”.<sup>287</sup>

As declarações de Kennedy aparentavam uma mudança radical no governo norte-americano. A postura de Kennedy é explicada por Pearson: “por que nunca desde que o Kremlin retirou o convite a Eisenhower para visitar a Rússia, um Presidente norte-americano tem defrontado tantas dificuldades criadas pelos comunistas, nem tanto abuse de Moscou”.<sup>288</sup>

A posição soviética e os pronunciamentos de Krutchev estavam apresentando contradições sobre a paz. Pearson teve acesso há um relatório de uma reunião do Departamento de Estado, em que o Secretário de Estado Dean Rusk “observou que os soviéticos não revelavam o menor indício de que desejavam atenuar a tensão mundial”.<sup>289</sup>

A tensão do período envolvia os cinco continentes do globo. Com o crescimento da China, soldados em Laos, revolução em Cuba e a crescente tensão no Congo, a qualquer momento poderia estourar uma crise nuclear. A relação entre Brasil e Estados Unidos também passava por momentos difíceis.

Usando como foco central da PEI, o estabelecimento das relações comerciais e diplomáticas com todas as nações, independente do bloco ou de que lado da cortina de ferro esteja suas ideologias, socialistas ou capitalistas, o Brasil estava merecendo a atenção dos Estados Unidos.

Quintaneiro ressaltou que “tal estratégia era a de, primeiro, projetar a liderança política do Brasil no hemisfério sul para logo pleitear um tratamento mais privilegiado por

---

<sup>285</sup> *O Cruzeiro*, 01 abr.1961. Desanuvia-se a atmosfera das relações EUA-URSS.

<sup>286</sup> *Idem*.

<sup>287</sup> *O Cruzeiro*, 01 jul. 1961. O encontro Kennedy- Krutchev.

<sup>288</sup> *Idem*.

<sup>289</sup> *O Cruzeiro*, 08 abr.1961. Kennedy e o congresso.

parte dos EUA sem ter que para isto, adotar uma posição ‘neutralista’”.<sup>290</sup> Como resultado da neutralidade, o país participou como observador na reunião preparatória dos países neutros em maio daquele ano. Cuba e México também participaram.

Naquela altura de 1961, a postura estadunidense em relação ao continente estava mudando. O governo estava disponibilizando dinheiro para os vizinhos do Sul, de acordo com as projeções da Aliança para o Progresso e segundo Pearson, “o presidente e o governo salientaram a urgência dessa ajuda”.<sup>291</sup> Kennedy estava querendo trazer os vizinhos para próximo.

Ao contrário do ocorrido nos anos anteriores, Cuba estava em evidência na coluna de Drew Pearson. A relação com os soviéticos estava complicando em virtude de Fidel. As ações diretas entre as superpotências estavam estagnadas. A continuidade e a intensidade da Guerra Fria passavam agora por Fidel e por Cuba. Foi uma dos momentos mais tensos da guerra de nervos. De acordo com Moniz Bandeira, o “nervosismo aumentou nos Estados Unidos depois que Castro, para comprometer ainda mais a União Soviética na defesa de Cuba, proclamou haver feito uma revolução socialista (16 de abril de 1961)”.<sup>292</sup>

Com o bloqueio, a ilha e a fracassada invasão na Baía dos Porcos,<sup>293</sup> os Estados Unidos estavam enfraquecidos no momento. Em maio, Pearson descreveu que:

Na realidade, foi a decisão dos Estados Unidos de suspenderem o fornecimento de armas ao antigo ditador que precipitou a queda deste. Acontece que no caso de Baptista, o carregamento de armas procediam dos Estados Unidos, não envolviam um bloqueio das costas cubanas.<sup>294</sup>

O bloqueio funcionaria para impedir a entrada de armamento soviético na ilha. Uma possível intervenção americana poderia desencadear a guerra, levando os soviéticos a entrarem no jogo em prol de Cuba. Com isso, Fico afirma que “até o final de 1961, os Estados Unidos decretariam a suspensão de todas as importações de Cuba, gerando, com a brutalidade da medida, mais antipatia dos países latino-americanos”.<sup>295</sup>

Esperavam que Kennedy mudasse o projeto de Eisenhower, mas o que aconteceu é que o presidente americano quis o enfrentamento com Cuba, esquentando o risco de um

<sup>290</sup> QUINTANEIRO, Tânia. Op. cit., p. 36.

<sup>291</sup> *O Cruzeiro*, 13 maio 1961. A lei do monopólio contra os EUA.

<sup>292</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz op. cit., p. 215.

<sup>293</sup> Foi uma tentativa comandada pelos Estados Unidos e exilados cubanos de invadir a Ilha de Fidel Castro. O objetivo era surpreender as tropas de Fidel e invadir pelo lado sul. Em três dias de lutas, o combates de Fidel renderam a maioria dos soldados e desertores. A derrota foi um duro golpe ao governo Kennedy.

<sup>294</sup> *O Cruzeiro*, 13 maio 1961. Alei contra o monopólio nos EUA.

<sup>295</sup> FICO, Carlos op. cit., p. 24.

embate militar e deixando os outros países desacreditados da ajuda norte-americana. O bloqueio não foi ideia exclusiva de Kennedy. Em conversas com Eisenhower e Rockefeller, “indicam este propósito: o provável bloqueio de Cuba”.<sup>296</sup>

Mas, diferente de Eisenhower, Kennedy estava com olhos abertos ao continente. Sua política estava focando na ajuda dos países sulistas. Brigou com seus secretários e discutiu a importância de ter os vizinhos próximos, não em distância, mas em ideologias, economias, objetivando uma maior interação.

Sem opções, a Bolívia estava planejando um acordo com o governo cubano. Em julho, ao visitar o país andino, Adlai Stevenson, embaixador americano, foi recebido com manifestações pró-comunistas. Para Pearson, “A razão da falta de cordialidade do povo boliviano deve-se em parte à política dos Estados Unidos”.<sup>297</sup> Apesar dos grandes investimentos no país, a cordialidade de Castro ganhava fama e estava contagiando o continente.

No Brasil, Jânio Quadros criava um programa anti-inflacionário, com finalidade de frear a inflação alimentada no governo JK. Inicialmente, reduziu os subsídios da gasolina e do trigo que, como resultado, acarretou o aumento de itens de primeira necessidade, como pão, passagens de ônibus e transporte em geral, além de cortar os anúncios nos *Diários Associados*. “Essas reformas contribuíram para obter a aprovação do FMI, dando a Quadros o pré-requisito para negociação das dívidas, coisa que Kubistchek não conseguira”.<sup>298</sup>

O governo Jânio não era visto com bons olhos pelos *Diários Associados*. Foram oito intensos meses de governo. O Grupo Associado corria o risco de ser fechado pelo governo. Constantemente, eram censurados, tendo que medir as palavras e os textos. Nasser relatou, sobre o governo Jânio, que:

O remédio era calar, até que sua esquizofrenia viesse a um período de crise. Portanto, numa triste demonstração de covardia profissional só podíamos falar por metáforas. Falando claramente, não apenas o povo não acreditaria, como o homem poderia vir a fechar isto aqui como se fosse a rinha de galo de seus complexos.<sup>299</sup>

O período que Jânio Quadros ficou à frente do governo pode ser caracterizado como início do fim do Império Associado criado por Chatô. Para Moraes, o “império começou a

<sup>296</sup> *O Cruzeiro*, 13 maio 1961. A lei contra os monopólios nos EUA

<sup>297</sup> *O Cruzeiro*, 12 ago. 1961. A visita de Stevenson a Bolívia

<sup>298</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 240.

<sup>299</sup> CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Ed. Senac, 2001, p. 398.

morrer antes de Assis Chateaubriand. Desde o final do governo Juscelino, passados sete anos, portanto, não entrava um cetil de dinheiro público, seja nos *Diários Associados*, seja na trapizonga<sup>300</sup> de dezenas de empresas, fazendas e organizações.<sup>301</sup>

Como parte que contou a história, *O Cruzeiro*, no período de janeiro a agosto de 1961, começou uma nova fase. Se Aciolly Netto comentou que nos primeiros vinte anos a revista não deu lucro, agora, em 1961, essa fase estava voltando. Com novos concorrentes no mercado, novos semanários e, principalmente, com a formação de grupos de comunicação, *O Cruzeiro* começou uma fase de decadência.

Drew Pearson, no ano de 1961, não citou uma só vez o governo de Jânio Quadros. A coluna *Carrossel do Mundo* estava focada em um único assunto: comunismo. Em qualquer abordagem, seja no continente africano, seja no asiático, ou naquele momento, no americano, os soviéticos tinham um objetivo: criar pontos estratégicos e colocar os Estados Unidos no meio.

Pearson definiu o período publicando que:

A influência russa alcançou uma área que Stalin concordara em que ficasse reservada aos Estados Unidos: América Latina. Os russos podem considerar Cuba um satélite virtual. Realizaram, ainda, uma certa penetração no Brasil. Na África, região que Stalin concordara reservar para a Inglaterra, os russos mantêm quinhentos peritos na Guiné; forneceram a Nasser aviões, tanques e submarinos. Exercem certa influência no Congo, e tem seus aviões MIGS nas mesmas bases construídas pelos Estados Unidos.<sup>302</sup>

Em 1961, Drew Pearson representava positivamente o governo de John Kennedy. Escreveu e analisou o cenário mundial, mas, sobretudo, foi incisivo no novo governo norte-americano. Demonstrou vários assuntos que mancharam Eisenhower. Já sobre Kennedy, relatava e falava dos problemas encontrados na nova administração e, ainda, argumentava de maneira positiva as peculiaridades do novo governo democrata.

<sup>300</sup> s.f. Bras. Pop. Mixórdia, confusão ou desordem de coisas. Porção de trastes miúdos. IN; <http://www.dicio.com.br/trapizonga/>.

<sup>301</sup> MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994. p. 675.

<sup>302</sup> *O Cruzeiro*, 29 jul. 1961. As três zonas de influência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrarmos esse processo de pesquisa, acreditamos ter contribuído para conhecer um pouco mais da revista *O Cruzeiro* do contexto do período 1959-1961 através dos artigos do jornalista Drew Pearson.

Antes de chegar ao *O Cruzeiro*, Pearson escreveu livros, dirigiu programas de rádio e foi colunista de um dos maiores jornais dos Estados Unidos, *The Washington Post*, além de ser colaborador em vários outros veículos de imprensa norte-americanos e de outros países.

Pearson publicava semanalmente na revista *O Cruzeiro* desde o ano de 1947. Foram 17 anos de artigos que refletiram a posição do capitalismo norte-americano em relação à política externa norte-americana e aproximaram o leitor brasileiro dos acontecimentos da chamada Guerra Fria. De nacionalidade norte-americana, como os anunciantes da revista, dentre os quais podemos citar Chevrolet, Texaco, Ford, RCA Victor, Hollywood, Pearson preenchia os requisitos simbólicos de aproximação com a potência norte-americana que o periódico desejava.

O momento em que Pearson chegou à revista condizia com o momento de ascensão dos *Diários Associados*. Era um período de transição e novidades nos meios de comunicação, como a televisão. Ao apresentar Drew Pearson aos leitores, Assis Chateaubriand criava um novo símbolo norte-americano, pautado nas suas ideias e crenças. Trazia em Pearson a referência na política internacional.

O imaginário capitalista reforçado por Pearson não se limitaria aos textos e às linhas transcritas na coluna. A partir do momento que Chatô abriu espaço para o colunista, estava dando liberdade e legitimando o poder, colocando nas páginas da revista um formador de opinião com base nos valores norte-americanos.

Os assuntos eram ligados diretamente com política, geralmente com foco e relação aos Estados Unidos. A maneira com que escrevia e o modo de escrever não eram direcionados para uma massa da sociedade, mas para grupos sociais com maior intelectualidade.

Os argumentos abordados referiam-se, principalmente, à economia, à política e à cultura norte-americana. O autor falava, criticava e argumentava sobre assuntos que seriam de interesse da sociedade capitalista, detentora de um maior poder aquisitivo e interesses econômicos e sociais de alto escalão.

Em termos cronológicos, o ponto de partida da pesquisa foi a Revolução Cubana. Marco do avanço das ideias socialistas sobre a América, os acontecimentos na ilha marcaram as páginas da coluna *Carrossel do Mundo*, escrita pelo norte-americano Pearson, que se

dedica a entender quem eram os revolucionários. Tratando de levantar um perfil sobre Fidel Castro, considerou, nesse momento inicial, que a revolução seria mais uma das muitas havidas nas republiquetas caribenhas. A relação de Drew Pearson com a revolução cubana em 1959 começou lenta. Apenas em maio ele proferiu seu primeiro discurso acerca de Cuba.

Os desdobramentos posteriores e a aproximação com a União Soviética alteraram significativamente a percepção de Pearson sobre a revolução. O jornalista passou a explicar o fenômeno a partir da constatação da própria debilidade norte-americana no trato com o continente. Atribuindo ao governo Eisenhower considerável grau de ineficiência em termos de política externa, identificou, nas ações do Secretário de Estado, John Foster Dulles, a equivocada estratégia de tratamento com os países latino-americanos.

A União Soviética, naquele momento de 1959 de postura neutra, foi a grande pauta de Pearson, sendo comentada em 25 semanas. Ao contrário de Cuba, a União Soviética representava perigo havia anos. O próprio Pearson descrevia os Estados Unidos como potência de segunda classe, com base no grande avanço militar, tecnológico e espacial soviético.

O último ano da década começou com o governo norte-americano enfrentando, além de desavenças internas, uma crise tecnológica e militar. O esquecimento do continente americano era preocupante, assim como o crescimento soviético em tecnologia, seja ela espacial ou nuclear. A consequência disso poderia ser avaliada em um futuro próximo, quando a URSS tentou explorar o continente com a finalidade de criar novos parceiros.

A crise interna do governo norte-americano pautou a coluna *Carrossel do Mundo* em onze edições. Pearson destacou em sua coluna que o crescimento soviético estava inferindo diretamente no governo norte-americano.

Em seu último ano de governo, Eisenhower mostrou-se mais interessado pelo continente. O que vimos na coluna *Carrossel do Mundo* foram oito semanas em que Cuba se posicionava acerca da conjuntura política do período. A política externa norte-americana recebeu maior ênfase do jornalista, foram sete semanas. A União Soviética liderava os assuntos. Assim como ocorrido em 1959, os soviéticos foram o tema principal de Pearson, retratando as dificuldades norte-americanas e principalmente os avanços russos.

A análise dos artigos demonstrou que, nesse momento de acirramento da Guerra Fria, o presidente norte-americano, Eisenhower, e o soviético, Krushev, estavam dispostos a evitar embates militares. Essa postura seria alterada com a posse de Kennedy.

Pearson registrou os esforços do democrata Kennedy em estabelecer uma tática diferente a de seu antecessor em relação aos países americanos. A administração de

Eisenhower havia desenvolvido os EUA internamente, porém, em termos de política externa, esquecera o continente.

Como resultado, a coluna *Carrossel do Mundo* diagnosticou com alarde a possibilidade de os EUA tornarem-se uma “potência de segunda classe”. No seu próprio sistema de poder capitalista, países de sua órbita passavam a considerar aproximações com a URSS. Nesse momento, os soviéticos investiram em propostas de auxílio financeiro e novas relações comerciais começaram a surgir e ameaçar a hegemonia norte-americana.

Pearson registrou que, diferente de Eisenhower, Kennedy estava com os olhos abertos ao continente. Sua política estava focando na ajuda dos países sulistas. Brigou com seus secretários e discutiu a importância de ter os vizinhos próximos, não em distância, mas sim, em ideologias, economias, objetivando uma maior interação.

A coluna *Carrossel do Mundo* esteve focada, nesse período, em um único assunto: comunismo. As abordagens de Pearson remetiam ao contexto da Guerra Fria praticamente em todos os seus artigos. Afirmava que a influência russa havia alcançado uma área que Stalin concordara em que ficasse reservada aos Estados Unidos: América Latina. Os russos podem considerar Cuba um satélite virtual e haviam realizado, ainda, certa penetração no Brasil.

Em 1961, Cuba já estava apoiando o lado comunista. Pearson comentou sobre a ilha em seis semanas. Foram 11 semanas articulando sobre o governo Kennedy, das quais, em nove, Drew Pearson destacou política interna norte-americana. No primeiro ano do governo Kennedy, como era de costume, o jornalista fez apresentações e propôs discussões sobre os novos personagens.

O que se manteve fiel foram os temas abordados com a URSS. Acerca disso, Drew Pearson formalizou 15 semanas sobre a União soviética. O foco agora era o embate militar. Ao contrário de Eisenhower, Kennedy provocava e fazia entender que queria a guerra. Foram ao todo, 15 semanas discutindo, e na maioria delas, apontando um possível e aparentemente inevitável embate militar.

As imagens mostradas por Pearson em seus artigos são representações a respeito dos fatos selecionados por ele. Constituem percepção da realidade sobre os acontecimentos, não apenas os reproduzindo e sim interpretando-as à luz de sua posição de jornalista norte-americano, vinculado, como supomos, ao Partido Democrata. Traduzem, ainda, um dos momentos de maior acirramento da Guerra Fria, que envolveu a opção cubana pelo regime comunista alinhado a URSS e seus reflexos no continente.

As percepções de Pearson foram estampadas semanalmente em *O Cruzeiro*, cujo proprietário, Assis Chateaubriand, para além de sua postura ideológica, dependia, em larga escala, da propaganda veiculada por grandes empresas norte-americanas.

A realidade proposta por Pearson era de uma intensa batalha. Seus textos representam a ideologia norte-americana, a defesa do capitalismo. Isso, porém, não foi feito de forma a-crítica. Pearson buscava nos equívocos políticos internos dos governos norte-americanos as causas do avanço das ideias socialistas sobre a região latino-americana.

Como jornalista de destaque dentro e fora dos EUA, Pearson era formador de opinião, de costumes, de tendências sociais e econômicas. Juntamente com os anúncios de empresas transnacionais norte-americanas, Pearson também se tornou um produto norte-americano em *O Cruzeiro*.

Nesse sentido, de 1959 a 1961, Drew Pearson mostrou, julgou, acompanhou a política internacional. Fortaleceu o imaginário brasileiro sobre os EUA, estampando na revista a ideia de que o continente estava ameaçado pelo comunismo e a percepção de que o ápice da bipolarização poderia ser o enfrentamento nuclear entre EUA e URSS.

Ainda há muito a ser pesquisado sobre a inserção de Drew Pearson em *O Cruzeiro*. Esta dissertação teve o objetivo de iniciar a discussão sobre a influência de Drew Pearson na imprensa brasileira. Estamos cientes de que ainda há muitas variáveis de pesquisa possíveis e esperamos que novas pesquisas sejam desenvolvidas a partir dessa primeira contribuição.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de et al. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AGGIO, Alberto et al. *Política e sociedade no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Annablume, 2002.
- AMERICAN UNIVERSITY LIBRARY. *Biography of Drew Pearson*. Disponível em: <<http://www.library.american.edu/pearson/biography.html>>. Acesso em: 05 dez. 2012.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A formação do império americano: a guerra contra a Espanha à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BEZERRA, Gustavo H.M. *Brasil, Cuba: Relações político-diplomático no contexto da Guerra Fria (1959-1986)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.
- BARATA, Mario. *A Presença de Assis Chateaubriand na vida brasileira*. São Paulo. MARTINS. 1970.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- BLOCH, Arnaldo. *Os Irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CARNEIRO, Glauco. *Brasil, Primeiro: história dos diários associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas. David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.
- CERVO, Amado Luiz. *O desafio internacional: a Política Exterior do Brasil*. Brasília: UNB, 1994.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. São Paulo: Ática. 1992
- CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1988.

\_\_\_\_\_. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI – XVIII*. São Paulo: Unesp, 2007.

CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Artigos publicados em jornais no ano de 1952. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

CHATEAUBRIAND, *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Artigos publicados em 1959. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand. 2000.

CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Artigos publicados em jornais no ano de 1960. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Helouise. “Um olhar que aprisiona o outro: o retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista *O Cruzeiro*”. *Imagens*. Campinas, v. 1, p. 82-91, 1994.

DE LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (Re) Vista(s) do Brasil: (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

EMERY, Edwin. *Introdução à comunicação de massa*. São Paulo: Atlas, 1973.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: USP, 2002.

FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

HEINSFELD, Adelar. *Sob a inspiração de Clio: uma introdução ao estudo da história*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2012.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem. 2006.

GUILHERME, Olympio. *URSS & USA*. Rio de Janeiro: Livraria do Prado. 1955.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Globalização, Democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

IGLÉSIAS, Francisco. Momentos democráticos na trajetória brasileira. In: JAGUARIBE, Helio et al. *Brasil, sociedade democrática*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

IMAGINÁRIO, O Disponível em:

<http://www.librarything.com/series/Enciclop%C3%A9dia+Einaudi>. Acesso em 20 dez. 2013.

KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2011.

KRUSCHIOV, Nikita. *O imperialismo, inimigo dos povos, inimigo da paz*. Rio de Janeiro. Vitória, 1963.

\_\_\_\_\_. *Impedir a guerra é a tarefa fundamental*. Rio de Janeiro. Vitória, 1963.

\_\_\_\_\_; TATSCH, Flavia Gali. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MEDEIROS, José. *50 anos de fotografia*. Rio de Janeiro: Funarte/Infoto, 1986.

MELO, José Marques de. *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.

\_\_\_\_\_. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

MEYRER, R. Marlise. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro*. (1955-1957). 2007. (Tese) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, Porto Alegre, 2007.

MEMÓRIA VIVA. Dezenas de edições de *O Cruzeiro*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

MCMahon; Robert J. *Guerra Fria*. Porto Alegre: L&PM, 2012

MOREL, Marcos. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

LEWIN, Moshe. *O Século Soviético: Da revolução de 1917 ao colapso da URSS*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NETTO, Accioly. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

- NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Stele. *Breve História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Alfa-Omega. 1986.
- PEARSON, Drew. *O senador*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969.
- \_\_\_\_\_; ANDERSON, Jack. *USA: potência de segunda classe?* São Paulo: Bestseller, 1959.
- PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história Concisa*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 2002.
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Cuba e o Brasil: da Revolução ao Golpe (1959-1964)*. Belo Horizonte: UFMG. 1988.
- RABACA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- REMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2003.
- REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, n. 31, 2003.
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: Processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo. Schwarcz, 2007. RODRIGUES, José Honório; SEITENFUS, Ricardo A.S. *Uma história diplomática do Brasil (1531-1945)*; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História da imprensa no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.
- ROMANELLO, Jorge Luis. Uma história da revista *O Cruzeiro* 1930-1960. In: GAWRYSEWSKI, Alberto. *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- SERPA, Leoni Teresinha Vieira. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2003.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STRAUBHAAR, Joseph. LAROSE, Robert. Comunicação, Mídia e Tecnologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo. Companhia de Letras. 2000.

s.f. Bras. Pop. Mixórdia, confusão ou desordem de coisas. Porção de trastes miúdos. IN; <http://www.dicio.com.br/trapizonga/>.

TRUMAN, Harry. Áudio Disponível em: <http://www.trumanlibrary.org/audio/audio.htm>  
Acesso em: 09 jun. 2013.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

VINZENTINI, Paulo G. *Relações internacionais e desenvolvimento: o nacionalismo da Política Externa Independente (1951- 1964)*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WAIMBERG, Jacques A. *Império de palavras*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

ZIGON, Carlos. *Jânio Quadros não renunciou*. Porto Alegre: C. Zigon, 1990,

### **Fontes consultadas**

*O Cruzeiro*, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1928 a 1961